

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

LETÍCIA CASAGRANDE OLIVEIRA

**ESTRATÉGIAS DE PARENTOCRACIA NA ESCOLARIZAÇÃO DE AGENTES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA: UM ESTUDO SOBRE A PRESENÇA DE PROFESSORES
PARTICULARES**

CAMPO GRANDE – MS

2016

LETÍCIA CASAGRANDE OLIVEIRA

**ESTRATÉGIAS DE PARENTOCRACIA NA ESCOLARIZAÇÃO DE AGENTES DA
ESCOLARIZAÇÃO BÁSICA: UM ESTUDO SOBRE A PRESENÇA DE
PROFESSORES PARTICULARES**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Orientadora: Profa. Dra. Jacira Helena do Valle Pereira Assis.

CAMPO GRANDE – MS

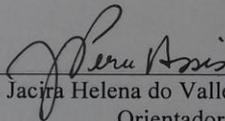
2016

Letícia Casagrande Oliveira

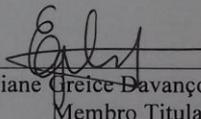
**ESTRATÉGIAS DE PARENTOCRACIA NA ESCOLARIZAÇÃO DE
AGENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM ESTUDO SOBRE A
PRESENÇA DE PROFESSORES PARTICULARES**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação,
do Centro de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
como requisito final para a obtenção do título de Mestre.

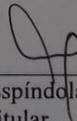
COMISSÃO EXAMINADORA



Profª. Dra. Jacira Helena do Valle Pereira Assis - UFMS
Orientadora



Profª. Dra. Eliane Gréice Davanço Nogueira - UEMS
Membro Titular



Profª. Dra. Ana Lúcia Espíndola - UFMS
Membro Titular

Campo Grande - MS, 18 de abril de 2016

Oliveira, Letícia Casagrande.

Estratégias de parentocracia na escolarização de agentes da Educação Básica: um estudo um sobre a presença de professores particulares. Letícia Casagrande Oliveira. – Campo Grande, MS: UFMS, *Campus* de Campo Grande, 2016.

141 p.

Orientadora: Jacira Helena do Valle Pereira Assis

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* de Campo Grande, 2016.

1) Família; 2) Parentocracia; 3) Escola; 4) Professor Particular.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que esteve ao meu lado durante todo o processo de elaboração da pesquisa. Tenho total confiança em todos os planos que Ele tão carinhosamente tem pra mim. Sei que tudo que vivenciei nesse período foi por Ele abençoado, e nada que eu possa escrever nesse momento será capaz de descrever o quanto sou feliz e grata por tê-lo em minha vida.

Aos meus pais, Vanildo e Gemair, por terem sido grandes exemplos em minha vida. Agradeço por todo o incentivo que me deram, por terem acompanhado de perto cada momento dessa trajetória. Sei que muitas vezes vocês me fizeram prioridade em suas vidas, cuidando de cada detalhe, para que tudo desse certo. Obrigada por nunca desistirem e por acreditarem em mim e em tudo que posso me tornar! Agradeço também meu irmão, que mesmo estando longe sempre demonstrou seu apoio.

Agradeço aos meus amigos por terem sido, sempre que precisei, uma fonte inesgotável de alegria e companheirismo. Nos momentos de desânimo, foi em vocês que encontrei conforto. E muitas vezes, foram vocês que me deram forças para continuar. Obrigada por compartilharem comigo tantos momentos! Tê-los por perto é um presente.

Agradeço a todos os meus professores, em especial à minha orientadora Prof^a Dr^a Jacira Helena do Valle Pereira Assis, que me incentivou a seguir esse caminho e por proporcionar tantas oportunidades em minha trajetória acadêmica. Agradeço por sempre ter algo a ensinar e por acreditar que eu seria capaz de desenvolver essa pesquisa.

Agradeço também a todos que participaram da pesquisa.

RESUMO

Essa pesquisa insere-se na lacuna dos estudos acadêmicos acerca das ações da família na trajetória escolar de seus filhos. O foco da pesquisa é a presença de professores particulares como uma estratégia das famílias para garantir que seus filhos obtenham sucesso na trajetória escolar. A perspectiva teórica adotada deriva dos estudos de Pierre Bourdieu e seus interlocutores. O objetivo principal é o de identificar e analisar as expectativas e os reais benefícios/vantagens da presença do professor particular no processo de escolarização dos agentes – estudantes de educação básica. A metodologia da pesquisa teve como etapa inicial o levantamento bibliográfico sobre o tema investigado, seguido de entrevistas com famílias, professores particulares e gestores de instituições que oferecem os serviços de reforço e acompanhamento escolar em Campo Grande/MS. Diante das diversas possibilidades de investimento na escolarização de seus filhos, que as famílias possuem a partir do mercado escolar, percebe-se cada vez mais um envolvimento dos pais na trajetória escolar dos estudantes. Assim, estratégias são desenvolvidas e novos elementos são colocados à disposição dos estudantes para o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem. Foi possível compreender que o professor particular é entendido pelas famílias como uma forma de garantir aos filhos que tenham um acompanhamento escolar. Em síntese, o atendimento individual que desenvolvem com os alunos é visto como o principal benefício entre aqueles que contratam e oferecem aulas particulares.

Palavras-chave: Família; Parentocracia; Escola; Professor Particular

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Professor Particular – BDTD	12
Quadro 2 – Aulas Particulares – BDTD	13
Quadro 3 – Acompanhamento Escolar – BDTD	14
Quadro 4 – Sujeitos da Pesquisa	19
Quadro 5 – Caracterização dos Professores Entrevistados	82
Quadro 6 – Caracterização das Famílias Entrevistadas	95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I	29
ESTRATÉGIAS FAMILIARES: EM QUESTÃO O SUCESSO ESCOLAR	29
1.1 Meritocracia e sucesso escolar	30
1.2 Parentocracia e novas estratégias na obtenção do sucesso escolar	42
1.3 O cultivo orquestrado e sua influência na trajetória escolar	52
CAPÍTULO II	57
MERCADO ESCOLAR E PROFESSORES PARTICULARES NA FORMAÇÃO DE AGENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	57
2.1 Estratégias de marketing e os professores particulares: o caso de Campo Grande – Mato Grosso do Sul	59
2.2 Escolas de professores particulares em Campo Grande/MS: alternativa em busca do sucesso escolar?	72
2.2.1 O trabalho dos professores e suas particularidades	81
CAPÍTULO III	93
SUCESSO ESCOLAR E PROFESSORES PARTICULARES: UM ESTUDO DE CASO DE AGENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM CAMPO GRANDE/ MS	93
3.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa	93
3.2 A franquia de professores particulares em Campo Grande/MS: a ótica de uma família ...	96
3.3 O que as famílias têm a dizer sobre o professor particular em Campo Grande/MS	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	127
APÊNDICES	135
ANEXOS	141

INTRODUÇÃO

Delimitação do estudo e trajetória de pesquisa

Para apresentar e justificar a proposição do tema desta pesquisa, inicialmente faço um breve relato sobre minha trajetória acadêmica que teve seu início no ano de 2010, quando ingressei no curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Durante a disciplina Fundamentos Sociológicos da Educação, contatei com diversos referenciais teóricos e seus principais representantes, dentre estes, Pierre Bourdieu e outros autores que derivam de sua obra.

A referida disciplina possibilitou um primeiro contato com a teoria bourdieusiana, mas minha relação com Bourdieu e seus interlocutores se estreitou quando comecei a participar do Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia e Sociologia da Educação (GEPASE/UFMS), coordenado pela Prof^a Dr^a Jacira Helena do Valle Pereira Assis.

O grupo estava realizando a pesquisa intitulada “Estratégias familiares na escolha de estabelecimentos escolares: as relações entre famílias e escolas na produção do sucesso escolar em Campo Grande/MS (CNPq 2012-2015)”. A convite da professora Jacira, tornei-me bolsista de iniciação científica financiada pelo CNPq, nos anos de 2012 e 2013. Desenvolvi um plano de trabalho denominado “Famílias e escolas de prestígio em Campo Grande/MS: as estratégias para ampliação dos capitais cultural, social e escolar de estudantes do ensino médio”.

Os resultados foram apresentados num artigo e no Trabalho de Conclusão de Curso denominado: “Estratégias de famílias e escolas de prestígio em busca da ampliação de capitais em Campo Grande/MS”. Ao iniciar o referido percurso investigativo, identifiquei que uma das estratégias desenvolvidas pelas famílias em busca da ampliação do capital escolar de seus filhos residia na contratação de professores particulares.

Durante a banca de qualificação, uma das questões propostas foi a de relatar qual era a minha localização no tema proposto pela pesquisa. A partir disso, fiz uma reflexão sobre a minha trajetória escolar e os caminhos que me levaram ao curso de Pedagogia e posteriormente ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS. Nessa reflexão

percebi que posso considerar que as estratégias desenvolvidas por meus pais foram fundamentais para a trajetória que venho percorrendo.

Quando eu estava cursando o terceiro ano do Ensino Médio, antes mesmo de definir qual seria o curso escolhido para prestar vestibular, minha mãe, mesmo contra minha vontade, me matriculou em um cursinho pré-vestibular. Depois disso, diante da indecisão da escolha do curso, ela dedicava grande parte de seu tempo falando sobre a área da educação, que segundo ela, era uma área cheia de oportunidades para o mercado de trabalho, e que me daria uma estabilidade.

Depois da aprovação no vestibular e ingresso no curso de Pedagogia, logo no primeiro ano, comecei a ouvir que quando chegasse ao último ano da faculdade eu deveria fazer a prova de seleção do Mestrado em Educação. Durante os quatro anos de faculdade, esses diálogos eram frequentes. Além disso, os investimentos realizados tanto na minha trajetória escolar, quanto na do meu irmão, sempre foram uma prioridade em nossa casa.

Portanto, considero que meu interesse pelo estudo das estratégias desenvolvidas pelos pais venha da consciência de que elas são reais, pois vivenciei essas experiências constantemente. A percepção dessa realidade aconteceu a partir dos estudos desenvolvidos durante a graduação e nas reuniões do grupo de estudos, já que em muitos momentos foi possível um reconhecimento da minha história familiar nos materiais estudados.

Por “estratégia” compreendo as ações dos agentes que visam a um objetivo. No caso das estratégias pensadas pelos pais sobre a educação de seus filhos, percebemos que essas ações são resultados de uma preocupação com o bem-estar futuro desses filhos. Segundo Bourdieu, as estratégias são ações que “[...] os agentes sociais desenvolvem na conduta comum de sua existência.” (BOURDIEU, 2008, p. 693).

Os agentes desenvolvem suas estratégias a partir das condições a que estão submetidos no momento em que a ação a ser tomada ocorre. As estratégias, a partir do conceito de Bourdieu, não podem ser entendidas como ações friamente calculadas e previsíveis. O autor apresenta “[...] a ideia de estratégia como orientação da prática, que não é nem consciente e calculada, nem mecanicamente determinada.” (BOURDIEU, 2014, p. 36).

Na elaboração do anteprojeto de pesquisa para a entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Mato do Sul (PPGEdu/CCHS/UFMS), desenvolvi algumas buscas iniciais em bancos de dados digitais sobre trabalhos que tratassem da presença de professores particulares na escolarização de agentes e percebi que, apesar de

ser uma prática comum, a contratação de professores particulares não é objeto de pesquisa frequente na área da Educação. Diante dessa lacuna, apresentei o anteprojeto e, após o ingresso no PPGEduc, foi possível elaborar o projeto de pesquisa final que deu origem a esta dissertação.

O foco da pesquisa é a presença de professores particulares como uma estratégia das famílias para garantir que seus filhos obtenham sucesso na trajetória escolar. O objetivo principal é o de identificar e analisar as expectativas e os reais benefícios/vantagens da presença do professor particular no processo de escolarização dos agentes – estudantes de educação básica. O referencial teórico utilizado em minhas investigações é o de Pierre Bourdieu e seus interlocutores. Busco, na teoria bourdieusiana, elementos que possibilitem a compreensão das ações desenvolvidas pelos agentes nos diferentes campos que estes ocupam socialmente.

A partir dessas considerações, proponho a seguinte questão para orientar a pesquisa: **quais as expectativas e os reais benefícios/vantagens das famílias ao introduzirem o professor particular no processo de escolarização de seus filhos?** Trabalho com a hipótese de que a presença do professor particular pode ter duas vertentes: primeira, como um reforço de aprendizagem. Nessa primeira hipótese, o professor atuaria como um auxílio para o agente-estudante que está com dificuldade de aprendizagem. A segunda vertente que formulei sobre a presença do professor particular coloca esse agente como uma resposta a uma insatisfação da família com a forma como a escola trabalha os conteúdos curriculares. Se a família entende que a escola não dá conta dos conteúdos, o professor particular aparece como uma alternativa para complementar o trabalho desenvolvido por ela e dar uma “vantagem” a esse agente-estudante, que aprenderá mais sobre o conteúdo.

Percurso metodológico

Ao escolher como foco da pesquisa a figura do professor particular, refinei as buscas em bancos de dados para identificar como esses serviços estavam sendo oferecidos na cidade de Campo Grande/MS. Além de telefones para contato direto com os professores, encontrei uma franquia que oferece aulas particulares e reforço escolar. Meu interesse por essa instituição se deu por perceber uma mudança na forma como o professor particular está posto no mercado escolar. Após a banca de qualificação, continuei buscando sujeitos para a pesquisa

e também por meio de buscas na internet encontrei uma professora proprietária de um Centro de Ensino de Aulas Particulares. Apesar de ser uma instituição de menor porte, considerei que essa professora, assim como a franquia, coloca-se no mercado de uma forma diferente do que a considerada como tradicional.

Para o desenvolvimento da pesquisa, realizei o levantamento da produção nos sites da Scientific Electronic Library Online – *SciELO*¹ e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – *BDTD*². Defini alguns descritores e selecionei alguns trabalhos que pudessem contribuir com a pesquisa.

Para o critério de escolha dos trabalhos, defini que, além de estarem relacionados ao objeto de pesquisa, seguissem a perspectiva teórica adotada. Para selecionar os trabalhos que iriam compor meu levantamento bibliográfico, o primeiro critério de seleção das produções foi a leitura do título dos trabalhos, seguida da leitura dos resumos, que permitiria saber se o trabalho encontrado estaria relacionado ao tema da minha pesquisa e se seguiríamos a mesma perspectiva teórica.

Essa etapa da pesquisa demandou muito tempo, mas foi possível realizá-la durante a disciplina “Seminário de Dissertação”, que tinha como objetivo justamente proporcionar aos alunos um tempo para o levantamento bibliográfico sobre o tema estudado na pesquisa de cada um.

O primeiro descritor utilizado foi “**professor particular**”. No site da BDTD, obtive como resultado 1.683³ trabalhos. Destes, somente dois se encaixavam nos critérios de escolha.

Quadro 1: “Professor Particular” - BDTD

Tipo/Instituição	Ano	Título	Autor	Palavras-chave do trabalho
Dissertação/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2007	Representações sobre o processo de ensino-aprendizagem de inglês: uma análise das práticas discursivas de uma aluna na aula particular	Annemarie de Morais Heltai Lima	-

¹ Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>.

² Disponível em: <<http://bdttd.ibict.br/>>.

³ O site da BDTD só permite o acesso dos primeiros 500 trabalhos.

Dissertação/ Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo	2013	Aluno “difícil”: por quê? Para quem?: um olhar para a educação escolar contemporânea a partir da relação professor-aluno	Diana Ribeiro Tatit	Criança-problema; interação professor aluno; educação escolar básica; comportamento na sala de aula; ensino e aprendizagem; ensino fundamental
---	------	--	---------------------	---

Fonte: BDTD.

Organização: OLIVEIRA, 2014.

Ao utilizar o descritor “professor particular” no site da SciELO, o resultado foi de 64 trabalhos. Apesar de nenhum deles atender aos critérios de escolha, encontrei no trabalho de Santos (2012) um elemento que pode indicar um dos motivos que levam um professor a escolher trabalhar na condição de professor particular. Para a referida autora, essa escolha é uma forma de “[...] acrescentar outras fontes de renda às baixas remunerações, a partir de consultorias, de **aulas particulares** e da ‘venda de serviços acadêmicos’”. (SANTOS, 2012, p. 237, grifo nosso).

Diante dos poucos resultados encontrados, defini novos descritores que pudessem levar até os trabalhos que atendessem aos interesses da investigação. Utilizei o descritor “**Aulas Particulares**” nos dois sites e novamente os resultados encontrados foram poucos. No site da SciELO, a busca apontou 11 trabalhos, mas nenhum correspondia aos critérios. No site da BDTD, dos 828 trabalhos, somente 2 foram aproveitados para a pesquisa.

Quadro 2: “Aulas Particulares” - BDTD

Tipo/Instituição	Ano	Título	Autor	Palavras-chave do trabalho
Dissertação/ Faculdade de Educação PUCRS	2013	Investigação sobre as formas de preparação para o ingresso no ensino superior: uma educação na sombra ou uma sombra na educação?	Nadia Studzinski Estima de Castro	Educação, Educação na sombra, Tutoria Privada, Capital Cultural, Novos Herdeiros.
Dissertação/ Universidade Estadual de Campinas	1995	O caráter perguntador do professor de língua estrangeira e a construção de identidades sociais em contexto de interação didática características de aulas particulares	Fernanda Landucci Ortale	

Fonte: BDTD.

Organização: OLIVEIRA, 2014.

O próximo descritor utilizado foi “**Explicadoras**”. Esse descritor foi encontrado no processo de elaboração do projeto de pesquisa para o ingresso no mestrado. Decidimos realizar novas buscas, pois esse termo foi de fundamental importância para a elaboração do projeto. No site da SciELO, não encontrei trabalho algum a partir desse descritor. Já no site da BDTD, encontrei quatro trabalhos e somente a tese de doutorado de Neves (2006) foi considerada relevante à pesquisa.

Busquei, ainda, pelo descritor “**Acompanhamento Escolar**” e notei que, no caso do *site* da BDTD, muitos trabalhos listados a partir desse descritor estavam relacionados a acompanhamento terapêutico ou por parte da escola. Algumas produções no sentido de acompanhamento da gestão escolar também apareceram com frequência. Encontrei 355 trabalhos e 4 foram selecionados.

Quadro 3: “Acompanhamento Escolar” – BDTD

Tipo/Instituição	Ano	Título	Autor	Palavras-chave do trabalho
Dissertação/Universidade do Oeste Paulista	2011	Efeito-escola, participação familiar e tutoria educacional na aprendizagem de alunos: um estudo de caso	Telma Aparecida Luciano Alves	Efeito-Escola; Participação Familiar; Tutoria Educacional; Produção Textual; Competência Escritora.
Dissertação/Universidade Regional de Blumenau	2009	Rendimento escolar das crianças das camadas populares: um estudo a partir dos modos de controle familiar	Schirley Sandra Schweder	Modos de Controle; Famílias Populares; Rendimentos Escolares.
Dissertação/Universidade Regional de Blumenau	2008	Falas e atravessamentos no discurso dos pais sobre participação na vida escolar dos filhos	Antonio Clóvis Gartner	Família; Escola; Participação; Tarefa Escolar.
Dissertação/Universidade Federal de São Carlos	2008	Práticas educativas familiares em meios favorecidos e vida acadêmica: o caso de uma escola da rede particular de ensino	Wendel Renato Ferraz	

--	--	--	--	--

Fonte: BDTD.

Organização: OLIVEIRA, 2014.

No caso desta pesquisa, interessa saber a ação da família em relação a esse aspecto, já que compreendo que, a partir do acompanhamento escolar realizado pela família, é possível identificar a necessidade do professor particular. No *site* da SciELO, o descritor “acompanhamento escolar” apresentou o resultado de 56 trabalhos e somente o de Resende (2012) atendia aos critérios de escolha.

Por meio do levantamento da produção, constatei que realmente há uma lacuna nas pesquisas da área de educação sobre os professores particulares. Em um dos poucos trabalhos encontrados no levantamento, tenho uma explicação para essa falta de produções.

Um dos motivos da falta de trabalhos dedicados ao contexto de aulas particulares pode ser o fato de predominarem aulas em grupos, em nossa realidade brasileira. Além disso, outro fator a ser considerado é a aparente similaridade entre aulas particulares e em grupos, o que dispensaria a necessidade de estudos no contexto específico de aulas particulares. (ORTALE, 1995, p. 5).

Apesar dessa similaridade apontada pela autora, acredito que existem diversas diferenças entre as aulas em grupo que acontecem nas escolas e nas aulas particulares. Uma dessas diferenças seria o atendimento individual, o que possibilita um contato mais direto com os problemas de aprendizagem dos alunos, dando ao professor a possibilidade de combater essas dificuldades.

Ainda como parte da metodologia adotada, realizei um levantamento de sites que oferecem o serviço do professor particular, buscando compreender quais são as características e objetivos propostos por esses professores ao se apresentarem como uma alternativa de reforço escolar.

Além do levantamento de dados e das considerações feitas a partir das buscas na internet por sites que ofereçam o serviço do professor particular, entrei em contato com uma

franquia⁴ que oferece serviços de professores particulares em Campo Grande/MS e realizei entrevistas com gestores, professores e famílias que levam seus filhos para as aulas com professores particulares nessa instituição. No caso do Centro de Ensino de Aulas Particulares, foi realizada uma entrevista com a professora proprietária do local que possibilitou compreender o funcionamento da instituição.

As entrevistas realizadas com as famílias tiveram como objetivo identificar como elas percebem a necessidade do professor particular e que tipo de expectativas elas têm em relação a esse profissional quando o contrata, bem como se há ou não reais benefícios/vantagens no processo de escolarização dos filhos. Já as entrevistas realizadas com os professores particulares tiveram como objetivo compreender como eles desenvolvem seu trabalho e que tipo de impressão têm das famílias que os procuram. As entrevistas realizadas com gestores objetivaram identificar o funcionamento das instituições, bem como sua relação com os pais e responsáveis pelos alunos.

Características gerais dos participantes da pesquisa

A ideia inicial era formar um grupo de sujeitos que tivessem uma relação direta com a franquia, visto que durante a elaboração do projeto de pesquisa ela foi a instituição que inicialmente despertou meu interesse por investigar as novas maneiras que os professores particulares encontram para manterem-se no mercado escolar. Assim, o grupo de professores seria formado por professores da franquia e o grupo das famílias seria formado por famílias que no momento utilizassem os serviços da franquia.

Após as discussões realizadas na banca de qualificação senti a necessidade de reorganizar a formação dos grupos que seriam entrevistados, e busquei também por sujeitos que não tivessem uma ligação direta com a franquia. A partir de novas buscas na internet, encontrei um Centro de Ensino de Aulas Particulares em Campo Grande/MS que também passou a ser lócus da pesquisa.

⁴ As instituições serão apresentadas com mais detalhes no segundo capítulo. Esta será denominada por nome fictício “Aulas Particulares”, sem semelhança com o nome original, a fim de preservar a identidade da instituição. O Centro de Ensino de Aulas Particulares também é um nome fictício.

Gestores da franquia: A franquia “Aulas Particulares” possui um quadro de gestores formado pelo proprietário do local, uma coordenadora pedagógica e uma secretária. Realizei entrevistas com o proprietário da instituição e com a coordenadora pedagógica⁵. As entrevistas foram realizadas com o proprietário Pedro, e a coordenadora pedagógica Taís. Pedro foi o segundo proprietário da franquia em Campo Grande. Durante a entrevista ele relatou que por ser amigo dos primeiros proprietários acompanhou todo o processo de aquisição da franquia e que se interessou pela compra por considerar que seria um bom investimento, já que ele é professor. Taís começou a trabalhar na franquia como professora e depois passou a atuar como coordenadora pedagógica por ter formação em psicopedagogia.

Gestora do Centro de Ensino de Aulas Particulares: No caso do Centro de Ensino de Aulas Particulares, a gestão é realizada somente pela professora proprietária da instituição, que será identificada como Ana, e que também compõe o grupo dos professores entrevistados. Ana relatou que antes de abrir o Centro de Ensino, dava aulas particulares na casa de alunos e também em escolas. Inicialmente ela conciliava o trabalho como professora particular com o trabalho nas escolas, porém quando a demanda de alunos que procuravam por aulas particulares começou a aumentar, Ana decidiu deixar as escolas para trabalhar somente com as aulas particulares.

Professores: O grupo foi formado por 4 professores, sendo 2 da franquia, 1 ex professor da franquia e uma professora proprietária do Centro de Ensino de Aulas Particulares. Um dos professores entrevistados que trabalha na franquia será identificado como Antônio, que dá aulas de Matemática, Física e Língua Inglesa na instituição “Aulas Particulares”. Ele ainda não possui uma formação acadêmica completa, mas atua como professor particular desde que era aluno do Ensino Médio. Atualmente, ele é acadêmico de Engenharia Civil. Além do professor Antônio, contei com a participação do professor André, que também atua na instituição. Encontrei o professor André por meio de pesquisas em redes sociais para encontrar professores particulares. Na descrição de seu perfil, ele informava que dava aulas na franquia, então entrei em contato e ele aceitou participar. André relatou que costuma dar aulas de todas as matérias, não possui formação em licenciatura, mas está na faculdade de Direito. Começou a atuar como professor particular quando ainda estava no Ensino Médio, dando aula

⁵ Os nomes fictícios e gêneros contribuem para não identificação dos entrevistados, portanto são aleatórios.

para as primas e depois passou a atuar em cursinhos e posteriormente na franquia. O professor Carlos não atua mais na referida instituição, mas trabalhou nesta quando entramos em contato para a realização da pesquisa. Esse professor é formado na área de Letras com habilitação em Língua Inglesa. Nenhum dos professores que possuem relação com a franquia foram indicados pelo proprietário ou pela coordenadora pedagógica para a etapa das entrevistas. O grupo ainda contou com a participação da professora Ana, que possui um centro de ensino destinado ao atendimento de alunos que procuram por reforço e acompanhamento escolar. Durante as buscas por sujeitos da pesquisa, encontrei a professora Ana também em uma rede social a partir do perfil criado na rede para o Centro de Ensino. Ela leciona há mais de dez anos e possui graduação em Direito e Letras.

Família: O grupo é composto por 4 famílias. Para formar o grupo das famílias, busquei por casos em que a contratação do professor particular fosse uma consequência das ações que os agentes desenvolvem a partir do acúmulo dos capitais econômico, cultural e social. O objetivo era identificar como a posse de diferentes tipos de capitais influencia os pais a introduzirem o professor particular na trajetória escolar dos filhos.

O capital econômico e o professor particular – A primeira entrevista realizada foi concedida por Isabel, que contratou os serviços da franquia para auxiliar o filho que possui diagnóstico de *déficit* de atenção. Essa família foi apresentada no relatório de qualificação. Durante a entrevista, Isabel informou que os gastos que tem com a contratação do professor particular são maiores do que os gastos com a escola em que o filho estuda. Considero que nesse caso, a posse do capital econômico foi um fator decisivo para que a presença do professor particular se concretizasse na trajetória escolar do estudante.

O capital cultural e o professor particular – Duas das quatro entrevistas realizadas foram concedidas por mães professoras. Nesses casos, foi possível identificar que a posse do capital cultural das mães Ângela e Laura foi um elemento que exerceu influência direta na decisão de contratar o professor particular. A aproximação das entrevistadas com a rotina escolar possibilitou que elas identificassem as dificuldades encontradas pelos filhos e buscassem uma forma de combatê-las. Além disso, a posse do capital cultural permitiu que elas desenvolvessem sobre a escolarização dos filhos um olhar diferenciado que surtiu na compreensão de que outros investimentos deveriam ser realizados para garantir que os estudantes não dependessem somente da escola para uma trajetória escolar de sucesso.

O capital social e o professor particular – na entrevista concedida por Júlia foi possível identificar de que forma o capital social dos agentes pode influenciar as famílias a contratar um professor particular para os filhos. No caso de Júlia, a decisão ocorreu após uma reprovação da filha e uma conversa com a cunhada que é professora. Júlia é cunhada de Ângela, que indicou que a presença do professor particular poderia evitar que a estudante reprovasse novamente. Nesse caso, o capital social foi um fator decisivo, visto que a partir da experiência vivenciada por um agente que faz parte do mesmo grupo social da entrevistada, o professor particular foi introduzido na trajetória escolar da estudante.

É importante esclarecer que as ações que os agentes desenvolvem não dependem apenas da posse de um tipo de capital, porém, nos casos analisados, os grupos foram divididos pelos fatores que se sobressaíam. Assim, na análise sobre a influência do capital econômico para a contratação do professor particular, os outros tipos de capitais não foram ignorados, o mesmo ocorreu nos outros casos.

Quadro 4: Sujeitos da pesquisa

Categoria	
Gestores da Franquia	Pedro – Proprietário
	Taís – Coordenadora pedagógica
Gestora do Centro de Ensino de Aulas Particulares	Ana – Proprietária
Professores	Antônio – Professor da franquia
	André – Professor da franquia
	Carlos – Ex professor da franquia
	Ana – Professora do Centro de Ensino de Aulas Particulares
Famílias	Isabel – Mãe de estudante que possui diagnóstico de <i>déficit</i> de atenção. Desde a primeira série do Ensino Fundamental a mãe realiza investimentos em professores particulares e outros elementos do mercado escolar para auxiliar o filho.

	<p>Ângela – Mãe de estudante que está cursando o segundo ano do Ensino Médio. O estudante conta com o auxílio de professores particulares desde o segundo ano do Ensino Fundamental. A decisão da contratação do professor particular surgiu a partir de uma conversa entre a mãe e a professora da escola em que o estudante estava matriculado. Por ser professora, Ângela buscou indicações com os colegas de trabalho para encontrar professores particulares para o filho. Durante a entrevista, ela relatou que sempre buscou por professores que tivessem dinâmicas diferentes do que as desenvolvidas durante as aulas na escola. O estudante ainda conta com os serviços de um professor particular quando necessário.</p>
	<p>Laura – Mãe de estudante que está no sexto ano do Ensino Fundamental. Laura relatou que mesmo sendo professora, considera importante a contratação de um professor particular, pois não tem domínio sobre alguns conteúdos estudados pela filha. A estudante começou a contar com o auxílio de professores particulares quando estava no segundo ano do Ensino Fundamental.</p>
	<p>Júlia – Mãe de estudante que teve aula com professor particular quando estava na segunda série do Ensino Fundamental. Atualmente a estudante está cursando o nono ano do Ensino Fundamental e não utiliza mais os serviços de um professor particular por considerar que os objetivos já foram atingidos.</p>

Organização: OLIVEIRA; 2016

Aportes teóricos da investigação

Estudos sobre a relação entre famílias e escolas tomam direções diversas, podendo contemplar diferentes perspectivas “[...] No campo da Educação, esse tema está presente em diferentes grupos temáticos como Movimentos Sociais e Educação, Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos [...]” (NOGUEIRA; ROMANELLI; ZAGO, 2010, p. 10). O tema explorado nesta pesquisa leva em conta as estratégias desenvolvidas pelas famílias para favorecer os filhos numa trajetória escolar de sucesso.

O professor particular é entendido como um dos meios encontrados para combater as possíveis dificuldades de aprendizagem dos estudantes. A possibilidade desse novo elemento na vida escolar é proporcionada por uma ação dos pais, a partir das condições de investimentos que estes possuem.

Essas condições estariam relacionadas ao habitus de classe e ao acúmulo de capitais de cada grupo social. Segundo Bourdieu, as ações dos agentes são resultados daquilo que é ensinado a eles desde muito cedo e que é interpretado como elemento natural da vida desse agente. Dessa forma, “[...] a posição de cada sujeito na estrutura das relações objetivas propiciaria um conjunto de vivências típicas que tenderiam a se consolidar na forma de um habitus adequado à sua posição natural.” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2014, p. 26).

Assim, as relações sociais estariam mediadas por esse pertencimento a uma classe social a partir do habitus do agente. Além de possuir os elementos necessários para pertencer a uma determinada classe, é necessário que o agente seja reconhecido dentro dessa classe, já que “[...] a identidade social define-se e afirma-se na diferença.” (BOURDIEU, 2007a, p. 164).

Em se tratando das relações escolares, o habitus levaria os agentes a determinadas escolhas e preferências que estes julgam como elementos importantes na trajetória escolar de seus filhos, que seriam definidos

[...] de acordo com a posição do grupo no espaço social, ou seja, de acordo com o volume e os tipos de capital detidos [...] certas estratégias se apresentariam como mais seguras e mais rentáveis, ao passo que outras comportariam mais riscos. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2014, p. 54).

Pode-se exemplificar os investimentos: a contratação de professor particular, a prática de intercâmbios, cursos de língua estrangeira, matrículas em escolas bilíngues, investimentos em materiais escolares oferecidos fora do espaço escolar (livros, apostilas, revistas educativas), entre outros elementos.

A possibilidade de acesso a esses novos elementos estaria relacionada às condições de investimentos que as famílias possuem. Essas condições são dadas não somente pelo acúmulo de capital econômico, mas também pelos capitais social e cultural de cada família. Considero, a partir da teoria de Bourdieu, que “[...] o mundo social é um espaço multidimensional, que não pode ser reduzido a um determinismo econômico de classe.” (VALLE, 2007, p. 123).

Cada tipo de capital representaria uma possibilidade de investimento na educação do agente. A ação do capital econômico na trajetória escolar talvez é a que pode ser vista com mais clareza. O capital econômico possibilita investimentos na educação dos filhos que começam na escolha da instituição escolar. As famílias com maiores acúmulos financeiros

possuem condições de matricular seus filhos em escolas particulares, além da aquisição de materiais didáticos que não são oferecidos pelas escolas.

O capital econômico refere-se aos [...] recursos materiais disponíveis, a renda e a riqueza material das famílias, que podem ser revertidos em acesso a outros bens e serviços, traduzidos em: moradia, alimentação adequada; serviços de saúde, educação de qualidade, bens de consumo duráveis, e outros bens que tendem a proporcionar condições mais favoráveis ao desenvolvimento, a manutenção ou ascensão social dos indivíduos no futuro. (MENDES, 2012, p. 55).

No caso do capital cultural, pode-se ver sua influência na vida escolar do estudante observando algumas práticas que contribuem para um aumento de conhecimento em determinadas áreas. Idas a museus, visitas a exposições, frequentar e consumir produtos de livrarias, viagens para conhecer monumentos históricos, são alguns dos elementos que muitas vezes não fazem parte do currículo escolar, mas que contribuem para a aprendizagem.

Quando o estudante já possui um contato com bens culturais que também fazem parte das atividades escolares, sua relação com esse conteúdo se torna mais próxima e ele tem maior facilidade de compreender. Dessa forma, o capital cultural “[...] designa uma relação privilegiada com a cultura erudita e a cultura escolar.” (LOYOLA, 2002, p. 66).

O capital social é definido como “[...] conjunto de recursos ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações [...] unidos por ligações permanentes e úteis.” (BOURDIEU, 2007b, p. 67). É ele que possibilita que o agente esteja em contato com pessoas que compartilham interesses parecidos quanto à escolarização. Assim, esse capital social pode ser o caminho que o agente encontra para conhecer boas instituições de ensino, trocar experiências de viagens, passeios, leituras e até mesmo receber convites para participar de cursos e palestras que contribuam para a aprendizagem dos conteúdos escolares.

Bourdieu identifica que “[...] as diferentes espécies de capital [...] são, ao mesmo tempo, instrumentos de poder e pretextos de luta pelo poder.” (BOURDIEU, 2007a, p. 296). Para manter uma determinada posição social, investimentos são realizados e o capital econômico é convertido em outros tipos de capitais. Posteriormente, será possível observar que o capital econômico investido e modificado poderá voltar à sua forma inicial. Os investimentos realizados pelas famílias na escolarização de seus filhos retornarão quando esses filhos, já formados, estiverem inseridos no mercado de trabalho.

O capital econômico [...] é acumulado, reproduzido e ampliado por meio de estratégias específicas de investimento econômico e de outras relacionadas a investimentos culturais e à obtenção ou manutenção de relações sociais que podem possibilitar o estabelecimento de vínculos economicamente úteis a curto e longo prazo. (BONAMIO et al, 2010, p. 488).

Esse movimento de conversão e reconversão de capitais é importante para que os agentes consigam manter sua posição social. Assim, os investimentos são justificados e organizados, já que “[...] a combinação das diferentes formas de capital define a alta sociedade, fixa seus limites e tendo sido transmitida, garante a permanência da presença das famílias nesse nível social.” (PIÇON; PIÇON-CHARLOT; 2002, p. 11).

No trabalho de Ferraz (2008), compreende-se a questão da posse dos capitais e a influência que eles podem exercer no processo de escolarização. Segundo o autor

A classe social a qual pertence a família em si só não explica maior ou menor envolvimento com a escola, mas sim o capital cultural e as aspirações e expectativas familiares transmitidas aos herdeiros. O perfil das famílias pesquisadas – elevada escolaridade, elevadas expectativas educacionais para seus filhos, portadoras de capital cultural expressivo – é propício para o acompanhamento da vida acadêmica dos filhos, o que exige condições como tempo disponível, valorização da escola e familiaridade com os conteúdos escolares. (FERRAZ, 2008, p. 69).

Os investimentos realizados na trajetória escolar dos agentes também são elementos importantes, visto que “[...] a educação escolar, uma das formas do capital cultural, é um recurso tão útil quanto o capital econômico na determinação e reprodução das posições sociais.” (BONAMIO, 2010, p. 488).

Além dos investimentos nas instituições escolares, as famílias podem recorrer a investimentos fora dessas instituições. Um deles seria a contratação de professores particulares. As famílias se fazem cada vez mais presentes na escolarização de seus filhos, haja vista que “[...] escola e família intensificam suas relações de modo nunca antes conhecido. A presença dos pais no recinto escolar e sua participação nas atividades de ensino tornam-se cada vez mais comuns.” (NOGUEIRA, 2005, p. 575).

Mesmo diante do que é apontado pelas pesquisas sobre a aproximação dos pais à vida escolar dos filhos, é interessante refletirmos sobre o que dizem os professores sobre a

presença dos pais na trajetória escolar de seus filhos. Cavalcante aponta que “[...] uma frustração comum para professores é a apatia e a falta de participação de muitos pais nas atividades da escola.” (CAVALCANTE, 1998, p. 4). Além disso, na pesquisa desenvolvida por Maurício (2009), temos que

[...] professores reclamam da ausência dos pais em reuniões ou de seu descaso em relação ao desenvolvimento dos alunos sob sua responsabilidade. Diversas pesquisas (Carvalho; Bhering e Siraj-Blatchford; e Tancredi e Reali) já registraram que os professores consideram que os pais são desinteressados em relação à vida escolar. (MAURÍCIO, 2009, p. 59).

Tratar da participação dos pais na vida escolar dos filhos requer o entendimento de que essa pode ocorrer de diversas formas. Muitas vezes os pais não estão presentes na escola, mas realizam em suas casas o acompanhamento escolar a partir do auxílio com tarefas e investimentos realizados fora do espaço escolar. “Os pais podem participar da escola por meio de aspectos financeiros, organizacionais ou pedagógicos ou podem ir além dessas atribuições, dependendo da proposta da escola.”. (MAURÍCIO, 2009, p. 61).

A participação dos pais na vida escolar dos filhos e a forma como eles irão se relacionar com essas atividades vão depender de fatores como o acúmulo de capitais das famílias, mas também do tempo que os pais dispõem para efetivar essa participação. Portanto, compreendemos que a participação dos pais pode ser entendida como qualquer tipo de ação que eles realizam em prol do bom desempenho escolar de seus filhos, como por exemplo, o auxílio com tarefas, investimentos em cursos, idas a escolas, conversas com professores e diretores das escolas, compra de livros e materiais didáticos etc. Muitas vezes a participação dos pais não é algo visto concretamente pelos professores e isso pode ser um reflexo da impressão que eles têm sobre a ausência dos pais na vida escolar de seus filhos.

Essa participação independe da classe social de origem dos estudantes. No livro “Família e Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares” (NOGUEIRA; ROMANELLI; ZAGO, 2010) podemos compreender os diversos tipos de investimentos e participação na vida escolar dos estudantes dessas classes desenvolvidos pelos pais. Segundo Viana (p.58, 2010) “[...] as famílias populares participam da construção do sucesso escolar dos filhos de modo diferenciado, nem sempre facilmente visível e voltado explicita e objetivamente para tal fim.”.

Nas classes populares, alguns fatores contribuem para o afastamento das famílias da vida escolar dos filhos. Além das questões financeiras, a falta do capital escolar pode contribuir para que as famílias não se sintam à vontade para participar da rotina escolar dos filhos.

As famílias populares não podem se espelhar nas ações escolares mais conhecidas e identificadas das famílias de diferentes frações das classes médias. Empreender essas ações demandaria capital cultural e mesmo uma disposição econômica de que as famílias populares não dispõem. Essas famílias lidam em um espaço ainda pouco compreendido por nós, onde a privação, a instabilidade, a insegurança e a angústia impulsionam e orientam as ações. (PORTES, 2010, p. 77).

Nas classes populares, em muitos casos, os pais não possuem uma longa trajetória escolar. Muitas vezes os estudos são interrompidos e assim ocorre um distanciamento da escola e de seus códigos. A falta do capital cultural, considerado segundo a escolaridade, pode, dessa forma, afastar as famílias das práticas escolares desenvolvidas por seus filhos.

[...] o trabalho escolar é algo complexo, que não vem obedecendo a modelos, difícil de ser compreendido e que não se pode generalizá-lo. Esse trabalho se dá em um tempo próprio, muitas vezes estabelecido pelas condições materiais de existência e da constituição histórica das famílias das camadas populares, quase sempre marcado pelo desconhecimento da estrutura e do funcionamento dos sistemas escolares por parte dessas famílias, além da evidente ausência de um capital escolar. (PORTES, 2010, p. 63).

Esse distanciamento não significa uma omissão, ou uma falta de investimento na vida escolar dos filhos. Nas classes populares a escolarização dos filhos tem uma grande importância, visto que, “[...] os pais esperam ver através de seus descendentes a superação de sua condição social, e a desescolarização precoce representa a frustração desse desejo.” (ZAGO, 2010, p. 33).

Não podemos esperar que as diferentes frações de classe desenvolvam os mesmos tipos de estratégias para que seus filhos obtenham um sucesso escolar. Cada fração de classe possui suas próprias características e recursos. Portanto, ao analisarmos as diferentes trajetórias escolares, a observação da classe da qual o estudante faz parte pode ser um elemento fundamental para o entendimento dos caminhos percorridos.

A partir trabalho desenvolvido por Gobbi (2008) sobre o sucesso escolar nas classes populares, foi possível identificar algumas estratégias desenvolvidas por esse grupo para que seus filhos tenham sucesso escolar. Segundo a autora

[...] esses pais participam das mais variadas formas, como: pedir ajuda de vizinhos para ensinar as lições aos filhos; pedir livros emprestados a vizinhos e colegas; fazer com que os irmãos mais velhos se encarreguem de monitorar os mais novos na execução das atividades escolares; copiar as atividades dadas em sala e fazer com que os filhos exercitem o que aprenderam, mesmo que esses pais não dominem os conhecimentos que foram ali trabalhados em vista de sua baixa escolaridade. [...] práticas como o controle das amizades, dos horários das brincadeiras nos dão mostras de como esses pais estão atentos a seus filhos e como o cotidiano familiar interfere nos percursos escolares dos filhos. (GOBBI, 2008, p. 119-120).

Dessa forma, compreendo que independente da fração de classe, é possível identificar práticas familiares que interferem na trajetória escolar dos estudantes. Essas práticas são possíveis a partir de diversos fatores. Com a aproximação à escola, as famílias passam “[...] a reivindicar o direito de intervir no terreno da aprendizagem e das questões de ordem pedagógica e disciplinar.” (NOGUEIRA, 2005, p. 575). Logo, o acompanhamento escolar feito pelas famílias traz essa aproximação à escola e a possibilidade de questionar as práticas educativas e principalmente os resultados dessas práticas na educação de seus filhos. No trabalho desenvolvido por Gartner (2008), o autor aponta que “[...] participações dos pais na vida escolar dos filhos [...] estão atrelados ao calendário escolar, tarefas de casa, pesquisas e trabalhos, chamadas da escola para conversar, entre outras.” (GARTNER, 2008, p. 7).

Nas pesquisas científicas localizadas no levantamento da produção, o dever de casa é constantemente apontado como forma de acompanhamento escolar.

A prescrição de atividades escolares a serem realizadas fora do período de aulas e a utilização do espaço doméstico para esse fim - dando origem aos chamados "deveres de casa", "tarefas de casa", "lições para casa" - constitui, em nossa sociedade, uma prática tradicional, já incorporada à cultura escolar. Tal prática pressupõe a existência de dois espaços sociais especializados – o doméstico e o escolar –, implicando, ao mesmo tempo, a diferenciação de funções e a comunicação entre eles. (RESENDE, 2012, p. 160).

O acompanhamento escolar, que pode ser identificado “[...] nos momentos de cobranças sobre o dever de casa, sobre a manutenção do material didático [...]”

(SCHWEDER, 2009, p.69), pode indicar quais são as dificuldades do aluno e, ao mesmo tempo, servir como forma de identificar em que aspectos a escola não está desenvolvendo um trabalho que essa família considere satisfatório.

A partir desse acompanhamento, as famílias podem identificar a necessidade da contratação do professor particular como forma de combater as dificuldades de aprendizagem ou complementar o trabalho da escola. Apesar de o foco dessa pesquisa ser o professor particular, não é considerado como única alternativa para os investimentos realizados na escolarização dos agentes. Compreende-se que esses investimentos se darão a partir das condições que cada grupo apresenta – condições não só financeiras, mas também culturais e sociais.

Dessa forma, pretende-se compreender em que momentos a necessidade desse novo agente é identificada e quais as expectativas criadas sobre a ação que será desenvolvida. Propõe-se uma discussão sobre a influência que a família exerce na organização do tempo de seus filhos, busca-se compreender como elas direcionam esse tempo para outras atividades que não são realizadas na escola, mas que se relacionam com ela.

Por considerar que as atividades relacionadas à escolarização dos agentes que acontecem fora da escola estão cada vez mais se colocando como uma alternativa para garantir que o agente-estudante obtenha sucesso escolar, a investigação tem a intenção de compreender como o professor particular é escolhido para ser o responsável por complementar e até mesmo ir além do trabalho desenvolvido por escolas, tornando-se um diferencial na trajetória escolar dos agentes.

Organização da dissertação

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro, intitulado: “Estratégias familiares: em questão o sucesso escolar”, são focalizados os principais conceitos operados no relatório. Esse capítulo é organizado em três partes. A primeira parte destina-se à discussão sobre os conceitos de meritocracia e sucesso escolar. Na segunda parte, é introduzido o conceito de parentocracia e as estratégias para alcançar o sucesso escolar. Na terceira parte, opera-se com o conceito de cultivo orquestrado e sua influência na trajetória escolar dos estudantes.

No segundo capítulo, intitulado: “Mercado escolar e professores particulares na formação de agentes da Educação Básica”, discute-se como os professores particulares se colocam no mercado escolar. O capítulo está organizado em quatro tópicos. No primeiro, são analisadas as estratégias de *marketing* utilizadas por estabelecimentos de ensino que institucionalizaram o papel dos professores particulares em Campo Grande/MS. No segundo tópico, apresentam-se as instituições que oferecem serviços de professor particular em Campo Grande/MS. No terceiro tópico, apresentam-se os resultados e análises das entrevistas realizadas com os gestores e professores das instituições, para compreender quais são as particularidades do trabalho desenvolvido pelo professor particular.

No terceiro e último capítulo, intitulado: “Sucesso escolar e professores particulares: um estudo de caso de agentes da Educação Básica em Campo Grande/MS”, apresenta-se a caracterização de quatro famílias que utilizam os serviços de professores particulares, demonstrando de que forma o professor particular se coloca como uma estratégia em busca do sucesso escolar, segundo as impressões dessas famílias.

Para finalizar, apresentam-se as considerações finais da pesquisa, nas quais surgem as reflexões diante dos resultados encontrados e as análises teóricas desenvolvidas.

CAPÍTULO I

ESTRATÉGIAS FAMILIARES: EM QUESTÃO O SUCESSO ESCOLAR

Neste capítulo, tenho o objetivo de discutir e apresentar os principais conceitos operados no desenvolvimento da pesquisa. Para tais discussões, utilizo como suporte autores como Bourdieu (2007, 2014, 1992), Nogueira (2002, 2005, 2010, 2012, 2014), Loyola (2002), Zago (2000, 2010, 2011, 2012), entre outros que utilizam o referencial bourdieusiano, encontrados no levantamento bibliográfico. O capítulo organiza-se em três partes. Na primeira, discute-se o conceito de meritocracia e a ideia do sucesso escolar. Na segunda, é trabalhado o conceito de parentocracia. Na terceira, apresenta-se o conceito de cultivo orquestrado e como este influencia as trajetórias escolares.

A relação família e escola torna-se, cada vez mais, alvo de investigação nas pesquisas na área da educação. O interesse por essa relação surge da necessidade de compreender em que momentos a família se faz presente no espaço escolar e de que maneira essa presença interfere nas práticas educativas, visto que, nas relações atuais, identifica-se que “[...] a família passa a reivindicar o direito de intervir no terreno da aprendizagem e das questões de ordem pedagógica e disciplinar.” (NOGUEIRA, 2005, p. 575).

As estratégias familiares relacionadas à educação de seus filhos se iniciam na escolha dos estabelecimentos de ensino. De acordo com seu acúmulo de capitais, em suas variadas formas, as famílias fazem escolhas e traçam objetivos. A escola escolhida diz muito sobre as intenções da família diante da escolarização de seus filhos, já que

A família e a escola funcionam, inseparavelmente, como espaços em que se constituem, pelo próprio uso, as competências julgadas necessárias em determinado momento, assim como espaços em que se forma o *valor* de tais competências, ou seja, como mercados que, por suas sanções positivas ou negativas, controlam o desempenho, fortalecendo o que é "aceitável", desincentivando o que não o é, votando ao desfalecimento gradual as disposições desprovidas de valor. (BOURDIEU, 2007a, p. 82).

Assim, as famílias buscam por instituições que atendam às suas expectativas em relação aos objetivos de escolarização, mas que possibilitem que seus estudantes, mesmo fora de casa, continuem envolvidos com os valores e costumes familiares. O exemplo é o das escolas que seguem em seus princípios pedagógicos valores de determinadas religiões. Além de princípios religiosos, algumas instituições escolares dedicam-se ao ensino bilíngue, o que possibilita o conhecimento de línguas estrangeiras e até mesmo viagens de intercâmbio.

Pode-se considerar que “[...] a escolha da escola significa um primeiro movimento familiar na construção da trajetória escolar dos filhos.” (BRANDÃO, 2010, p. 2). Essa escolha normalmente independe da vontade dos estudantes, já que nessa etapa eles ainda são muito novos para tomar uma decisão como essa. Cabe então aos pais decidir qual instituição se encaixa melhor nas expectativas criadas para a trajetória escolar de seus filhos.

É perceptível, nesse momento, que as famílias possuem um controle diante da trajetória escolar dos filhos. E se considerar o crescente envolvimento das famílias na escolarização de seus filhos, pode-se identificar diversos outros momentos em que ela toma decisões pelos estudantes, ou até mesmo tornam possível a materialização de alguma vontade do próprio estudante. Nesse caso é preciso atentar para o fato de que “[...] desiguais posses de capitais implicam em desiguais possibilidades de efetivação das escolhas.” (SOUZA, 2012, p. 15).

Considerando a família como uma instância organizadora da trajetória escolar do estudante, algumas questões orientam a discussão, quais sejam: como o conceito de meritocracia se coloca como uma justificativa do sucesso escolar dos agentes? Diante de tantas ações que podem ser tomadas a partir da ação da família, e não propriamente do estudante, seria seguro apostar no conceito de meritocracia para explicar as trajetórias de sucesso escolar?

1.1 Meritocracia e sucesso escolar

Neste tópico, tenho como objetivo compreender como o conceito de meritocracia é utilizado para explicar o sucesso escolar. Diante desse conceito, tenho a hipótese de que os agentes possuem as mesmas condições iniciais para serem bem-sucedidos e que, portanto, o

esforço individual justifica uma trajetória escolar de sucesso. Porém, ao levar em conta a participação de elementos que não dependem dos agentes, mas que exercem influência em suas práticas escolares, questiono se esse conceito é suficiente para explicar o sucesso escolar alcançado.

O conceito de meritocracia para justificar trajetórias de sucesso nos diversos campos sociais é bastante difundido. A ideia de que o esforço individual justifica as posições sociais ocupadas pelos agentes reforça a noção de igualdade social, já que se o sucesso dos agentes depende de suas ações, as condições sociais em que eles se encontram não podem ser entendidas como um obstáculo para alcançar determinados objetivos.

Meritocracia: Este termo designa geralmente uma hierarquia dos postos e dos lugares que resulta da aplicação do princípio: a cada um segundo os seus dons e os seus méritos. [...] A meritocracia é inigualitária, mas essa inigualdade é o resultado de uma competição igual: resultados desiguais, mas oportunidades iguais à partida. (BOUDON, 1990, p. 156).

O mérito serviu para explicar as conquistas dos menos favorecidos. A classe social ocupada pelo agente não seria entendida como um fator determinante em sua trajetória. A dedicação aos estudos seria uma forma de mudança de posição social, “[...] as concepções mais conhecidas relacionavam o mérito com a possibilidade de ascensão dos indivíduos menos favorecidos ao poder e a valorização intelectual transcendendo os limites da classe social.” (SILVA, 2014, p. 30). Essa noção trouxe uma imagem positiva à ideia de meritocracia, já que, a partir dos esforços individuais, seria possível a superação das condições sociais e culturais dos agentes, sem depender de fatores hereditários.

Entretanto, com o passar do tempo e com alguns efeitos incongruentes advindos desse processo classificatório, dentre os quais, a percepção de que os indivíduos de classes menos favorecidas pouco perfilavam nas funções de grande prestígio ou à ascensão a postos de poder, o sentido do mérito foi sendo apreciado por outras perspectivas e, com isso, a sua cumplicidade com o princípio da igualdade foi se distanciando. (SILVA, 2014, p. 31).

Considerar que os agentes possuem oportunidades iguais é negligenciar as bagagens sociais, culturais e financeiras que eles possuem. Essas heranças seriam os capitais acumulados pelas famílias e pelo próprio agente em sua trajetória. Mesmo que eles não sejam fatores decisivos na trajetória de um agente, não se pode desconsiderá-los totalmente.

“A herança cultural [...] é responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito.” (BOURDIEU, 2007b, p. 42). Apesar do conceito de meritocracia impor a ideia de igualdade no início da trajetória, é notório que os capitais – e, portanto, a herança que cada agente receberá – depende da fração de classe que ele ocupa.

Segundo a teoria desenvolvida por Bourdieu, a trajetória de um agente é resultado de diversos fatores. O conceito de meritocracia seria insuficiente para compreender a trajetória dos agentes se fizermos uma análise a partir das ideias desenvolvidas pelo autor. No que diz respeito à escolarização, Bourdieu, a partir de sua análise do sistema escolar, demonstra como o conceito de meritocracia pode ser cruel quando utilizado para explicar as trajetórias escolares de sucesso. Assim, “[...] onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais.”. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 17).

O autor nos faz compreender como as práticas escolares são responsáveis pelo reforço das desigualdades sociais presentes na sociedade. A meritocracia não considera que os agentes tenham uma bagagem de capitais que pode ser fundamental para a definição e concretização de estratégias que os levem a alcançar determinados espaços sociais.

Os autores [BOURDIEU; PASSERON, 1992], ao levarem em consideração os interesses de classe e sua relação com a cultura, trouxeram um ponto de inflexão nas análises que primeiramente tributavam à escola o franqueamento de oportunidades sem distinção de classe, por meio da meritocracia, escamoteando, assim, o processo de violência simbólica inscrito na transmissão de conteúdos e na valorização de saberes escolares dissonantes aos valores das classes menos favorecidas. (CUNHA, 2007, p. 514).

Embora a escola apresente a proposta de um ensino igualitário e homogêneo, nota-se, a partir de Bourdieu, que ela se constitui como um campo em que as diferenças étnicas, econômicas e culturais são evidenciadas e reproduzidas. A partir da compreensão de que os diferentes capitais produzem diferentes ações, é possível percebermos a fragilidade do conceito da meritocracia. Bourdieu, ao analisar as ações dos agentes, identifica que a “[...] estrutura de capital, por meio do sistema de preferências que ela produz, encoraja-os a se orientar, em suas escolhas escolares e sociais, em direção a um ou outro pólo do campo do poder.”. (BOURDIEU, 1996, p. 43).

Sendo assim, não há como considerar que os agentes se colocam diante uma situação da mesma forma como propõe o conceito da meritocracia. Bourdieu, juntamente com Passeron, na obra **A Reprodução** (1992), desenvolve uma das primeiras teorias que serviriam como uma denúncia para as desigualdades presentes nas instituições escolares e nas práticas educativas. A partir das pesquisas realizadas por Bourdieu e Passeron, foi possível o reconhecimento de que

[...] o sistema educacional, ao qual cabe sancionar as aptidões de cada um, funcionaria, na realidade, como mecanismo de reprodução da estratificação existente por causa dos inevitáveis fatores sociais que condicionam o êxito escolar. Por outras palavras, a seleção escolar meritocrática seria impossível de ser realizada e a função do sistema de ensino seria exatamente a de fazer com que pareçam naturais as diferenças de capacidade, quando, na realidade, essas diferenças decorrem da diferenciação social preexistente. (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 747).

Para Bourdieu, as ações dos agentes não podem ser vistas como algo natural de cada um. Para o autor, as práticas dos agentes são orientadas por seu habitus, considerado como o “[...] princípio gerador de estratégias inconscientes ou parcialmente controladas.” (BOURDIEU, 2007c, p. 160). Assim, as escolhas e comportamentos diante das práticas desenvolvidas nas instituições escolares não são consequências inatas de cada um. O interesse ou a falta de interesse diante de algum conteúdo escolar não podem ser entendidos como uma incapacidade ou uma aptidão especial, mas sim como algo que foi incorporado pelos agentes a partir do que foi ensinado por sua família e que constitui seu habitus.

Se considerar que “[...] O cerne do discurso meritocrático é a importância atribuída ao valor do reconhecimento dos resultados individuais.” (BARBOSA, 2004, p. 82), constata-se que esse conceito não leva em conta as possibilidades que a posse de capitais representa para os sujeitos. Assim, a ideia de meritocracia “[...] ignora a situação sociocultural das famílias” (SILVA, 2014, p. 54). Não se podem colocar em grau de igualdade os agentes que não fazem parte da mesma fração de classe. Ainda entre as frações de classe deve-se considerar que elas são divididas em estratos. Assim, nem sempre pertencer a uma determinada fração de classe terá o mesmo significado para todos os agentes.

Essas diferenças não são dadas somente por questões financeiras. Como já dito anteriormente, a herança cultural é responsável por uma grande parte da distinção entre os

agentes. O modo como os estudantes interagem com elementos da cultura escolar pode influenciar de maneira positiva ou negativa a trajetória escolar de cada um.

A escola opera conceitos que já estão legitimados pela cultura considerada dominante, assim o agente que já conhece esses conceitos antes mesmo de iniciar as práticas escolares terá uma “vantagem” diante daqueles que não possuem esse tipo de conhecimento. Sendo assim, não se pode considerar a ideia da meritocracia que apresenta condições de igualdade no início da trajetória escolar de cada um.

Dessa forma, percebe-se que as diferenças estão muito mais presentes nas relações do que os elementos que fazem os agentes se reconhecerem como pertencentes ao mesmo grupo. Na escola e nos processos de escolarização, essas diferenças não podem ser ignoradas, já que elas são responsáveis por denunciar as possíveis dificuldades de aprendizagem que um agente terá diante de um conteúdo “[...] os membros das diferentes classes sociais distinguem-se não tanto pelo grau segundo a qual eles *reconhecem* a cultura, mas pelo grau segundo a qual a conhecem.” (BOURDIEU, 2007a, p. 298).

Assim, escolher a meritocracia como uma justificativa coerente para as trajetórias de sucesso escolar é subestimar as trajetórias individuais. A escola que segue os princípios meritocráticos e que se define como um espaço igualitário constantemente desenvolve práticas que levam à exclusão dos agentes, visto que

[...] o sistema de ensino contribui para conservar. [...] o sistema de ensino é um dos mecanismos pelos quais as estruturas sociais são perpetuadas. [...] Nas sociedades modernas, o sistema de ensino tem um peso maior, contribuindo com parte importante daquilo que se perpetua entre as gerações. Uma parte importante da transmissão do poder e dos privilégios se faz por intermédio do sistema escolar. (LOYOLA, 2002, p. 15).

Corroboram essa afirmação os exames aplicados para medir o aprendizado dos alunos. Segundo Bourdieu e Passeron (1992, p. 171), “[...] nada é mais adequado que o exame para inspirar a todos o reconhecimento da legitimidade dos veredictos escolares e das hierarquias sociais que elas legitimam.”.

Os resultados apresentados pelos exames podem ser uma forma de demonstrar ao estudante que ele possui condições para se manter ou não na instituição escolar. Dependendo do resultado, o estudante se sente estimulado a continuar sua trajetória escolar ou a

interrompê-la mais cedo. Para justificar essas diferentes trajetórias, a questão do mérito individual aparecerá de imediato.

Além dos estudantes, a lógica meritocrática se torna um obstáculo para as próprias instituições escolares. Percebo que a lógica da meritocracia se faz presente nas práticas envolvendo a educação de variadas formas. As avaliações institucionais aplicadas pela esfera pública nas instituições de ensino têm como objetivo avaliar as escolas e os professores de acordo com as notas obtidas pelos alunos. Quando as escolas são bem representadas por seus alunos e conseguem boas notas, algum tipo de “premiação” é destinado à instituição, enquanto que, nos casos de notas baixas, os recursos disponibilizados são menores. A qualidade do ensino é colocada como uma questão de mérito dos professores de saber ensinar e das escolas de saber organizar seus espaços e recursos para proporcionar um bom ambiente de ensino e aprendizagem. Além das premiações destinadas às escolas, existem as premiações individuais para os professores.

[...] tal modelo meritocrático caracteriza-se por premiar por meios financeiros, os profissionais ou instituições que, por virtude, alcançarem as metas estabelecidas dentro de um planejamento com proposta de reconhecer os profissionais que se destacam pela aplicação, eficiência, habilidade, dentre outras peculiaridades, mas também responsabilizar os profissionais que não preenchem essas atribuições. (SILVA, 2014, p. 17-18).

O que ocorre é que, assim como seus alunos, as escolas também são alvo de avaliações. Essas avaliações determinam quais e a quantidade de investimento que as instituições de ensino receberão. Quando elas alcançam boas notas, recebem premiações e recursos, mas quando o resultado não é satisfatório, deixam de receber os recursos financeiros. Assim, “[...] os 'inefícazes' estariam sendo punidos, ora financeiramente, por não receberem as premiações, ora emocionalmente, por serem considerados inferiores por não atingirem tais metas.” (SILVA, 2014, p. 82).

A meritocracia se considera justa ao premiar aqueles que se “esforçam” e “punir” aqueles que não se dedicaram da forma como deveriam para atingir seus objetivos. Tanto no caso dos alunos como no caso das escolas, não há uma análise das condições reais que levam aos resultados mostrados pelos exames. A meritocracia se apresenta como algo simples, mas não explica as trajetórias, sejam elas de sucesso ou fracasso.

Ao mesmo tempo em que defende a existência de igualdade de condições, é utilizada para explicar as diferenças presentes na sociedade, pois “[...] o mérito pressupõe perdedores na competição.” (RIBEIRO, 2014, p. 6). O conceito da meritocracia é o caminho mais fácil para explicar as desigualdades.

Diante dos conflitos, o mérito individual se apresenta como forma de aceitação da explicação das trajetórias. A partir da ideia de meritocracia, as condições de acesso aos bens culturais e espaços sociais não são questionadas. A meritocracia traz uma conformidade, já que “[...] segundo a meritocracia, tudo depende da capacidade e da eficiência individual, cada um passa a ser responsável pelo que é e pelo que consegue fazer, de forma que o fracasso e o sucesso dependem exclusivamente do indivíduo.” (SARAIVA et. al, 2015, p. 56).

As explicações dadas a partir da meritocracia reduzem as trajetórias escolares a uma questão de merecimento. Os fatores que contribuem para o ingresso em cursos superiores, por exemplo, não são mencionados. A justificativa dada pela meritocracia leva em conta o tempo dedicado aos estudos, mas não faz uma análise dos elementos que possibilitaram esse tempo e nem sobre as condições em que esse estudo se materializou.

[...] nesse sentido, acredita que tudo o que uma pessoa consegue na vida é devido ao seu próprio mérito: se ela estudou para entrar na universidade pública, então merece estar lá. A fórmula é simples, só não consegue quem não se esforça o suficiente. (SARAIVA et. al, 2015, p. 56).

Não há uma discussão sobre o tipo de instituição escolar em que o agente estudou e nem se ele contou com recursos extracurriculares, tais como: cursinhos pré-vestibulares, professores particulares, apostilas de exercícios, livros didáticos não oferecidos pelas escolas, entre outros elementos. Compreende-se que “[...] o sistema escolar contribui, então, para ratificar sancionar, transformar em mérito escolar heranças culturais que passam pela família.” (LOYOLA, 2002, p. 15).

A justificativa apresentada pela meritocracia não considera que as diferentes frações de classe desenvolvem atividades distintas fora do espaço escolar. Assim, um estudante que tem a possibilidade de estudar sem precisar contribuir com a renda da família é visto da mesma forma que o estudante que, além de estudar, trabalha e não conta com recursos extracurriculares para auxiliá-lo em sua aprendizagem.

As difíceis condições de sobrevivência face à baixa renda e capital cultural, não são evidentemente elementos favoráveis à frequência escolar e à construção de um percurso escolar, mas estes dados tomados isoladamente não fornecem evidências suficientes para explicar as situações de sucesso ou fracasso escolar. (ZAGO, 2011, p. 77).

Diante das diferenças apontadas entre as frações de classe, faz-se necessário refletir sobre o significado da expressão “sucesso escolar”. Se as trajetórias dos agentes se diferem e o acúmulo de capitais, bem como o habitus de cada um contribui para a definição de seus objetivos e práticas, seria possível igualar o sucesso escolar? Pode-se dizer que a ideia de sucesso escolar é a mesma nas diferentes frações de classe?

“Está claro que os conceitos de 'sucesso' e 'excelência' de ensino carregam ambiguidades e necessitam de maior aprofundamento teórico para serem utilizados com mais segurança e vigilância epistemológica” (RIEDNER, 2013, p. 52). Para efeitos desta investigação, relaciona-se a ideia de sucesso escolar ao conceito de “excelência escolar”, que pode ser identificada a partir “[...] de seus indicadores clássicos: fluxo, velocidade, longevidade, opções, carreiras e instituições escolares, distinções acadêmicas, traços estes que, reunidos, estruturam a definição dos padrões considerados, hoje, de excelência.” (NOGUEIRA, 2002, p. 63).

A escolarização se coloca diante das frações de classe de diferentes formas. Assim, para cada grupo, a escolarização dos agentes terá um significado. Apesar de ser “[...] muito recente, na Sociologia da Educação, o interesse pela escolarização dos jovens originários de lares altamente favorecidos do ponto de vista social.” (NOGUEIRA, 2002, p. 49), podemos compreender, a partir de alguns elementos que, no caso das frações mais altas, a escolarização é entendida como uma forma de manutenção de sua classe social. Por meio da educação escolar, os agentes garantem a permanência nos espaços sociais considerados de prestígio.

A escola será entendida como “um ambiente [...] propício para a construção de redes de influência, de amizades e de matrimônios, como também à aprendizagem de modos de gestão das relações interpessoais.” (CATTANI; KIELING, 2007, p. 178). A escolarização, para as frações de classes mais altas, não está exclusivamente representada pelo interesse em aprender os conteúdos escolares.

Essas frações de classe conseguem perceber que, a partir da escolarização, muitos outros elementos podem ser adquiridos. Para essas frações, a escola não é apenas um meio de adquirir capital escolar, mas também uma forma de ampliar o capital social, cultural e,

futuramente, o financeiro, já que os bons certificados escolares dados pelas escolas consideradas de prestígio funcionam como elementos de distinção no mercado de trabalho, visto que

A defasagem entre as aspirações produzidas pelo sistema escolar e sua oferta concreta de oportunidades é, em uma fase de inflação dos diplomas, um fato estrutural que, em diferentes graus - segundo a raridade dos respectivos diplomas e segundo sua origem social -, afeta todos os membros de uma geração escolar. (BOURDIEU, 2007, p. 135).

Ao apresentarem o certificado de uma instituição considerada de prestígio, os agentes estão comprovando a aquisição de uma série de elementos que vão além da certificação da conclusão de uma etapa de ensino. Uma escola de prestígio costuma ter tradição. A sociedade desenvolve outros tipos de olhar sobre aquele campo e sobre o agente que esteve presente naquele espaço, pois naquele momento ele fez parte de um conjunto de fatores que o diferenciam de outra parcela da sociedade que não vivenciou as mesmas situações.

Percebe-se que “[...] as famílias de alta renda utilizam-se da escola privada, delegando a essas instituições a incumbência de reforçar a educação recebida no seio familiar, resultando em uma experiência homogênea.” (KULNIG, 2010, p. 37). Assim, essas escolas são entendidas como uma extensão do lar, em que os valores que a família já detém são cada vez mais reforçados.

Pode-se considerar que o sucesso escolar para as frações de classe mais elevadas da sociedade não quer dizer somente o término de uma etapa de ensino e o acúmulo de capital escolar. O sucesso, nesses casos, está relacionado também ao aumento de seus capitais social e cultural.

[...] verifica-se ainda uma preocupação, por parte dos pais, de escolher, para os filhos, estabelecimentos de ensino que propiciem a constituição de uma rede de sociabilidade predisposta a funcionar, no presente e no futuro, como capital social, nos termos de Bourdieu. Nesse sentido, o que parece preponderar, no ato de escolha, é menos o valor “acadêmico” de um estabelecimento, e mais seu valor social. (NOGUEIRA, 2002, p. 63).

Para essas frações, a escolarização não possui o “peso” de ser a responsável pela garantia de uma boa posição social, pois esses agentes já possuem em sua herança os

elementos que garantem essas boas posições sociais. A escolarização é entendida como uma etapa importante e rica em possibilidades de manutenção das posições sociais. Por conta da herança, não só em sua forma financeira, mas principalmente nas questões culturais e sociais, a meritocracia não pode ser vista nesses agentes como uma justificativa de trajetórias escolares de sucesso, já que ela é “garantida” por elementos que independem do esforço individual dos agentes.

No caso das famílias de classes médias e das classes populares, a escolarização ganha um sentido totalmente diferente. Ela significa a possibilidade de alcançar uma mudança de posição social. Apesar de identificar um mesmo significado, compreende-se que entre essas duas frações de classe existem diferenças fundamentais.

As famílias populares não podem se espelhar nas ações escolares mais conhecidas e identificadas das famílias de diferentes frações das classes médias. Empreender essas ações demandaria capital cultural e mesmo uma disposição econômica de que as famílias populares não dispõem. (PORTES, 2000, p. 77).

Assim, pretendem-se discutir esses dois grupos de forma distinta, ainda que seja possível observar algumas semelhanças em suas trajetórias e expectativas. No caso das famílias das classes médias, que “[...] não constituem um universo social homogêneo, havendo segmentos diversos em seu interior, seja em função de condições socioeconômicas, seja devido ao capital cultural de que dispõem.” (ROMANELLI, 2002, p.102), podem-se identificar diversas formas de relação com a escolarização e com a ideia do sucesso escolar.

O investimento na escolarização dos filhos está relacionado ao acúmulo de capital cultural do qual a família dispõe. A partir desse capital, as famílias conseguem operar elementos bem variados que podem ocorrer em diversos espaços. Podemos citar, como exemplo, cursos de línguas estrangeiras, visitas a museus, livrarias, teatro, cinema, viagens para conhecer pontos turísticos relacionados à história de algum lugar, entre outros, que são considerados como fatores favoráveis para a educação dos filhos e que contribuem para o sucesso escolar. Identifica-se que

[...] no caso das famílias com alto capital cultural, a propensão é de concentrar os investimentos no mercado escolar porque é nele – em face da ausência ou da posse limitada de outras espécies de capital – que estão

depositadas as expectativas de um bom futuro para os filhos. (NOGUEIRA, 2002, p. 63).

A posse do capital cultural permite uma relação mais próxima com as práticas escolares “[...] no caso das famílias das camadas médias intelectualizadas [...] foi possível perceber sua capacidade de tirar proveito das oportunidades, trunfos e recursos disponíveis [...] em favor do destino escolar dos filhos.” (NOGUEIRA; ROMANELLI; ZAGO, 2010, p. 150).

As classes médias desenvolvem mais investimentos na educação de seus filhos em comparação às elites, já que

[...] as elites econômicas, por exemplo, não precisariam investir tão pesadamente na escolarização dos seus filhos quanto certas frações das classes médias que devem sua posição social, quase que exclusivamente, à certificação escolar. Bourdieu (1998) observa, também, em terceiro lugar, que o grau de investimento na carreira escolar está relacionado ao retorno provável, intuitivamente estimado, que se pode obter com o título escolar, não apenas no mercado de trabalho, mas, também, nos diferentes mercados simbólicos. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 23).

A detenção dos capitais não é uma garantia de sucesso escolar. O que irá fazer diferença será a forma como o estudante irá se relacionar com o que foi agregado ao capital cultural. A transmissão do acúmulo de capitais feita pelas famílias deve ocorrer de forma que seus filhos incorporem esses elementos considerados como bens culturais e não só os detenham.

Em outros termos, não basta ter pais detentores de um forte capital econômico e cultural para que o filho tenha sucesso nos estudos, do mesmo modo que a ausência desses capitais não determina necessariamente o fracasso escolar. O problema não se coloca então somente na presença ou ausência do capital cultural, mas no modo de transmissão desse capital. (ZAGO, 2011, p. 79).

As famílias da classe média, ao desenvolverem estratégias para a transmissão dos capitais, procuram tomar o cuidado de fazer com que seus filhos consigam estabelecer relações entre as práticas desenvolvidas pela família (viagens, passeios culturais, etc.) e os

conteúdos escolares, para que haja, de fato, um aproveitamento desse acúmulo de capitais no momento da aprendizagem.

No caso das famílias das camadas populares, em que o acúmulo do capital cultural muitas vezes não se dá de maneira elevada, as disposições que o estudante deve desenvolver para alcançar o sucesso escolar demandam tempo e esforço maiores, já que ele não conta com a bagagem cultural necessária para incorporar os conteúdos escolares, que são selecionados na ótica das classes mais favorecidas economicamente. O processo de aprendizagem pode ocorrer de forma mais lenta, mas, apesar das dificuldades, essas camadas não deixam de perceber a escolarização como forma de mudança de posição social.

O discurso que evidencia o valor inegável da educação escolar nos meios populares não pode ser sempre tomado como sinônimo de um projeto escolar claramente definido de longevidade escolar. Quando os pais procuram transmitir sua crença num futuro melhor por meio da escolarização têm igualmente presente que as condições materialmente limitadas, sem perspectivas concretas de mudança, limitam projetos futuros. (ZAGO, 2012, p. 140).

Mesmo sem a certeza de um retorno, e conscientes das dificuldades encontradas durante a trajetória de escolarização de seus filhos, as classes menos favorecidas tendem a fazer investimentos na educação de seus filhos. Assim, apesar de a escola ser vista como um espaço de reprodução de desigualdades, a visão de que ela pode ser um ambiente emancipador permanece.

Nas camadas populares, “[...] o sucesso escolar não tem relação direta com as práticas de investimento familiar.” (ZAGO, 2000, p. 75). Apesar de considerar que “[...] a família, por intermédio de suas ações materiais e simbólicas, tem um papel importante na vida escolar dos filhos.” (ZAGO, 2010, p. 20), há um reconhecimento de que, nos casos das famílias populares,

[...] observamos que os comportamentos escolares adorados pelos alunos não se reduzem às influências do ambiente doméstico. Acompanhando seus desdobramentos, fica evidente a necessidade de considerar o papel do aluno como parte ativa do seu próprio percurso e das relações que ele estabelece com outras instâncias de socialização. [...] as experiências extra-escolares e a própria faixa etária em que ele se encontra não podem ser negligenciadas. (ZAGO, 2010, p. 20).

Os estudantes das classes populares muitas vezes não contam com investimentos que demandam recursos financeiros e até mesmo culturais. Mas o apoio familiar e as relações sociais que são desenvolvidas fora da família e do espaço escolar contribuem para que o estudante encontre maneiras para seguir sua trajetória escolar apesar das dificuldades.

A escola tem seu movimento de contradição ao representar papéis diferentes para os grupos que a ocupam. Para uma fração de classe, a escola se mostra como uma “ferramenta” de manutenção de poder, enquanto que para outras, ela representa um meio de ascensão social. Segundo Cury (1979, p. 67), “[...] a educação escolar ou não, nutre-se de uma ambivalência; o veículo possível de desocultação da desigualdade real torna-se também veículo de dominação de classe.”.

Dessa forma, é possível considerar que as diferentes frações de classes desenvolvem diferentes tipos de estratégias durante suas trajetórias escolares. Sendo assim, é possível pensarmos que as trajetórias escolares de sucesso nas diferentes frações de classe devem ser explicadas também pelos fatores que estão fora do espaço escolar. Um desses fatores seria a influência e a capacidade de investimento das famílias.

Em síntese, o conceito de meritocracia que pretende colocar os agentes em posições de igualdade torna-se insuficiente para a compreensão do sucesso escolar dos agentes, visto que, dependendo da posição social, do acúmulo de capitais, dos campos em que o agente está inserido, novas possibilidades e formas de vivenciar as experiências relacionadas à educação escolar podem surgir.

1.2 Parentocracia e novas estratégias na obtenção do sucesso escolar

O sucesso escolar não pode ser justificado apenas por questões de mérito individual, por isso recorro ao conceito de parentocracia com o intento de demonstrar e compreender como a ação dos pais pode ser um fator de relevância para compreender o sucesso escolar dos agentes. Busco identificar quais estratégias são desenvolvidas pelos pais, de que forma essas estratégias são elaboradas e como elas são materializadas.

Por “trajetória escolar” compreendo os caminhos percorridos pelos agentes durante o processo de escolarização. Segundo Montagner (2007, p. 257), “[...] a origem social é um holofote poderoso na elucidação dessas trajetórias, pois o habitus primário, devido ao

ambiente familiar, é uma primeira e profunda impressão social sobre o indivíduo.”. As trajetórias escolares dos agentes recebem grande influência da família, que inicialmente organiza as práticas escolares dos filhos. Portanto, ao discutirmos as trajetórias escolares, é importante observarmos as ações desenvolvidas pelos familiares a partir de suas condições sociais.

Compreendo que, muitas vezes, as trajetórias escolares consideradas de sucesso são permeadas por elementos que não dependem apenas do estudante para se materializar. Pensando dessa forma, acredita-se que o conceito da meritocracia, ao desconsiderar esses elementos e dar crédito somente ao esforço individual dos agentes, não justifica essas trajetórias, e mais do que isso, opera para trazer conformidade diante das desigualdades presentes nos espaços sociais.

A presença dos pais nas questões que envolvem as práticas escolares de seus filhos cada vez mais é identificada nos estudos acadêmicos, como por exemplo, Fialho (2012), Alves (2011), Brandão (2010) e Ferraz (2008). Os pais desenvolvem estratégias e possibilitam que seus filhos tenham condições para recorrer a elementos que podem se materializar de diversas formas, como cursos, livros, apostilas, palestras, *softwares* educativos, entre outros, que influenciam o modo como os estudantes desenvolvem sua trajetória escolar, mas muitas vezes não se encontram no cotidiano escolar

[...] Bourdieu nega, da forma mais radical possível o caráter autônomo do sujeito individual. Cada indivíduo é caracterizado, pelo autor, em termos de uma bagagem socialmente herdada. Essa bagagem inclui, por um lado, certos componentes objetivos, externos ao indivíduo, e que podem ser postos a serviço do sucesso escolar. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2014, p. 51).

Essas estratégias pensadas e possibilitadas pelas ações dos pais são denominadas de “estratégias parentocráticas”, e assim surge nas discussões atuais de sucesso escolar o termo “parentocracia”. Ao se considerar a forte participação dos pais na vida escolar de seus filhos, não se pode adotar a meritocracia como forma de explicação do bom desempenho dos estudantes. A ideia da meritocracia é substituída pela noção de parentocracia.

[...] a parentocracia pode ser entendida como um meio de facilitar a diferenciação da escolarização em função do grupo social e, deste modo, permitir a criação [ou manutenção] da elite escolar. Neste panorama, a parentocracia surgirá como um meio de selecção legítimo, em que os pais

surgem como os responsáveis pelo percurso escolar dos seus filhos. (ANTÓNIO; TEODORO, 2011, p. 174).

Como foi tratado anteriormente, nos casos das camadas populares, o investimento dos pais na educação dos filhos não exerce influência direta nas trajetórias de sucesso, porém, mesmo nas camadas populares, a parentocracia pode ser identificada, já que o incentivo dos pais para que os filhos estudem pode refletir em uma ação organizadora da vida escolar dos filhos. Mesmo que eles não possam realizar investimentos, a pouca participação desses pais nas atividades escolares dos filhos pode ser decisiva.

Além disso, a parentocracia não coloca o estudante como alguém que somente seguirá os caminhos traçados por seus pais. Esses estudantes precisam compreender a importância das ações realizadas, caso contrário essas ações podem não surtir o efeito esperado e, assim, o investimento pode não ter um retorno.

Apesar da forte influência da ação dos pais na trajetória escolar dos filhos, é importante esclarecer que a parentocracia não anula as ações dos estudantes. Os pais proporcionam aos filhos diversas possibilidades a partir de seus investimentos e dos elementos adquiridos com o acúmulo dos capitais que a família possui, porém é a partir das ações dos estudantes que esses investimentos têm o efeito esperado pelos pais.

[...] observamos que os comportamentos escolares adotados pelos alunos não se reduzem às influências do ambiente doméstico. Acompanhando seus desdobramentos, fica evidente a necessidade de considerar o papel do aluno como parte ativa do seu próprio percurso e das relações que ele estabelece com outras instâncias de socialização, seja no bairro, no ambiente de trabalho, entre outras formas de interações sociais. Nesse sentido, as experiências extra-escolares e a própria faixa etária em que ele se encontra são dimensões que não podem ser negligenciadas. (ZAGO, 2010, p. 21).

Mais uma vez chamo a atenção para a influência dos diversos tipos de capitais na trajetória escolar dos estudantes. A convivência com diversos grupos sociais desperta nos agentes determinados tipos de comportamento, assim não podemos desconsiderar a influência que o contato com diversos grupos sociais exercerá nos agentes-estudantes.

Mesmo que os pais tracem objetivos e caminhos para guiar a trajetória de seus filhos, não há uma garantia de que esse caminho será seguido. É nesse momento que percebemos

como os estudantes, mesmo com a participação ativa dos pais em sua vida escolar, são também responsáveis pelas trajetórias de sucesso.

O termo “parentocracia” foi introduzido por Brown (1990). A partir desse conceito, é possível lançarmos novos olhares sobre as ações dos pais no que se refere ao momento de escolarização de seus filhos.

A característica definidora da “parentocracia educacional” não é a quantidade de educação recebida, mas a base social sobre a qual a seleção educacional está organizada. Em outras palavras, uma educação adquirida em uma escola particular de alto status, ou em uma escola altamente seletiva com financiamento público (embora legitimada por políticas como a escolha da escola ou de escolarização com baixa mensalidade), ou em uma universidade altamente seletiva, apresenta um valor social significativamente maior do que aquela adquirida em uma escola que não é capaz de ser seletiva, ou cuja seleção não gera status. Conceitos de Brown nos ajudam a compreender por que as famílias investem consideráveis (e crescentes) montantes de seus recursos – dinheiro, tempo e custos de oportunidade – em escolher determinados tipos de experiências educativas e institucionais, aumentando experiências para garantir o acesso a oportunidades diminuídas em economias globalmente competitivas. (ROBERTSON; VERGER, 2012, p. 138).

As famílias organizam a vida escolar dos filhos pensando nos diversos fatores que contribuem para a trajetória escolar. A escolha da escola, dos cursos, das atividades extracurriculares, se organiza a partir de julgamentos do que a família considera importante, mas também é um reflexo das impressões da sociedade, pois o valor das práticas educativas se dará propriamente na sociedade.

O protagonismo crescente com que os pais assumem a escolaridade dos filhos, a maior autonomia para escolher e apropriar-se dos produtos e serviços de apoio paraescolares, a capacidade de analisar os indicadores internos e externos de excelência escolar, bem como de analisar as consequências e o alcance de seus próprios atos e escolhas educacionais, situam esses pais como sujeitos dotados de maior capacidade reflexiva. (FIALHO, 2012, p. 8).

Compreende-se que a escolha do estabelecimento de ensino será o momento em que as estratégias de parentocracia começam a se desenvolver. A instituição de ensino demonstra muitas vezes quais são as expectativas familiares para a escolarização de seus filhos. As

escolas são escolhidas de acordo com o que a família considera importante. Assim, a escola funciona como um complemento do que a família transmite aos seus filhos.

Os investimentos realizados na educação dos filhos não são vistos como perdidos, pois as famílias esperam que haja um retorno. Assim, os investimentos financeiros são realizados pelos pais e aos filhos cabe a responsabilidade de saber aproveitá-los e reorganizá-los para que eles façam parte dos bens familiares, seja como capital econômico ou de outras formas.

A longevidade escolar pode significar maiores chances de entrada no mercado de trabalho, já que pode significar que o agente está melhor preparado para as exigências feitas por esse setor. “[...] educação passou a ser entendida como algo não meramente ornamental, um mero bem de consumo, mas como algo decisivo do ponto de vista do desenvolvimento econômico, um bem de produção, portanto.” (SAVIANI, 2004, p. 48).

Mais uma vez, percebe-se que não se podem explicar as trajetórias de sucesso utilizando apenas a ideia de mérito individual, pois os investimentos na escolarização são feitos pelas famílias que são as detentoras dos capitais disponíveis para realizar tais investimentos.

Além dos capitais disponíveis, a família detém uma rede de relações que pode contribuir para a trajetória escolar dos filhos. Essa rede de relações é também entendida como uma herança e um recurso que o estudante pode utilizar, seja para conhecer boas instituições de ensino, seja para futuramente conseguir se colocar com mais facilidade no mercado de trabalho.

Na verdade, o capital econômico e o social funcionam, muitas vezes, apenas como meios auxiliares na acumulação do capital cultural. No caso do capital econômico, permitindo o acesso a determinados estabelecimentos de ensino e a certos bens culturais mais caros, como os produtos e serviços paraescolares e as viagens de estudo. [...] O aproveitamento e o benefício escolar extraído dessas oportunidades dependem sempre, no entanto, do capital cultural previamente possuído. (NOGUEIRA; NOGUEIRA; 2014, p. 54).

Para se diferenciarem umas das outras, as frações de classe buscam por elementos de distinção “[...] as ocasiões de colocar em cena a distinção são inesgotáveis, mesmo nas práticas mais banais: roupas, decoração, transporte, turismo, lazer, etc.” (LOYOLA, 2002, p. 75).

Também nas práticas escolares, essa distinção será alvo de procura. Para se distinguir das classes populares e se aproximar das altas frações de classe, a classe média tende a realizar investimentos em serviços particulares. Abre-se então cada vez mais um mercado que oferece para cada fração de classe uma forma de distinção das demais. Assim, “[...] o funcionamento e os efeitos de um mercado da educação beneficiam certas classes e frações de classe em detrimento de outras.” (BALL, 1995, p. 215).

Esse mercado se organiza de acordo com as expectativas dos pais. Quanto maiores forem os recursos das escolas, para oferecer práticas diferenciadas, que vão além do contexto de sala de aula, maior será a distinção que essa escola tem sobre as outras. Como respostas às expectativas familiares, as escolas começam a oferecer serviços como o intercâmbio, ensino bilíngue, viagens para conhecer pontos históricos, palestras, aulas de período integral, entre outros.

A parentocracia é compreendida como o protagonismo dos pais na escolarização dos seus filhos, já que são eles que fazem as exigências, delimitam objetivos (no caso da primeira instituição de ensino, etapa em que os estudantes são muito jovens para realizar escolhas sobre sua escolarização) e, principalmente, são os responsáveis pelos investimentos financeiros.

Esse protagonismo dos pais não anula a participação dos estudantes. O que ocorre é que os pais já possuem um conhecimento sobre as práticas escolares que facilita a organização das atividades escolares.

Não se trata aqui apenas do conhecimento maior ou menor que possa ter da organização formal do sistema escolar (ramos de ensino, cursos, estabelecimentos), mas, sobretudo, da compreensão que se tenha das hierarquias mais ou menos sutis que distinguem as ramificações escolares do ponto de vista de sua qualidade acadêmica, prestígio social e retorno financeiro. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2014, p. 53).

Esse conhecimento é adquirido na trajetória dos pais, a partir dos acúmulos dos capitais, contando com esses dois elementos que as estratégias são desenvolvidas. O conceito de estratégia considerado neste trabalho é o de Bourdieu, que o entende como

[...] produto do senso prático como sentido do jogo, de um jogo social particular, historicamente definido, que se adquire desde a infância, participando das atividades sociais [...] O bom jogador, [...] faz a todo

instante o que deve ser feito, o que o jogo demanda e exige. Isso supõe uma invenção permanente, indispensável para se adaptar às situações indefinidamente variadas, nunca perfeitamente idênticas. (BOURDIEU, 2004, p. 81).

Bourdieu não considera que as estratégias quanto à educação dos filhos sejam premeditadas friamente. Os pais as desenvolvem motivados pela possibilidade de manutenção ou ampliação das posições sociais, mas a preocupação predominante é com o futuro dos filhos. Essa noção de estratégia de Bourdieu

[...] faz referência não à perseguição intencional e planejada em direção a fins calculados, mas ao desenrolar de linhas objetivamente orientadas que obedecem a regularidade e formam configurações coerentes e socialmente inteligíveis, ainda que não sigam qualquer regra consciente ou não visem a objetivos premeditados, colocados como tais por uma estratégia. (LOYOLA, 2002, p. 84-85).

As estratégias são desenvolvidas e pensadas de acordo com as condições dadas no presente. Elas podem ser modificadas quando necessário, assim os agentes vão se adaptando às novas configurações do mercado escolar e desenvolvendo novas estratégias de acordo com suas possibilidades e objetivos.

Diferentes estratégias são desenvolvidas pelas famílias que buscam a garantia do sucesso escolar dos filhos. Elas diversificam de acordo com os objetivos familiares. Por exemplo, se as famílias buscam uma educação voltada ao ensino de línguas estrangeiras, podem procurar por escolas bilíngues ou escolas que tenham parceria com programas de intercâmbio.

[...] os intercâmbios representam uma forma de atender, ao mesmo tempo, às duas grandes exigências colocadas hoje para a família contemporânea: garantir aos filhos trunfos que lhes forneçam maior competitividade **nos mercados escolar** e profissional. (PRADO, 2002, p. 12).

Além de ser uma oportunidade de conhecer culturas de outros países, o intercâmbio se torna um diferencial para o mercado de trabalho. Supõe-se que a prática do intercâmbio faz com que o agente adquira não só conhecimentos culturais, mas um aprofundamento linguístico em um idioma que não é o de sua origem.

As famílias podem desenvolver estratégias voltadas à educação religiosa. Para isso, podem buscar colégios confessionais, já que

[...] a educação confessional, promovida por uma instituição confessional de educação, prevê que o todo da escola – a começar pelo seu projeto educativo – seja orientado pelos valores da tradição religiosa e do carisma religioso professados pela instituição, mais especificamente, pela ordem religiosa que a mantém. (BORBA, 2014, p. 24).

Além dessas duas estratégias, as famílias podem recorrer ao ensino em tempo integral, caso considerem importante que seus filhos estejam envolvidos com práticas educativas durante a maior parte do tempo, o que resultaria em uma formação mais completa. Suponho que as famílias que adotam essa estratégia consideram que

[...] a educação integral busca promover o desenvolvimento do ser humano, em todos os seus aspectos (cognitivo, afetivo, social, físico, ético, estético), por meio do acesso à ciência, à cultura e à tecnologia [...] A extensão do tempo do aluno na escola só será justificada, se esse tempo contribuir para a sua formação integral. (NUNES, 2013, p. 50-51).

Outras estratégias, como a contratação de professores particulares, matrículas em cursos de idioma, a entrada em um cursinho pré-vestibular, assistir a palestras relacionadas à educação, também estão presentes no cotidiano das famílias. Diante das diversas estratégias que as famílias podem desenvolver, consideramos a existência cada vez mais de um mercado escolar e, além disso, de um mercado paraescolar.

Tomando a lógica do mercado para analisar as questões da educação, entendo que a “mercadoria” das escolas seja o modo como sua prática de ensino é realizada. A escolha do estabelecimento escolar significa, portanto, que as famílias estão “comprando” uma forma de educação “[...] um dos principais instrumentos para a criação de um mercado educativo tem consistido, como vimos, na possibilidade de escolha das escolas pelas famílias.” (BARROSO; VISEU, 2003, p. 902).

Algumas produções acadêmicas apontam e discutem a existência do mercado escolar e citam as estratégias apontadas acima como elementos oferecidos por esse mercado. No trabalho desenvolvido por Cantuaria (2005), que faz uma discussão sobre as escolas internacionais da cidade de São Paulo, apresenta-se a existência de um “[...] **mercado escolar**

concreto.” (CANTUARIA, 2005, p. 9, grifo nosso). No trabalho de Negri (2012), identifica-se que existem “várias formas de investimento no **mercado escolar.**” (NEGRI, 2012, p. 41, grifo nosso). A pesquisa de Fialho (2012) indica a existência de um “[...] **mercado escolar nacional**” (FIALHO, 2012, p. 17, grifo nosso). Segundo a autora,

[...] um dos fatores citados pelos pais e que parece impulsioná-los ainda mais para uma conduta de superinvestimento decorre da constatação de que hoje o **mercado escolar** é mais competitivo e que a inserção profissional se tornou mais difícil. É preciso ir além de uma graduação e os pais reconhecem que os diplomas universitários perderam valor no mercado de trabalho. (FIALHO, 2012, p. 32, grifo nosso).

Nota-se que a competitividade, que antes era uma preocupação que só chegava nos momentos de disputar uma vaga no mercado de trabalho, já está presente nas escolas. Assim, as famílias buscam pelas instituições que possibilitam que seus filhos tenham algum tipo de vantagem sobre aqueles que estudam em escolas que não oferecem tipo de diferencial algum.

A ideia de longevidade escolar se estende cada vez mais, visto que, com os programas do governo, o acesso às instituições de ensino superior se estendeu às camadas populares, considerando que “[...] o interesse pelo ingresso no ensino superior se relaciona às expectativas de melhoria de vida, crescimento da renda e ascensão social atribuídas a uma escolarização de nível superior.” (AMARAL; OLIVEIRA, 2011, p. 23). Assim, o diploma de graduação precisa ser complementado com outros tipos de formação, como por exemplo, a pós-graduação, a especialização etc.

Além de procurar por escolas de prestígio, as famílias buscam preparar seus filhos para ingressar em instituições de ensino superior que também sejam consideradas de prestígio, pois

[...] o peso do diploma obtido em uma universidade de prestígio ainda é a variável mais importante na decisão de contratação, definindo não apenas a obtenção do emprego, mas também o acesso às vagas que levam às posições gerenciais, mais bem remuneradas e mais prestigiosas (ALVES; ALMEIDA, 2009, p. 939).

Com isso, compreende-se que as estratégias em torno da escolarização dos filhos se estendem em todas as etapas da educação. A partir dessa percepção, temos a ideia de como o

mercado escolar pode ser amplo e os serviços oferecidos podem atender às mais diversas necessidades e etapas de escolarização.

As exigências feitas pelas famílias fazem com que as próprias instituições escolares desenvolvam uma relação de competitividade entre elas. Assim, as escolas vão recorrendo a diversas alternativas para atrair as famílias e os estudantes, objetivando produzir uma imagem de excelência de ensino.

Como já abordado, as famílias não se preocupam apenas com uma boa escolarização. Os pais buscam instituições em que seus filhos possam estabelecer relações importantes para seu futuro profissional. No estudo realizado por Nogueira (2002, p. 53-54), foi possível observar que os “[...] pais optam por instituições que imaginam oferecer um ambiente social seletivo, homogêneo e consoante com os padrões da família.”

As escolas se organizam a partir do grupo social que pretendem atender. Assim, os “diferentes 'tipos' de escolas estão sendo adequados aos diferentes 'tipos' de famílias.” (OLIVEIRA, 2005, p. 6). As estratégias desenvolvidas a partir das ações de parentocracia são incorporadas pelas escolas a partir das demandas feitas pelas famílias.

As estratégias podem ser desenvolvidas também no decorrer da trajetória escolar. Após a definição dos objetivos que as famílias pretendem atingir após o ingresso nas escolas, as ações da parentocracia continuam influenciando a vida escolar dos estudantes. A aquisição de aparelhos tecnológicos, livros, *softwares* educativos e a contratação de professores particulares são ações que inicialmente podem não ser idealizadas pelos pais, mas surgem a partir de necessidades dos estudantes.

As famílias, ao proporcionar que seus filhos tenham o auxílio de um professor particular ou de qualquer outro elemento que contribua para a trajetória escolar dos agentes, estão garantindo um maior envolvimento com as questões escolares e a possibilidade de dedicação aos estudos. Dessa forma, as dificuldades de aprendizagem são minimizadas.

O problema de aprendizagem enfrentado pelo agente na escola pode ser resolvido por meio de uma ação da família que, para auxiliar o agente, busca a intervenção de um profissional que atua fora do espaço escolar. Compreendo que famílias, escolas e professores particulares formam uma “[...] rede de relações paralela ao sistema escolar formal mas, ao mesmo tempo, tão conhecida por ele.” (MATTOS, 2009, p. 2).

Em suma, cada vez mais as ações desenvolvidas pela parentocracia são consideradas como um fator de relevância para compreender os caminhos percorridos pelos agentes-

estudantes em sua trajetória escolar. Os pais organizam a vida escolar dos filhos a partir de suas experiências, dos contatos sociais que fazem, das informações acerca de instituições de ensino, entre outros elementos. O envolvimento das famílias com o processo de escolarização dos filhos resulta em novos caminhos que podem ser percorridos na trajetória escolar dos agentes.

1.3 O cultivo orquestrado e sua influência na trajetória escolar

Na noção da parentocracia compreende-se o quanto a ação dos pais exerce influência na trajetória escolar dos agentes. Com ela, os pais ganham um protagonismo nas análises sobre a vida escolar de seus filhos e, com isso, é possível identificar diversos tipos de estratégias e ações que independem do estudante, mas que fazem parte de suas práticas diárias.

Neste tópico, apresento a ideia de “cultivo orquestrado”, que está ligada à noção de parentocracia. Tenho o objetivo de compreender esse conceito e demonstrar alguns elementos que o constituem. Os pais organizam não só as atividades escolares, mas também as atividades extraescolares. Todas elas são pensadas seguindo uma lógica e objetivando alcançar um objetivo. Esse movimento de organização das atividades diárias dos filhos é denominado de “**cultivo orquestrado**”.

Os pais de classe média, [...] tendem a se ajustar na lógica de criação a qual denomino “cultivo orquestrado”. Eles matriculam seus filhos em diversas atividades organizadas, específicas para cada idade, as quais dominam a vida familiar e geram um grande esforço, especialmente para as mães. (LAREAU, 2007, p. 17).

As famílias desenvolvem uma organização que tem como objetivo fazer com que os estudantes estejam envolvidos com práticas educativas que os ajudarão a ter um bom desempenho escolar. São

[...] ações visando estimular o desenvolvimento cognitivo e social dos filhos, levando-os à constituição de habilidades julgadas necessárias a sua vida futura, mas também a seu bem-estar presente. Para isso, organizam uma programação intensa e contínua que estrutura o tempo extraescolar (aulas de

artes, idioma, esportes, etc.) e que é parte integrante de uma lógica de criação dos filhos que Lareau denomina de “cultivo orquestrado”. (NOGUEIRA, 2012, p. 118).

Percebe-se que as ações dos pais não ocorrem sem uma intenção. Os investimentos aplicados à educação escolar dos filhos são pensados e decididos a partir daquilo que os pais consideram que dará continuidade ao que já foi realizado nas etapas anteriores da escolarização. As famílias buscam novas alternativas no mercado paraescolar para que seus filhos estejam sempre, ou na maior parte do tempo, envolvidos em atividades que complementem a educação recebida na escola.

Na França, o termo “paraescolar” designa todo um conjunto de produtos concebidos para ajudar os alunos em suas aprendizagens escolares, fora da escola. Os livros, softwares ou sites web paraescolares, portanto, são produtos destinados a apoiar, reforçar, complementar ou aprofundar o estudo pessoal exigido dos alunos. (CORIDIAN, 2003, p. 947).

Os pais, ao recorrer ao mercado paraescolar, pretendem auxiliar os filhos com produtos que muitas vezes a escola não disponibiliza. Esses produtos, além de servir como um reforço, podem funcionar como uma ferramenta de motivação para os estudantes.

[...] parte dos pais de alunos compra produtos paraescolares – cadernos ou livros de exercícios, de apoio, de aprofundamento, softwares etc. – para seus filhos, porque desejam ajudá-los a estudar em casa ou para lhes fornecer instrumentos de estudo que, supostamente, vão facilitar sua tarefa ou, melhor ainda, motivá-los a envidar os esforços necessários a uma boa escolaridade. (CORIDIAN, 2003, p. 948).

Compreende-se que essas novas ferramentas de estudo já possibilitam uma diferenciação entre os estudantes. Mesmo que eles estejam na mesma escola, recebendo o mesmo tipo de ensino, contando com o auxílio dos mesmos professores, poder contar com os produtos paraescolares constitui uma vantagem sobre aqueles que não têm esse contato.

Essa vantagem se dá quando o estudante consegue aprender com mais facilidade novos conteúdos, pois possui elementos que o ajudam nesse aprendizado. Muitas vezes, esses produtos possibilitam que o estudante conheça os conteúdos trabalhados em sala de aula antes

que o professor os apresente para a turma. Por já ter tido um contato anterior com esses conteúdos, ele pode se destacar entre seus colegas.

O mercado paraescolar apresenta o professor particular como um elemento que serve de complemento às atividades escolares. Ele é entendido como uma das estratégias mais antigas quando se trata de alternativas para o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem.

O trabalho do professor particular é visto como uma forma de reforço escolar. Como já explicitarei na introdução do trabalho, não encontrei um número significativo de produções científicas que tenham o professor particular como objeto de estudo.

No levantamento realizado, foi localizado o trabalho de Mattos (2009), produzido na cidade do Rio de Janeiro. Nesse estudo, as professoras particulares são representadas pelo termo “explicadoras”, usual no estado do Rio de Janeiro, local da pesquisa. Entendo que esse trabalho se assemelha às minhas investigações, pois as explicadoras são entendidas como “[...] estratégias familiares usadas como formas de evitamento do insucesso escolar de seus respectivos filhos.” (MATTOS, 2009, p. 2).

As explicadoras, por definição, são

Mulheres, na maioria das vezes professoras formadas, que lecionam em cômodos de suas próprias casas atendendo a alunos de diversas faixas etárias, em turmas multisseriadas, moradoras nos bairros periféricos do município do Rio de Janeiro e em municípios da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. (MATTOS, 2009, p. 2).

Em sua pesquisa, o autor apresenta alguns depoimentos dados por explicadoras sobre a visão que elas possuem de família e escolas que buscam por seus serviços. Nos depoimentos dados, percebemos que há um conflito muito forte na relação entre as explicadoras e as escolas. Mattos (2009) identificou uma “[...] série de pesadas críticas aos professores das escolas, segundo elas, pela falta de responsabilidade deles para com a individualidade dos alunos no processo ensino aprendizagem.” (MATTOS, 2009, p. 14).

Apesar de as explicadoras serem consideradas uma estratégia familiar no combate às dificuldades de aprendizagem, o autor identifica uma crítica muito forte dessas professoras sobre as famílias dos estudantes que eram atendidos por elas. Segundo elas, “A criança vai

para a explicadora porque as famílias querem se livrar dos compromissos.” (MATTOS, 2009, p. 18).

Uma das justificativas dadas pelas famílias pela falta de acompanhamento das atividades escolares dos filhos pode ser o tempo, já que “[...] o trabalho e outras atividades têm consumido o tempo dos pais” (FERRAZ, 2008, p.15). Compreendo que a falta de tempo não significa um desinteresse, já que existe a intenção de realizar investimentos que vão além da escolha de uma boa escola. O fato de as famílias delegarem a outros a responsabilidade de auxiliar seus filhos nas atividades escolares não pode ser considerado como falta de interesse, pois percebemos que existe a intenção de ajudá-los a partir de novos investimentos, visto que

[...] o aproveitamento dos educandos não é fruto apenas do efeito da escola, mas resultado de uma conjunção de fatores, dos quais se destaca a participação dos pais e /ou responsáveis, ressaltando que um programa de tutoria pode minimizar o impacto da ausência de acompanhamento escolar por parte da família. (ALVES, 2011, p. 8).

O conceito de atividade de tutoria utilizado por Ferraz (2008) se assemelha ao conceito de professor particular e aulas particulares que é utilizado nesta pesquisa.

Como tratado anteriormente, os investimentos feitos dependerão da posse de capitais de cada família. O trabalho desenvolvido por Tatit (2014) encontrado no site da BDTD durante o levantamento bibliográfico apresenta um trecho em que foi possível constatar que o professor particular surge como uma estratégia para combater as dificuldades de aprendizagem encontradas pelos alunos.

Quando se trata de uma dificuldade de aprendizagem, ou seja, daquilo que se refere especificamente ao âmbito dos conteúdos pedagógicos, a estrutura escolar ajuda (ao menos em tese) a “dar conta” de alguma forma; é comum que as escolas contem com sistemas de recuperação paralela, reforços ou aulas em pequenos grupos no contra-turno [...]. **No caso de crianças de nível econômico mais alto, frequentemente lança-se mão também de aulas particulares.** (TATIT, 2013, p. 30, grifo nosso).

Apesar de não focalizar o professor particular em sua pesquisa, a autora nos informa que, no caso desses profissionais, as famílias que recorrem a esse recurso possuem um bom capital econômico.

No trabalho desenvolvido por Castro (2013), a própria autora faz um relato sobre o trabalho como professora particular de Francês. Nesse relato, novamente é possível constatar que o fator capital econômico influencia na possibilidade da contratação do professor particular. Segundo a autora, “[...] nas minhas aulas particulares, trabalhava na casa de crianças pertencentes a uma classe com grandes oportunidades aquisitivas.” (CASTRO, 2013, p. 23).

O cultivo orquestrado relaciona-se diretamente à noção de parentocracia, já que

Todo esse conjunto de investimentos destacados – que vão das **práticas de acompanhamento da vida escolar** às ações de internacionalização dos estudos, passando pela força das estratégias de escolha do estabelecimento de ensino – configuraria, segundo um grupo de sociólogos, uma tendência contemporânea de transição da meritocracia a uma parentocracia. (NOGUEIRA, 2012, p. 120, grifo nosso).

Ao se considerarem todos esses fatores, a questão da meritocracia individual passa a ser insuficiente para explicar as trajetórias de sucesso ou fracasso, pois quando comparadas as trajetórias de agentes que puderam contar com ações da parentocracia com aquelas dos que não tiveram a mesma oportunidade, percebe-se o quanto estes ficam em posição de desigualdade.

Assim, os conceitos de parentocracia e cultivo orquestrado possibilitam uma nova forma de compreender as trajetórias escolares de sucesso. A partir das ações da parentocracia, o cultivo orquestrado se materializa, resultando em práticas que exercem influência no modo como os agentes vivenciam as experiências escolares.

CAPÍTULO II

MERCADO ESCOLAR E PROFESSORES PARTICULARES NA FORMAÇÃO DE AGENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

No capítulo anterior foram trazidas algumas possibilidades de investimentos realizados no que se denominou mercado escolar. Identifiquei a existência de um mercado paraescolar, que surge a partir da intenção de possibilitar ao estudante ampliar a formação para além da escola, isto é, contribuir no desempenho escolar. Apontei como exemplo a busca por apostilas, livros, *softwares* educativos, cursos extracurriculares, palestras relacionadas à educação e a contratação do professor particular, que é o objeto desta investigação.

O interesse por investimentos no mercado escolar surge a partir de uma exigência da escola, por um pedido do próprio estudante ou da participação da família no processo de escolarização de seus filhos. Em face das dificuldades encontradas pelos estudantes em sua trajetória escolar, a família recorre às alternativas apresentadas pelo mercado escolar. Chamei a atenção para a posse de capitais das famílias na realização desses investimentos. Não me referi somente à posse do capital econômico, mas também à posse de outros tipos de capitais - cultural, social e escolar - dessas famílias.

Quanto maiores forem as posses de capitais das famílias, maiores serão as chances de conhecer e realizar um investimento na educação de seus filhos. Afinal, “[...] o mercado não é neutro. Ele presume certas habilidades, competências e possibilidades materiais (tempo, transporte, creche, etc.), que estão desigualmente distribuídas entre a população.” (BALL, 1995, p. 215).

De acordo com o que já foi abordado, cada um desses capitais pode contribuir para a trajetória escolar dos estudantes. Considero, então, que “[...] a ideologia do mercado, na verdade, funciona como um mecanismo de reprodução de classe.” (BALL, 1995, p. 216), visto que a posse dos capitais permite o conhecimento e materialização de novas alternativas de investimento na escolarização dos agentes.

O mercado escolar coloca em evidência a competitividade entre os estudantes, já que, ao contar com recursos que não estão necessariamente na escola, eles têm a possibilidade de destaque e distinção entre os colegas, pois terão a possibilidade de, por exemplo, contar com a presença de um professor particular para superar suas dificuldades de aprendizagem. Assim, “[...] o mercado funciona como uma estratégia de classe, ao criar um mecanismo que pode ser explorado pelas classes médias como uma estratégia de reprodução em sua busca de uma situação de vantagem relativa.” (BALL, 1995, p. 224).

A abordagem da educação, seguindo a lógica da existência de um mercado, identificou entre as escolas e os estudantes uma relação de competitividade. Essa competitividade resulta em ações, tanto por parte das escolas como dos estudantes, que servem como uma diferenciação entre seus pares. Assim, as escolas passam a oferecer diferentes tipos de serviços (viagens de intercâmbios, ensino bilíngue, aulas de reforço etc) para atrair mais estudantes que, por sua vez, buscam por esses serviços durante o período da escolarização para, posteriormente, apresentar esses elementos como uma vantagem a ser oferecida para o mercado de trabalho.

O mercado escolar se organiza pensando em “atrativos” que podem ser oferecidos, e as famílias recorrem a esses “atrativos” pensando nas vantagens que podem ser adquiridas a partir deles, tais como: na forma como o serviço do professor particular é oferecido. Nota-se que esse profissional, apesar de ser uma estratégia antiga, ainda é procurado pelas famílias e estudantes no enfrentamento dos problemas de aprendizagem e para outros fins. Atualmente, há uma institucionalização desse serviço, que é oferecido de forma mais organizada, contando com um novo tipo de estrutura e recursos para o desenvolvimento desse trabalho.

Os principais questionamentos que orientam a elaboração desse capítulo são: como o oferecimento do serviço do professor particular se organiza atualmente? Quais os tipos de vantagens oferecidas a partir da contratação desse profissional? Quais são as diferenças entre o trabalho desenvolvido por esse professor e aquele desenvolvido pelo professor das escolas convencionais? Quais são as expectativas dos pais e estudantes diante desse serviço?

Este capítulo organiza-se em três tópicos, a saber: no primeiro, tenho como objetivo discutir como o professor particular se coloca como uma alternativa no mercado escolar. Para realizar essa análise, desenvolvi uma pesquisa em sites de instituições localizadas em Campo Grande/MS que oferecem esse serviço, no intuito de identificar quais seriam os benefícios adquiridos a partir da contratação do professor particular. O objetivo do segundo tópico do capítulo é apresentar as instituições que oferecem os serviços de professores particulares em Campo Grande/MS. Essas instituições⁶ são o lócus da pesquisa. O interesse em realizar a pesquisa nessas instituições foi por notar que, atualmente, a oferta dos serviços de professores particulares se faz de forma mais institucionalizada, enquanto que no passado o professor particular costumava atender na casa dos alunos ou até mesmo em sua própria residência. O objetivo do terceiro tópico do capítulo é apresentar as particularidades do trabalho desenvolvido pelo professor particular. Para isso, realizei entrevistas com professores particulares e gestores das instituições lócus da pesquisa.

2.1 Estratégias de *marketing* e os professores particulares: o caso de Campo Grande – Mato Grosso do Sul

Neste tópico, tenho como objetivo identificar quais são as estratégias de *marketing* utilizadas pelas instituições que oferecem o serviço de professores particulares. Para isso, analiso *sites* dessas instituições. A intenção é identificar de que formas esse serviço é oferecido, quais são as vantagens apresentadas, que elementos ganham destaque nesses *sites* e quais os comentários deixados pelos usuários desses serviços. Para operar na análise, conto com o suporte teórico de pesquisadores que têm como objeto de estudo os *sites* escolares, como por exemplo, a pesquisa desenvolvida por Brandão, Waldhelm e Felipe (2008) e Waldhelm (2009).

O foco nos *sites* foi escolhido para esse momento da pesquisa, pois considero que

[...] os sites escolares apresentaram-se como um campo de investigação com potencial para delinear, com maior precisão, as singularidades institucionais, assim como avaliar de que forma os recursos tecnológicos são utilizados

⁶ As instituições lócus da pesquisa optaram por não divulgar seus nomes. Portanto, nessa análise, não especificarei quais são seus *sites*.

para mediar a relação entre as famílias e as escolas. (BRANDÃO; WALDHELM; FELIPE, 2008, p. 2).

Além dos *sites*, algumas dessas instituições contam com páginas em redes sociais. As páginas são utilizadas para postar informações, dicas de estudos e interagir com os pais e estudantes. A análise desses *sites* permite a identificação de quais são as propostas das instituições, o tipo de trabalho que desenvolvem, o que apontam como um ponto forte de sua metodologia de ensino, entre outros elementos. Em geral, considera-se que:

[...] os sites das escolas apresentam um conjunto de informações que podem oferecer elementos preciosos para o entendimento diferencial de como os estabelecimentos de ensino constroem sua imagem de qualidade para atrair o público. (BRANDÃO; WALDHELM; FELIPE, 2008, p. 4).

Além do *site* da instituição lócus da pesquisa, analiso outros três que oferecem esse serviço. A escolha se deu a partir de uma busca no *site* www.google.com utilizando o descritor “professor particular”. A maior parte dos resultados dessa busca não era de *sites*, mas sim formas de entrar em contato com professores particulares (telefones e endereços).

Selecionei os *sites* que poderiam atender às expectativas da pesquisa, quanto às informações que buscávamos sobre o oferecimento do serviço do professor particular. Dos 4 *sites* selecionados, 2 são de franquias e 2 oferecem a opção do atendimento do professor *online* ou a indicação de professores que atendam na cidade em que o aluno se encontra. Buscamos também as redes sociais desses *sites* para ver comentários dos pais e estudantes que utilizam esses serviços.

O primeiro *site* analisado foi o da franquia *Smartz School*⁷. Esta oferece aulas de Português, Matemática, Inglês e reforço escolar multidisciplinar (também chamado de reforço escolar). Ao entrarmos no *site*, uma janela para a realização do cadastro é aberta automaticamente. Esse cadastro pede informações como: nome completo, telefone, *e-mail*, cidade e estado. Ao informar a cidade e o estado, o *site* apresenta as unidades disponíveis naquela localidade. Em Campo Grande/MS, a franquia conta com três unidades físicas. Após realizar o cadastro, o *site* permite que o usuário faça um agendamento para visitar a unidade

⁷ Disponível em: <<http://www.smartz.com.br/>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

escolhida. Ao lado do espaço para se cadastrar vemos em destaque a seguinte frase: “Tchau, tchau dificuldade escolar” (SMARTZ⁸,2015) e logo após essa frase, um pequeno texto surge: “Com a Smartz você diz adeus aos problemas de aprendizagem, com planos de ação e suporte que ajudam o aluno a obter melhor desempenho em Português, Matemática e Inglês.” (SMARTZ⁹,2015).

Ao fecharmos a opção de cadastro, temos acesso a todo o conteúdo do *site*¹⁰. As primeiras informações fornecidas são sobre os programas de ensino de Português, Matemática, Inglês e do reforço escolar. Depois dessas informações, é possível visualizar comentários deixados pelos alunos, baixar jogos educativos de Português e Matemática criados pela franquia e acessar as redes sociais.

Existe um espaço de apresentação da instituição denominado “a marca”, onde é possível encontrar uma descrição da franquia no espaço intitulado “Quem Somos?”. A descrição é feita de forma breve. Nesse espaço, temos a informação de que a franquia surgiu para “para suprir a lacuna que existe na educação das crianças e jovens brasileiros [...] num ambiente agradável e propício para o desenvolvimento intelectual das crianças, proporcionando também disciplina, motivação e dedicação.” (SMARTZ¹¹, 2015). Depois da parte do “Quem Somos?”, o *site* apresenta o espaço do “Por Quem Somos?”, em que rapidamente são apresentados resultados de pesquisas que demonstram os baixos índices de aprendizado de Português e Matemática nas escolas brasileiras.

A utilização de pesquisas científicas que atestam a necessidade de um reforço escolar é compreendida como uma estratégia da franquia para chamar a atenção de pais e estudantes. A partir de dados estatísticos, a franquia encontra uma forma de comprovar que o investimento realizado é necessário para que os estudantes não corram o risco de defasagem no aprendizado.

A parte de acesso dos programas de ensino da instituição é apresentada a partir do seguinte texto:

⁸ Disponível em: <<http://www.smartz.com.br/>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

⁹ Disponível em: <<http://www.smartz.com.br/>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

¹⁰ Não é necessário fazer o cadastro para acessar o conteúdo do *site*. O cadastro é realizado para o agendamento de uma visita na instituição.

¹¹ Disponível em: <<http://www.smartz.com.br/a-marca>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

Para superar as dificuldades do aprendizado só existe uma única receita certa: dedicação! Na Smartz, o aluno pode ir mais longe com a metodologia das aulas presenciais que o auxilia a evoluir sozinho, aplicando o aprendizado nos seus estudos do di-a-dia. (SMARTZ¹², 2015).

É possível perceber que o *site* enfatiza a dedicação do aluno como forma de superar as dificuldades escolares. Na consulta, constato que a forma como o trabalho é realizado pelos professores não é apresentada pelo *site*. Também não é possível identificar de que forma as aulas são realizadas. Somente quando buscamos as informações específicas de cada programa de ensino oferecido pela franquia é possível compreender qual é a proposta da instituição.

As aulas de Matemática, Inglês e Português são oferecidas como cursos. O aluno que procura a instituição passa por um teste diagnóstico que irá direcioná-lo à etapa do curso em que ele deve ser matriculado.

Após realizar um teste diagnóstico dessa base, que indica o estágio de início do curso, o aluno resgata o conteúdo defasado e aprimora seu conhecimento cognitivo por meio de lições dentro e fora da sala de aula. O material didático de português contém todo o conteúdo da gramática normativa relativa ao Ensino Fundamental I e II, além de interpretação de textos, gêneros textuais e textos interdisciplinares, tornando-o um curso completo que possibilitará não só o desenvolvimento da leitura como da escrita, com lições gradativas que partem do assunto mais simples para o complexo. (SMARTZ¹³, 2015).

A descrição dos programas de ensino, apesar de apresentar o material utilizado nas aulas, não mostra se estas serão individuais ou em grupo. Na descrição do programa de ensino do curso de Matemática, em alguns momentos é possível perceber a preocupação em relação ao atendimento às dificuldades individuais dos alunos.

Levar em consideração as **necessidades de cada pessoa** na hora de ensinar e incluir as lições de forma natural no cotidiano são alguns dos pontos que fazem do curso de Matemática da Smartz a metodologia certa de aprender com qualidade. Crianças a partir dos 6 anos de idade, adolescentes e adultos são selecionados para o estágio correspondente ao seu conhecimento por meio de um teste diagnóstico. A partir daí, é feito um estudo minucioso para adequar o aluno ao estágio inicial do mesmo e o conteúdo que é baseado no

¹² Disponível em: <<http://www.smartz.com.br/>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

¹³ Disponível em: <<http://www.smartz.com.br/programas/portugues>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

currículo programático das escolas do Brasil, vai **se transformando em lições, que evoluem segundo o ritmo de cada aluno**. (SMARTZ¹⁴, 2015, grifo nosso).

No programa de ensino de Inglês, mais uma vez é possível identificar a preocupação com as dificuldades individuais dos alunos: “[...] O método também proporciona confiança e motivação aos participantes, **pois tem como base cada aluno em particular**” (SMARTZ¹⁵, 2015, grifo nosso). A partir das informações do *site*, não é possível ter clareza se as aulas são individuais ou em grupo, porém é dada bastante ênfase ao enfrentamento das dificuldades individuais.

Analiso também os comentários deixados por pais e estudantes sobre os serviços prestados. No *site* da franquia, só é possível o acesso a dois depoimentos. Estes não são relatados pelos pais ou pelos alunos, mas sim pela própria franquia. Um dos depoimentos publicizado no *site*, inclusive com nomes e sobrenomes dos estudantes, enfatiza a participação dos pais na decisão de contratar os serviços da franquia, “O pai do aluno Felipe Leal procurou a Smartz Parque Prado porque percebeu que ele estava com dificuldade para ler e escrever ao ser transferido para um Colégio particular.” (SMARTZ¹⁶, 2015). Além disso, há uma ênfase na dedicação do aluno no título do depoimento. Nesse depoimento é relatado que, além do acompanhamento escolar, esse aluno contou com a ajuda de um psicólogo e de um fonoaudiólogo para superar suas dificuldades e, a partir desse trabalho, “[...] o aluno começou a demonstrar melhora expressiva no conteúdo do colégio, ganhou auto-estima, e passou a se mostrar sempre motivado para os estudos.” (SMARTZ¹⁷, 2015).

O segundo depoimento não menciona a participação dos familiares, mas enfatiza o esforço do aluno para atingir bons resultados.

Com o aprendizado que obtive na Unidade Anália Franco, **excelente dedicação** e acompanhamento dos orientadores, hoje é destaque em sala de aula. Interage em classe, ajuda os amigos graças ao seu domínio sobre os

¹⁴ Disponível em: <<http://www.smartz.com.br/programas/matematica>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.smartz.com.br/programas/ingles>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.smartz.com.br/Noticias/95/felipe-leal,-aluno-da-smartz-parque-prado-ja-mostra-os-resultados-de-sua-dedicacao-e-aprendizado>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.smartz.com.br/Noticias/95/felipe-leal,-aluno-da-smartz-parque-prado-ja-mostra-os-resultados-de-sua-dedicacao-e-aprendizado>>, Acesso em: 2 abr. 2015.

conteúdos trabalhados e também à segurança adquirida nesse período investido em seu aprendizado. (SMARTZ¹⁸, 2015, grifo nosso).

Percebe-se que tanto a participação dos pais quanto o esforço individual são elementos utilizados para contar as experiências vivenciadas pelos estudantes que procuram pelos serviços da franquia, porém os esforços individuais dos alunos aparecem nas duas histórias, enquanto que a participação familiar só é citada em uma delas. O aluno é colocado como o protagonista, isto é, responsável pelos resultados alcançados.

Após a parte dos depoimentos, é possível fazer *download* de jogos educativos e ter acesso aos *links* das redes sociais. Além desses espaços, existe a opção de consulta a um mapa que mostra a localização das franquias em cada estado do país.

Acessei a rede social da franquia para buscar mais comentários de pais e alunos sobre o serviço, mas os comentários que encontrei eram relacionados ao conteúdo postado na página, e não especificamente sobre o trabalho desenvolvido pela franquia. Percebo que, na rede social, as postagens podem ser divididas em dois temas: o serviço oferecido pela franquia, que são postagens direcionadas para os pais, e as dicas de estudo, que são direcionadas aos estudantes. Algumas dessas postagens convidam os pais a estudar junto com seus filhos.

O segundo *site* analisado foi o da franquia Tutores¹⁹, que possui duas unidades em Campo Grande/MS. O *site* contém vasta informação, tanto para quem procura os serviços da instituição, quanto para quem pretende se tornar proprietário de uma das franquias. As premiações conquistadas pela franquia ganham destaque no *site*. O espaço de apresentação da franquia, denominado “Sobre Nós”, apresenta a Tutores como uma equipe de trabalho que valoriza a educação e preocupa-se com a formação integral de seus alunos, trabalhando em parceria com escolas e famílias. Além disso, esse espaço apresenta a missão da instituição, a filosofia, o que é oferecido e em quais aspectos eles são diferentes.

Na apresentação da franquia, a família ganha destaque em alguns momentos, como na apresentação do objetivo - “[...] nosso objetivo é o de auxiliar o educando a obter sucesso na aprendizagem e a desenvolver a autoconfiança, trazendo maior tranquilidade ao ambiente

¹⁸ Disponível em: <<http://www.smartz.com.br/Noticias/94/leonardo-pereira-tamasi-e-aluno-da-smartz-analia-franco>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/index.asp>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

familiar e à vivência escolar.” (TUTORES²⁰, 2015) -, na exposição dos serviços oferecidos - “[...] os pais e responsáveis fazem parte do processo, acompanham de perto a evolução de seus filhos recebendo relatórios de acompanhamento sistematicamente.” (TUTORES²¹, 2015) - e na filosofia da empresa - “[...] monitorar o desenvolvimento individual do educando em sua aprendizagem, dando *feedback*, a ele, aos pais e escola.” (TUTORES²², 2015).

A questão do trabalho individual com os alunos também é algo presente em diversos momentos da apresentação da franquia. É descrito como da missão da empresa “[...] Realizar uma educação multidisciplinar de excelência, valorizando a individualidade e as potencialidades dos educandos.” (TUTORES²³, 2015). Na parte dos serviços oferecidos, o primeiro item é “[...] Tutores especializados e treinados para atender às individualidades e necessidades do educando por meio de avaliação diagnóstica e processual.” (TUTORES²⁴, 2015), além de afirmar que “Respeitamos o potencial individual, trabalhando a partir do que os alunos apresentam de conquistas e aprendizagem.” (TUTORES²⁵, 2015). A franquia oferece aulas individuais que podem ser realizadas na residência do aluno ou na sede da empresa.

Além da questão da individualidade, a franquia afirma em diversos momentos a preocupação com a formação integral dos educandos. A empresa apresenta como parte de sua filosofia: “Trabalhar com o desenvolvimento de competências, com abordagens procedimentais e atitudinais, visando à formação integral do educando.” (TUTORES²⁶, 2015). A Tutores explicita que oferece aos alunos “[...] a oportunidade de crescimento e

²⁰ Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/tutores-reforco-escolar.asp#conteudo>>. Acesso em 3 abr. 2015.

²¹ Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/tutores-reforco-escolar.asp#conteudo>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

²² Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/tutores-reforco-escolar.asp#conteudo>>. Acesso em: 3 abr 2015.

²³ Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/tutores-reforco-escolar.asp#conteudo>>. Acesso em: 3 abr 2015.

²⁴ Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/tutores-reforco-escolar.asp#conteudo>>. Acesso em: 3 abr 2015.

²⁵ Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/tutores-reforco-escolar.asp#conteudo>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

²⁶ Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/tutores-reforco-escolar.asp#conteudo>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

desenvolvimento de habilidades e competências essenciais para a vida.” (TUTORES²⁷, 2015). Em sua proposta, há informações sobre os materiais e métodos utilizados nas aulas. A franquia pretende: “Trabalhar com o acompanhamento escolar, utilizando os conteúdos, tarefas e trabalhos propostos pela escola, dentro de uma proposta de aprendizagem significativa.” (TUTORES²⁸, 2015).

Na seção de serviços oferecidos, estão informações sobre o sistema da franquia: a metodologia, local das aulas, técnica de estudo, a descrição do reforço escolar, aula particular e tutoria, como é o trabalho desenvolvido com alunos do ensino fundamental, a descrição do atendimento direcionado às crianças denominado de “Tutores Kids”, preparatório para o ENEM, vestibular, atendimento aos alunos do ensino médio, superior e TCC, Português para estrangeiros e Informática para a terceira idade.

Na descrição do sistema da franquia, localiza-se a informação de que os alunos passam por uma avaliação diagnóstica antes do início das aulas. Essa avaliação é utilizada para montar um plano de reforço individual para os estudantes. Na explicação da metodologia utilizada nas aulas, a franquia coloca como objetivo ensinar seus alunos a aprender e mostra uma “preocupação” com as escolhas da família ao dizer que:

[...] valorizarmos o projeto escolar escolhido pela família, evitamos acrescentar novos materiais que possam sobrecarregar o aluno de tarefas e exercícios repetitivos. Assim sendo, utilizando o material didático próprio da escola, o estudante consegue acompanhar melhor o conteúdo das aulas. (TUTORES²⁹, 2015).

Há, então, uma valorização das escolhas familiares, indicando um trabalho que envolva uma parceria com as escolas, evitando conflitos quanto ao método utilizado e ao que é valorizado pela família e instituição escolar de origem de cada aluno.

²⁷ Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/tutores-reforco-escolar.asp#conteudo>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

²⁸ Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/tutores-reforco-escolar.asp#conteudo>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

²⁹ Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/reforco-escolar-aula-particular.asp#reforco-escolar>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

Ajudamos nossos alunos na obtenção do sucesso escolar, utilizando seu próprio material didático, sem exercícios complementares, de forma que os objetivos escolares sejam atingidos, para que o ambiente familiar esteja protegido dos desgastes nas relações interpessoais. (TUTORES³⁰, 2015).

A família também é citada na descrição do serviço de Tutoria

[...] compreendemos as necessidades da família, em especial, as da Mãe que em função dos diversos compromissos da vida moderna não dispõe do tempo necessário para acompanhar um filho com dificuldade de aprendizagem, o que pode gerar um estresse continuado no seio da família. (TUTORES³¹, 2015).

Compreendo, com base na análise do *site*, que a franquia pretende se apresentar como um espaço que beneficia os estudantes, mas também seus familiares, já que pretende demonstrar que a partir do reforço escolar é possível evitar conflitos no ambiente familiar. Segundo as informações do *site*, o acompanhamento escolar desenvolvido pela franquia pretende fazer com que os alunos criem autonomia diante das questões escolares, coloca-se como um espaço em que os “[...] alunos são orientados a gerenciar seu tempo, reconhecer seu estilo de aprendizagem, organizar o material escolar, preparar-se para provas e muitas outras dicas.” (TUTORES³², 2015).

A franquia divide o serviço do acompanhamento escolar para o ensino fundamental, médio, superior e infantil. O atendimento aos alunos da educação infantil se diferencia dos demais por ser desenvolvido de forma lúdica: “[...] que agrega ao ato de BRINCAR o aspecto lúdico, socioafetivo, empático e acolhedor na medida em que motiva os jogos e as brincadeiras como conteúdo integrante do processo de aprendizagem” (TUTORES³³, 2015).

No espaço de depoimentos dos usuários do serviço, encontram-se vários relatos de pais de estudantes da franquia agradecendo aos Tutores pelos bons resultados alcançados por

³⁰ Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/reforco-escolar-aula-particular.asp#reforco-escolar>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

³¹ Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/reforco-escolar-aula-particular.asp#reforco-escolar>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

³² Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/reforco-escolar-aula-particular.asp#reforco-escolar>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

³³ Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/reforco-escolar-aula-particular.asp#reforco-escolar>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

seus filhos. Os pais falam da franquia como uma alternativa para eles que não possuem tempo para acompanhar as atividades escolares de seus filhos.

Durante 17 anos atuei como executiva de vendas de uma multinacional, e meu cargo exigia disponibilidade de horário e viagens. Como consequência disso, eu realmente não tinha tempo para me dedicar às atividades educacionais das minhas filhas, e isso incluía, inclusive, ir às reuniões escolares. Eu me sentia muito culpada por isso, mas era bem-sucedida no trabalho e ganhava bem, o que me proporcionava oferecer um certo conforto à minha família. Quando eu conheci a proposta/conceito da Tutores, me identifiquei imediatamente. Enxerguei como uma solução, pois acredito que a tutores pode ajudar muito as mães que têm uma carreira profissional, pouca disponibilidade de tempo e são muito cobradas pela família, quanto ao desempenho escolar dos filhos (TUTORES³⁴, 2015).

A partir desse depoimento, é possível identificar um dos objetivos da instituição que, segundo a mãe, é atingido. A franquia serviu como uma forma de oferecer às filhas um acompanhamento escolar que a mãe não podia realizar. Em outros depoimentos é possível identificar a valorização da forma como a franquia atende aos alunos “[...] gostaria de deixar registrado o excelente desempenho que meu filho teve nas matérias de Português e Matemática. As notas subiram e o aprendizado foi substancial.” (TUTORES³⁵, 2015).

A maior parte dos depoimentos é deixada pelos pais. Dos 45 depoimentos deixados no *site*, apenas 4 são de estudantes. O fato da franquia utilizar os materiais dos próprios estudantes é um dos fatores elogiados “[...] a maneira que o tutor me ensinou foi ótima, pois ele utilizou o material da universidade, explicou tudo, tornando fácil e melhor a compreensão e apresentou 100% de conhecimento da matéria!” (TUTORES³⁶, 2015).

A questão do atendimento individual também é apontada, por um dos estudantes, como algo positivo: “Aos jovens que estão com dificuldades em alguma matéria no colégio, sugiro que procure tutoria. Muitas vezes, em sala de aula estamos em um ambiente cheio de

³⁴ Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/depoimentos.asp#conteudo>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

³⁵ Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/depoimentos.asp#conteudo>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

³⁶ Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/depoimentos.asp#conteudo>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

amigos e colegas, e acabamos ficando com vergonha de fazer perguntas.” (TUTORES³⁷, 2015).

Além dos espaços descritos, o *site* conta com um espaço em que os pais e estudantes podem indicar a instituição para outras pessoas a partir do envio de *e-mail* por meio do próprio *site*. Existe também um espaço para as instituições parceiras da franquia, álbum de fotos. A partir do *site* também é possível que os professores preencham um cadastro e mandem currículo para trabalhar na instituição.

Os outros dois *sites* analisados possuem características bastante parecidas. Esclareço que estes não têm sede física em Campo Grande/MS, prestam o serviço *online*, mas foram incluídos, pois podem atender no contexto da cidade em que realizo a pesquisa. O primeiro *site* é o da empresa “Professores de Plantão³⁸” e o segundo é o do *marketplace*³⁹ “Profes⁴⁰”. Os dois oferecem aulas de professores particulares *online*. Os alunos entram nos *sites* e buscam pelos professores que os atendem *online*. Nos dois espaços, também há a opção de encontrar professores que estejam na mesma cidade do aluno que faz a busca. Quando os alunos fazem essa opção, os *sites* dão o contato dos professores disponíveis e o local da aula é acertado entre professores e alunos.

O *site* da *Profes* se apresenta como “[...] um lugar onde professores e alunos se encontram.” (PROFES⁴¹, 2015). A proposta é desenvolvida desde 2012. A descrição da empresa Professores de Plantão informa que:

Os Professores de Plantão é uma empresa especializada em tutoria 100% online e realizada em tempo real. Atuante no mercado desde 2012, a empresa surgiu como um serviço inovador e se tornou a solução para estudantes que precisam de uma ajuda personalizada de modo fácil e rápido, tanto nos colégios como em faculdades. De forma simples e rápida, o estudante pode

³⁷ Disponível em: <<http://www.tutores.com.br/campogrande-santafe/depoimentos.asp#conteudo>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

³⁸ Disponível em: <<http://www.professoresdeplantao.com.br/>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

³⁹ *Marketplace* é uma nova modalidade de comércio *online* na qual, dentro de um único *site*, várias empresas podem vender seus produtos sem arcar com custos de um *e-commerce*, também chamado de *shopping online* ou *e-shopping*. Disponível em: <<http://www.ronaldodiniz.com.br/web/o-que-e-marketplace-a-nova-opcao-de-shopping-online.html>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

⁴⁰ Disponível em: <<https://br.portalprofes.com/info/sobre/>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

⁴¹ Disponível em: <<https://br.portalprofes.com/info/sobre/>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

tirar dúvidas a qualquer momento e de qualquer lugar utilizando tecnologia moderna e interativa. (PROFESSORES DE PLANTÃO⁴², 2015).

Os dois *sites*, além de terem propostas parecidas, funcionam desde 2012 e atendem a alunos do ensino básico ao superior. Oferecem também serviços para alunos interessados em prestar concurso e aulas de idiomas estrangeiros. No *site* da *Profes*, os alunos devem passar por três momentos para contratar um professor. Primeiro, é necessário informar: o propósito da aula (reforço escolar, idiomas, profissionalizante, concurso, lazer e artes), o nível escolar da aula que pretende contratar (ensino fundamental, ensino médio, pré-vestibular e ensino superior), estudo atual (em que ele deve informar a instituição em que estuda e o ano), a matéria, o objetivo e a necessidade (em que ele deve informar qual assunto quer aprender). No segundo passo para a contratação, é preciso informar como o aluno deseja que a aula seja realizada (existem as opções de aula presencial e da aula *online*), a frequência de aulas que ele pretende adquirir, os períodos disponíveis para a aula e duração de cada aula. No terceiro passo, o aluno deve preencher informações pessoais. Nessa etapa o *site* dá a opção de informar se quem está contratando é o próprio aluno ou os pais.

No *site* da empresa Professores de Plantão, o processo de contratação é bem parecido. Há as opções de iniciar a aula imediatamente ou de fazer o agendamento. É necessário que o aluno informe a categoria da aula (ensino básico, ensino superior, outros), a matéria e descrever o problema que será trabalhado. No caso das aulas agendadas, o aluno deve selecionar o dia em que deseja recebê-las.

Nenhum dos *sites* possui espaço para comentários de pais e alunos, mas os dois apresentam um espaço de *blog*, onde os professores postam conteúdos e dicas de aulas. Os materiais e métodos que os professores utilizam também não são especificados. No vídeo explicativo da Professores de Plantão, é enfatizado que a aula é 100% focada no aluno. No vídeo da *Profes* é descrito que as aulas *online* são realizadas ao vivo entre professor e aluno. Apesar de não ser dito claramente, é possível perceber que as aulas pretendem ser individuais, focando nos problemas de cada aluno. Nenhum dos *sites* dá a opção de realizar aulas em grupo. Nenhuma das empresas possui sede em Campo Grande/MS, já que a ideia é que o aluno seja atendido *online*.

⁴² Disponível em: <<http://www.professoresdeplantao.com.br/quemsomos>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

Em síntese, após as análises realizadas, constato que o serviço do professor particular pode ser oferecido de diversas formas. O que é uma constante em todos os *sites* é a questão do atendimento individual aos alunos. Mesmo no *site* da franquia Smartz, em que não é dito claramente se o atendimento é individual ou em grupo, é claro na proposta da instituição que as aulas são pensadas e desenvolvidas baseadas nas dificuldades de cada aluno.

A individualidade do atendimento é entendida como uma das vantagens que os *sites* oferecem para quem contrata os serviços. Além disso, no caso das franquias Smartz e Tutores, a avaliação diagnóstica é realizada antes das aulas. Esta também é vista como um diferencial, já que, a partir dessa avaliação, seria possível ter mais clareza das dificuldades e necessidades de cada aluno.

Os materiais utilizados também são apresentados com mais clareza pelos *sites* das franquias. Nos *sites* que oferecem aulas *online* a questão dos métodos e materiais não é esclarecida. No caso da franquia Smartz, é utilizado um material próprio, e a franquia Tutores utiliza o material do próprio aluno. Em ambos os casos, é possível perceber que esses métodos escolhidos pelas franquias são aprovados por pais e alunos.

O *site* em que reuni maior possibilidade de avaliar os comentários deixados pelos usuários foi o da franquia Tutores. Muitos elogios são direcionados à forma como os professores trabalham e em todos os comentários os usuários se dizem estar satisfeitos, pois atingiram seus objetivos. Na sessão de comentários da franquia Tutores, foi possível perceber a preocupação dos pais em encontrar um espaço para realizar o acompanhamento escolar dos filhos, já que muitas vezes eles não possuem tempo disponível.

As aulas *online* são uma alternativa encontrada pelos professores particulares para se adequar ao mercado moderno. Os sites organizam os cadastros de professores e facilitam o encontro desses profissionais com os alunos, que têm a opção de fazer a aula presencial ou a distância.

As estratégias de *marketing* são bastante variadas, dependendo da forma como o serviço é oferecido. No caso das franquias, os prêmios recebidos são utilizados como uma forma de chamar a atenção dos pais e alunos para a qualidade do serviço oferecido. Nos *sites* que oferecem aulas *online*, o uso de vídeos explicativos sobre o serviço dos professores torna-os mais interativos.

Compreendo que espaços em que os pais e estudantes podem deixar comentários também é uma estratégia de *marketing* dessas empresas, já que nenhum dos comentários

selecionados apresenta algum tipo de reclamação. Nesses comentários a competência das empresas é sempre destacada. No caso dos *sites* que oferecem serviços de professores particulares *online*, apesar de não haver um espaço de comentários, existem os *blogs* dos professores que postam explicações sobre diversos tipos de conteúdos. Esses *blogs* podem ser um meio utilizado pelo aluno para conhecer um pouco da metodologia utilizada pelo professor.

2.2 Escolas de professores particulares em Campo Grande/MS: alternativa em busca do sucesso escolar?

Neste tópico tenho como objetivo apresentar as entrevistas realizadas com os gestores das instituições lócus da pesquisa. A primeira instituição que será apresentada será a franquia “Aulas Particulares” que permitiu a realização de entrevistas com a equipe de gestores e alguns professores que atuam na instituição. Além disso, realizei uma entrevista com uma família que utiliza os serviços da franquia. Os dirigentes optaram por não revelar a identidade da instituição em nossa pesquisa. Por isso, emprego nome fictício. Também utilizo nomes fictícios para os funcionários que concederam as entrevistas.

A instituição “Aulas Particulares” faz parte de uma franquia espalhada por todo o país. Está em Campo Grande/MS e oferece aulas particulares para todos os níveis de ensino. A equipe de gestores é formada pelo proprietário do local, uma psicopedagoga e a secretária. O quadro é formado por 30 professores ativos e 160 professores inativos – que já prestaram serviços para a instituição, mas que não possuem mais disponibilidade para atender aos alunos. Esses professores podem voltar a atuar na instituição quando se colocarem à disposição.

Os serviços se dividem em duas modalidades: o acompanhamento escolar e o reforço escolar. O atendimento aos alunos é realizado de forma individual e o tempo de duração da aula é, em geral, de uma hora, mas pode variar de acordo com as necessidades do aluno. Na entrevista que fiz com o proprietário, fui informada de que 100% dos alunos atendidos são de escolas particulares.

No trabalho desenvolvido por Castro (2013), em que a autora faz uma contextualização do surgimento das aulas particulares no Brasil, é relatado que:

[...] a origem das aulas particulares, no Brasil, data dos oitocentos e surge como uma prática das elites, vinda diretamente a partir da influência europeia. Ela era uma forma de demarcação de posições sociais. As elites introduziam a educação em casa como uma forma de prestígio social. Os filhos das famílias mais abastadas tinham os seus tutores em casa, para que os seus descendentes tivessem uma formação mais ampla, que contemplasse diferentes áreas como: música, literatura, artes e oratória. (CASTRO, 2013, p. 29).

Comparando o que foi dito pelo proprietário da instituição à história da origem das aulas particulares no Brasil, é possível perceber que a contratação dos serviços do professor particular, mesmo com o passar dos anos, continua sendo uma possibilidade mais concreta para os agentes que pertencem às classes sociais com maiores acúmulos de capitais.

Para compreender melhor o funcionamento da instituição, entrevistei o proprietário e a psicopedagoga. Quando o projeto de pesquisa foi formulado, a ideia era de que o roteiro de entrevista fosse o mesmo, porém após a realização da entrevista com o proprietário do local, percebi que seria mais interessante desenvolver outro roteiro com a psicopedagoga para que falasse mais especificamente sobre o trabalho que desenvolve. O proprietário do local será identificado por nome fictício como Pedro e a psicopedagoga será identificada como Taís.

Na entrevista com o proprietário, busquei informações mais específicas da instituição, como por exemplo, a chegada a Campo Grande/MS, a formação da equipe de gestores, as exigências feitas para a contratação dos professores, o tipo de serviço oferecido, a relação das famílias com a instituição e a forma como esta se coloca no mercado escolar.

A entrevista realizada com a psicopedagoga teve como objetivo compreender especificamente qual era o papel que ela desempenhava. Além disso, busquei informações sobre a relação da instituição com as escolas de origem de seus alunos, as expectativas que ela percebe que as famílias possuem ao procurar pela instituição, entre outras questões que serão apresentadas durante o desenvolvimento do tópico.

Inicialmente, apresento as informações coletadas na entrevista com o proprietário sobre a chegada da franquia a Campo Grande/MS. Pedro descreveu que, apesar de não ser o primeiro proprietário da instituição, acompanhou todo o processo, pois era amigo dos primeiros proprietários. Segundo ele, os donos anteriores estavam em busca de um investimento e procuraram por uma feira de franquias em São Paulo. Eles não tinham um

interesse por uma franquia específica, mas o fato de serem professores contribuiu para que o interesse por essa instituição surgisse.

Quando eles chegaram lá, eles conheceram a franquia [...] e pelo fato de ela ser professora, ela gostou da proposta que era uma proposta de microfranquia voltada pra área educacional. E aí eles começaram a pesquisar, olhar os números que a franquia apresentava em relação à margem de contribuição [...] e eles gostaram e acabaram adquirindo. (PEDRO, 2015).

Durante a entrevista, surgiu a dúvida sobre a necessidade de uma formação específica para adquirir a franquia. Pedro explicou que a franquia não faz nenhum tipo de exigência de formação, mas que o fato dele ser professor também foi um dos elementos que o motivaram a adquirir a franquia.

Mas o que me atraiu mesmo foi o fato de ser uma franquia, foi o fato de ser uma instituição de ensino porque eu sou professor, e foi o fato de poder trabalhar orientando e ajudando, mas vamos chamar de crianças, né? Porque a maioria é crianças, mas o correto é a gente chamar de alunos mesmo nas dificuldades, nas necessidades que eles têm. (PEDRO, 2015).

A mudança de proprietários acarretou uma mudança na equipe de gestores. Na gestão anterior, a equipe era formada por um número maior de pessoas. Além dos proprietários, a equipe era composta por uma gerente, formada na área de administração e, após um tempo, houve a contratação de uma pessoa da área da educação, que permanece na instituição. A equipe era dividida em administrativa e pedagógica. Na gestão atual, essa divisão não acontece mais, e a equipe é formada pelo proprietário, pela coordenadora pedagógica e pela secretária do local.

Após compreender o processo de formação da equipe de gestores, busquei informações sobre os professores. Ao perguntar como estes são escolhidos para trabalhar na franquia, fui informada de que a equipe de professores é formada por profissionais que possuem diferentes níveis de formação. Esta é dada na própria franquia e o material é padronizado. Os professores que atuam na instituição.

São profissionais que se destacam em alguma área de conhecimento, aí qual que é a área de atuação deles? A gente tem estudantes de graduação, a gente

tem pessoas já formadas só graduadas, a gente tem mestre, a gente tem doutores, mas eles estão aqui porque eles se destacam, eles têm domínio e segurança de ensinar alguma área de conhecimento, alguma disciplina específica. (PEDRO, 2015).

Apesar de apresentarem diferentes níveis de formação, todos os professores passam por uma formação específica para compreender o funcionamento e os objetivos da franquia. Além dessa formação inicial, os professores são convidados a participar, mensalmente, de encontros de estudos oferecidos na instituição. O proprietário da franquia aponta que um dos diferenciais mais importantes é o trabalho desenvolvido pelos professores.

[...] o que eu sempre gosto de lembrar, porque eu acho que é o diferencial mesmo, é atender de modo tanto o professor como o aluno de modo personalizado [...] a primeira coisa que a gente faz é uma avaliação diagnóstica, a gente tem uma coordenadora pedagógica que é psicopedagoga também, então na conversa com o responsável ou com o aluno quando “de maior” ela identifica quais são as necessidades desse aluno, e a partir dessa necessidade é que é designado o professor, então o professor vai ser designado pra ele de acordo com essa necessidade que ele tem. (PEDRO, 2015).

O atendimento individual aos alunos também é considerado um diferencial da franquia pela coordenadora pedagógica, que afirmou que esse tipo de atendimento faz com que os alunos se sintam mais seguros para tirar dúvidas.

[...] você tem uma dúvida, você olha aquele mundo na sua frente, você fala “ah, deixa eu ficar quieto aqui, porque eu não posso pagar esse mico de perguntar aqui não”. Aí você tem uma dúvida, você fala “eu não entendi isso aqui”, fala pro professor né,? Então é muito diferente. E toda atenção do professor é só pra você, então não tem, acho que não tem nem comparação. (TAÍS, 2015).

Além do atendimento individual, outro benefício, apontado pela coordenadora pedagógica, que a contratação do professor particular traz aos alunos, é a aquisição de um hábito de estudo.

[...] o hábito de estudo é primordial. A gente fala que o exemplo é o melhor, e realmente, quando ele vêm aqui e ele está vendo que aqui é um ambiente de estudo, ele e o professor vão sentar juntos, vão estudar diariamente naquele mesmo horário, então ele vai criando um hábito e isso já foi falado

por várias mães também, que depois que eles saem daqui, eles continuam [...] a partir do momento em que ele aprende a estudar, ele vai estudar qualquer matéria em qualquer momento. (TAÍS, 2015).

O trabalho desenvolvido pelos professores é realizado em parceria com a coordenadora pedagógica, que faz a avaliação e define que tipo de professor se adequará melhor às necessidades de cada aluno. A avaliação serve, portanto, “[...] para ver o nível de aprofundamento da criança em relação a determinados conteúdos. [...] essa avaliação é pra isso, é pra gente conhecer a criança e direcionar o melhor profissional pra atendê-la.” (TAÍS, 2015).

Sobre essa avaliação, fui informada de que ela é padronizada. Todas as franquias utilizam o mesmo modelo, porém a coordenadora pedagógica de Campo Grande/MS utiliza outros tipos de materiais, dependendo do aluno.

A franquia tem o modelo, e assim, dentro desse modelo a gente faz algumas adaptações, principalmente por conta da criança, né? Por exemplo: o modelo da franquia é para uma criança que já está letrada, né? Que já escreve também. Então eu não posso usar isso para uma criança que chega aqui com 4, 5 anos e não está, porque se não a avaliação vai me dizer: ela não sabe nada. Então eu uso outros recursos, eu uso jogos, às vezes eu uso, pra ver a concentração, pra ver quanto tempo ela fica sem se distrair, né? Eu peço pra ela me contar uma historinha, eu peço, então são coisas que fogem um pouco. (TAÍS, 2015).

Segundo Castro (2013), atuar como professor particular pode ser um meio que os professores encontram para adquirir experiência profissional e aumentar a renda.

Muitos dos professores/tutores [...] buscam uma forma de complementação de renda, como os salários não representam valor suficiente para que eles mantenham determinada qualidade de vida, acabam complementando o horário regular de aula, com as aulas particulares. Ainda, muitos alunos universitários, que não possuem estabilidade financeira, optam pela tutoria como maneira de adquirir alguma renda. Ou, muitos estudantes recentemente licenciados, encontram nas aulas particulares um espaço de aquisição de experiência, enquanto ainda não estão inseridos no mercado de trabalho. (CASTRO, 2013, p. 38).

Esses fatores servem para compreender como o quadro de professores dessa instituição pode ser tão diversificado. Além de trazer benefícios para os alunos, as aulas particulares tornam-se um espaço em que os professores também podem ser beneficiados de

alguma forma. A autora identifica que “é perceptível, em muitos países, o fato das aulas particulares serem um grande negócio.” (CASTRO, 2013, p. 37).

A diversidade de formação no quadro de professores se torna um diferencial para a franquia, pois quanto mais opções de professores eles podem oferecer aos pais e estudantes, maiores são as chances de atender às necessidades individuais dos alunos.

[...] o reforço por uma determinada dificuldade específica e também acompanhamento, o que a gente chama de acompanhamento, é o acompanhamento de tarefas. O acompanhamento é aquele que não é de apagar incêndio, ele vai fazendo a tarefa com o acompanhamento do professor. E o reforço é aquele que vai ter a prova na segunda-feira e aí ele vai estudar na quinta e na sexta com o professor pra fazer a prova na segunda. (PEDRO, 2015).

A diferença entre esses serviços seria no tempo em que o aluno utiliza os serviços da instituição. O acompanhamento seria um processo mais longo, o estudante contaria com a ajuda da instituição no decorrer do semestre, enquanto que, no reforço, a franquia atuaria de forma mais imediata, ajudando o aluno em questões mais pontuais.

Quanto à metodologia utilizada pelos professores, foi explicado que depende da escola em que o aluno estuda. Os materiais utilizados durante as aulas de reforço e no acompanhamento escolar são do próprio aluno. Dessa forma, a franquia não entra em conflito com os pressupostos metodológicos das escolas onde seus alunos estudam. Esse trabalho é desenvolvido em parceria com as escolas.

A partir dessa percepção, questionei se existia algum tipo de parceria para a divulgação da franquia nas escolas, e como ela se torna conhecida no mercado escolar como uma alternativa. Segundo o proprietário, essas parcerias existem

Sim, mas não é o que a gente chama de ideal, porque a gente precisa sistematizar as parcerias. O que eu chamo de sistematizar as parcerias? É colocar isso dentro de um plano de ação, é a gente ter objetivos, tem lá as ações pra ir ao encontro desses objetivos, então isso ainda não está sendo feito. Nós nos tornamos conhecidos pelas escolas e pelos alunos que estão aqui. (PEDRO, 2015).

Apesar de não haver uma parceria sistematizada, na entrevista realizada com a coordenadora pedagógica da instituição, foi dito que há um trabalho junto às escolas, no

sentido de conhecer os métodos de ensino utilizados. Segundo a coordenadora da franquia, as escolas são bem receptivas “[...] a gente vai até a escola conversar e pedir ajuda pra escola, [...] nós somos parceiros das escolas, em momento algum a gente entra em embate, porque nós não somos uma escola. Então nós só a auxiliamos.” (TAÍS, 2015).

A permanência dos alunos na instituição também foi uma questão tratada nas entrevistas realizadas. Questionei os gestores se observavam retorno dos alunos à instituição quando os objetivos são atingidos. Na visão do proprietário, a volta dos alunos ocorre mesmo quando os objetivos não foram atingidos. “[...] às vezes eles vêm para poder tirar nota naquela prova, daí talvez eles não tiram, não é sempre que... né? A gente não faz milagre, a gente auxilia só, né? E aí, mesmo ele tirando nota baixa, ele retorna.” (PEDRO, 2015).

A coordenadora pedagógica observa dois movimentos nessa questão do retorno dos alunos à instituição: quando eles procuram esta para resolver questões imediatas (reforço escolar), a postura deles é a de que a instituição deve fazer com que eles atinjam o objetivo, mesmo que não voltem a utilizar os serviços oferecidos pela franquia. “[...] uma coisa que eu brinco com os professores... nós temos capacitação mensal, né? E eu falo pra eles assim: se um aluno sair daqui porque ele atingiu o que ele procurava, então esse aluno provavelmente vai indicar mais 10 pra gente.” (TAÍS, 2015); outro ponto observado pela coordenadora pedagógica é que, nos casos do acompanhamento escolar, os alunos permanecem na instituição por uma questão até de comodidade dos familiares em saber que existe alguém para auxiliar os filhos quando os pais não possuem tempo para realizar esse acompanhamento.

[...] tem alunos que não nos procuram por ter dificuldade. [...] nós temos alunos aqui que não têm dificuldade alguma, nós temos pais que não têm tempo de auxiliar essas crianças, de olhar a tarefa, de ver o trabalho e essa criança não tem dificuldade, ela não tem problema de autonomia, ela tem autonomia, ela tem tudo isso, só que o pai quer ter a garantia de que alguém ajudou, ou que alguém acompanhou, ou que alguém viu que essa criança “tava” fazendo. Então eles contam conosco, com nosso trabalho, pra que a gente seja esses olhos enquanto eles estão trabalhando. (TAÍS, 2015).

Na fala da coordenadora pedagógica, compreende-se como ocorre a ação dos pais na decisão de contratar o professor particular. A presença desse profissional, e no caso da franquia, de toda a equipe que faz com que esse trabalho possa ser desenvolvido, é entendida como um meio de tranquilizar a família. Não há uma visão de que os pais estão se distanciando de suas responsabilidades, já que, apesar de outra pessoa desenvolver esse trabalho, os pais se mantêm informados por meio do contato com os gestores da instituição.

Então eles têm essa tranquilidade de contar com nosso serviço pra que eles tenham maior tempo de lazer com os filhos. E toda parte escolar, a gente passa pra eles através dos nossos relatórios. [...] a gente tem um relatório diário de todas as tutorias, então o pai em cinco minutos, ele lê esse relatório, ele tem a tranquilidade de saber que a tarefa foi feita, que a criança aprendeu, e ele pode conversar com o filho dele sem ter aquela obrigatoriedade de fazer a chamadinha oral, de olhar se fez a tarefa, de olhar o caderno, de ver se a letra “tá” bonita. (TAÍS, 2015).

O proprietário da instituição também identifica a interferência dos pais na trajetória escolar dos filhos, pois, segundo ele, a maioria dos pais procura a instituição sem a indicação das escolas.

Então esse foi um dado que eu fiquei bastante surpreso. Eu pensei que fosse por indicação das escolas, mas eu posso te dar até números, eu posso te dizer que, do total, 70% os pais que trazem. E aí eu não sei te dizer ainda, se é uma ansiedade desse pai, desse responsável, ou se ele identifica a lacuna na aprendizagem do filho, e que ferramenta ele utiliza para identificar essa lacuna, entendeu? Se é uma nota abaixo da média, se foi o instrumento de avaliação, se foi uma concorrência no ambiente escolar, eu não sei o que ele identifica. Porque há casos, por exemplo, de alunos que falam assim pra gente: “Ai, eu tô vindo porque meu pai mandou, mas eu não preciso.” Entendeu? Então, a maioria, 70%, eles vêm porque os pais que querem. (PEDRO, 2015).

Nessa fala identifico a preocupação com a concorrência entre os alunos nos espaços escolares. A possibilidade do acompanhamento escolar pode ser entendida como uma forma de garantir que os estudantes não cheguem a enfrentar dificuldades em sua trajetória escolar. A coordenadora relata que os pais chegam até a instituição com os mais variados tipos de expectativas. O trabalho que ela desenvolve com esses pais é o de fazê-los compreender que cada criança possui um tempo próprio para aprender e que, portanto, não é possível definir prazos para que essas expectativas sejam atendidas.

[...] eu deixo isso tudo muito claro pros pais, porque eles me procuram buscando ajuda, né? E eu falo que a gente vai ajudar da melhor forma possível, mas nós temos as limitações e aí eu explico todas elas. Eu procuro assim, eu acho que nosso trabalho, ele tem uma confiabilidade muito grande porque eu exponho todas as reais situações, o que pode acontecer, né? Eu não vendo uma coisa que eu não acredito. Então, assim, eu falo como é feito o trabalho, mostro pra ele tudo que já aconteceu, alguns casos de sucesso que nós tivemos e aí a gente trabalha em cima dessa perspectiva do sucesso, mas

nós sabemos que cada criança tem um ritmo diferente, então eu não dou um prazo em cima daquilo que eles pediram. (TAÍS, 2015).

A coordenadora pedagógica e o proprietário da franquia funcionam como o canal de comunicação entre pais e professores. Na franquia a equipe pedagógica é responsável por relatar para pais e professores a situação em que os estudantes se encontram e quais são suas necessidades - ao contrário do que acontece na segunda instituição em que a pesquisa foi realizada, o “Centro de Ensino de Aulas Particulares”, em que o contato entre pais e professores é realizado de forma direta.

Assim como a franquia, encontrei essa instituição a partir de buscas na internet por professores particulares em Campo Grande/ MS. O Centro de Ensino foi encontrado em uma rede social e o contato foi estabelecido diretamente com a proprietária do local, identificada como Ana, que também faz parte do grupo de professores entrevistados.

Ana relatou que inicialmente atendia aos estudantes em casa, e atuava como professora em escolas. Diante da grande procura por aulas particulares, ela optou por deixar de atuar nas escolas para trabalhar apenas com aulas particulares. Em 2014, decidiu abrir o Centro de Ensino de Aulas Particulares.

No momento, como trabalho exclusivamente com aulas particulares, atendo mais de 20 alunos em horários diferentes. A duração da aula varia de acordo com o objetivo do aluno, por exemplo, para acompanhamento de tarefas são 2h. Já a aula para reforço ou estudo para provas dura 1h ou 1h30. (ANA, 2015).

A instituição atende a estudantes do ensino fundamental e médio, e o quadro de professores é formado pela proprietária, que leciona como professora de Português, Inglês e História. Quando há uma demanda por parte dos alunos, Ana contrata o serviço de outros professores que dão aulas das demais disciplinas.

O material utilizado nas aulas é do próprio estudante, porém os professores passam exercícios que são resolvidos durante as aulas e que têm como objetivo reforçar o que é passado pelos professores das escolas. Ana informou que existe a preocupação de “[...] sempre observar a forma como os professores apresentam e cobram o conteúdo para que possamos trabalhar na mesma linguagem.” (ANA, 2015).

A partir das entrevistas com os gestores das instituições, foi possível perceber que há uma preocupação em formar uma parceria com as escolas em que os estudantes estão matriculados. Também foi possível identificar que os pais buscam pelo serviço dos professores particulares em momentos diferentes. O professor particular pode atender a alunos que estejam precisando de um reforço escolar, que se configura como uma situação em que o estudante precise superar alguma dificuldade específica. Além do reforço escolar, os professores particulares atuam no sentido de realizar um acompanhamento escolar, que ocorre de forma mais frequente, em que o professor particular estará presente na maior parte da trajetória escolar.

Além disso, esse serviço proporciona aos pais uma tranquilidade em relação aos cuidados com a educação dos filhos. O professor particular é procurado para que os pais se sintam mais tranquilos, por saberem que existe uma pessoa qualificada que auxilia seus filhos a superar as dificuldades de aprendizagem. Por meio de relatórios enviados pela equipe gestora da franquia, os pais podem acompanhar com certa proximidade a trajetória escolar de seus filhos. No caso do Centro de Ensino, há um contato direto entre as famílias e os professores, o que possibilita que os pais possam esclarecer dúvidas e definir com os professores os objetivos da aula contratada.

2.2.1 O trabalho dos professores e suas particularidades

Neste tópico tenho como objetivo discutir as especificidades apresentadas pelos professores particulares sobre o trabalho que desenvolvem. Para tal discussão, conto com entrevistas realizadas com quatro professores que possuem experiências com aulas particulares. Dois deles trabalham na franquia apresentada no tópico anterior. Um estava trabalhando na franquia quando realizei o primeiro contato para o desenvolvimento da pesquisa. Atualmente, ele faz parte do quadro de professores inativos da instituição. Além dos três professores que tinham ligação com a franquia, contei com a participação de uma professora proprietária de um centro de aulas particulares.

Um dos professores que ainda trabalha na franquia dá aulas de Matemática, Física e Inglês. Ele será identificado como Antônio. O outro professor atuante na franquia dá aula de todas as disciplinas. Ele será identificado como André. A professora proprietária do centro de aulas particulares será identificada como Ana. O professor que está inativo na instituição dava

aulas de Português e será identificado como Carlos. Como já foi dito no tópico anterior, a franquia conta com um quadro de professores com diferentes níveis de formação. O professor Antônio, por exemplo, ainda está cursando Engenharia Civil e possui formação completa de Inglês. O professor André está cursando Direito. O professor Carlos atualmente está no curso de Doutorado em Letras/Estudos Literários. Na época em que ele trabalhava na franquia, estava no curso de Mestrado em Estudos de Linguagens e já era formado em Letras com habilitação em Língua Inglesa. A professora Ana é formada em Direito e Letras.

Quadro 5 – Caracterização dos Professores Entrevistados

Sujeito	Instituição	Disciplina
Antônio	Franquia	Matemática, Física e Inglês
André	Franquia	Todas
Ana	Centro de Aulas Particulares	Português, Inglês e História
Carlos	Ex professor da franquia	Português

Organização: OLIVEIRA, 2016

Diferente do que aconteceu com os gestores, segui o mesmo roteiro de entrevista com os professores. Meu objetivo foi o de compreender a visão que eles tinham sobre o trabalho desenvolvido. Devido ao nível de formação dos professores, percebi diferentes tipos de experiências e de visões do trabalho desenvolvido na franquia.

No caso do professor Carlos, ele já possui experiências em outras instituições, enquanto que o professor Antônio declarou que a franquia era a primeira instituição em ele trabalhava como professor particular. A trajetória do professor Antônio com aulas particulares teve início no

[...] ensino médio, quando eu fui, a escola me chamou na época pra eu poder auxiliar os alunos que estavam com dificuldades. Porque eu estava me dando muito bem nas disciplinas de exatas, e aí eles me chamaram pra auxiliar. E aí eu ficava, alguns dias da semana eu ia, não era nada remunerado no começo e eu ia, e eu ajudava os colegas que tinham problema com essas matérias. E também como, porque eu sou, eu tenho nível avançado de Inglês, então eu sempre, eu auxiliava também nessa matéria também. (ANTÔNIO, 2015).

Antes de atuar na franquia, ele havia dado aulas particulares na casa dos estudantes que procuravam por seus serviços. Apesar de não ser formado em um curso de graduação, o professor Antônio considerou-se habilitado para atuar nas disciplinas de Matemática e Física por já ter passado pelas matérias básicas do curso de Engenharia Civil que possibilitava que ele ministrasse as aulas “[...] eu já tinha feito a Física pra engenharia, que seriam as três Físicas básicas, que é a Física I, a II e a III e mais outras disciplinas relacionadas.” (ANTÔNIO, 2015).

O professor André também não é formado em nenhum curso de graduação, mas está no sexto semestre do curso de Direito, e possui muitas experiências profissionais como professor particular.

Comecei a dar aula em 2011, dando aula particular. Comecei a dar aula particular para as minhas primas, para ajudá-las e em troca eu ganhava ajuda financeira dos meus tios. E aí entrei pro Classe A (colégio), também para trabalhar como monitor e ganhei bolsa de estudo. Dava tutoria para o 1º e 2º ano. Trabalhei em instituição no Classe A, isso em 2011. Em 2012 veio a “Aulas Particulares”, a própria dona do Classe A me indicou [...]. Depois da “Aulas Particulares”, agora trabalho também no Referencial, também dando aula particular, é cursinho pré-vestibular, mas eles têm sala para aula particular. E aqui na Universidade Federal, tenho um projeto de extensão do cursinho da UFMS. E eu trabalho como bolsista. (ANDRÉ, 2015).

O professor Carlos é formado na área de Letras desde 2012 e atua desde o último ano de sua graduação. Sobre o início no trabalho na franquia, ele afirmou que: “[...] em princípio não foi um interesse que partiu de mim. Eu fui indicado para uma empresa-escola que oferece o serviço de tutorias. Depois de passar por uma entrevista de seleção, fui contratado para trabalhar.” (CARLOS, 2015). Afirmou também que a única experiência como professor particular foi na franquia.

Ana atua como professora há mais de dez anos. Quando estava cursando Direito começou a trabalhar como professora particular por indicações de amigos. Ela afirmou que era procurada por ter bastante domínio de Língua Portuguesa. Ana já trabalhou em seis escolas, mas atualmente dedica-se exclusivamente ao atendimento particular dos alunos.

Solicitei aos professores que falassem sobre a preparação para o trabalho na franquia. Os professores Carlos e Antônio afirmam ter passado pelo curso de formação exigido.

A instituição em que trabalhei oferece uma formação (capacitação) para todos os docentes. Existe uma equipe pedagógica, que é diretamente ligada à rede franqueada, responsável por ministrar os cursos de capacitação. Há uma carga horária mínima a ser cumprida, bem como a certificação dos professores habilitados no curso. A certificação garante aos professores a atuação em qualquer localidade onde exista a franquía. A instituição também possui um material próprio que dá base para a capacitação dos professores. (CARLOS, 2015).

O professor Antônio, além de descrever a formação inicial, falou sobre as formações mensais citadas pelos gestores no tópico anterior.

Nós fizemos uma capacitação. Todos os professores que entram passam por essa capacitação. É uma capacitação que fala o que é a empresa, o diferencial da empresa e ensina, e ensina e demonstra pra gente o diferencial, que é você trabalhar com o material do aluno, você dar uma atenção melhor pro aluno. Também passamos, vários meses assim, tem capacitações pra falar, e cada vez é abordado um tema. Às vezes é abordado tipos de aula, às vezes técnicas de estudo, às vezes são temas nessa área, mas são bem... Escolhas nossas, às vezes da coordenação, mas todo mundo passa. (ANTÔNIO, 2015).

O professor André também falou sobre a formação continuada que recebe pela franquía. Segundo ele, os cursos oferecidos nessas formações abordam diversos temas.

Durante o tempo que eu estou na "Aulas Particulares", por diversas vezes a gente faz cursos. Fazemos cursos de *coaching*, e outros cursos como "melhorar o desempenho", "como tratar os alunos", sobretudo os alunos que vem com uma, digamos assim, uma dificuldade que a escola não consegue resolver. (ANDRÉ, 2015).

Há uma discordância entre os professores sobre a relação entre os professores particulares e os alunos atendidos por eles. As diferenças apontadas sobre o trabalho desenvolvido como professor particular e o trabalho desenvolvido em escolas convencionais foram, na perspectiva do professor Carlos:

Do ponto de vista do professor, há uma descaracterização do trabalho docente. Não há dentro de instituições como essas o vínculo professor/aluno. O que há é uma relação entre um serviço oferecido e a boa satisfação do seu cliente. Perde-se, portanto, o caráter de humanidade que há dentro de uma

sala de aula “convencional”, para usar o termo da sua pergunta. (CARLOS, 2015).

Ao contrário do professor Carlos, a resposta dada pelo professor Antônio aponta que existe uma aproximação muito grande entre o professor particular e os alunos. Segundo ele, ao fazer uma comparação entre o trabalho como professor particular e o trabalho como um professor que atende a uma turma com uma grande quantidade de alunos, existe uma vantagem quando se atende somente a um aluno, pois é possível dialogar com este. Já nas salas convencionais, um único professor não conseguiria conversar com todos os alunos dando o mesmo tipo de atenção que é possível dedicar àqueles das aulas particulares.

Há diferença porque numa sala de escola convencional, você tem 30, 40 alunos e você não consegue atender os 40. [...] nós temos um, então a sua responsabilidade, no período que ele adquiriu a aula particular, é cuidar só desse um. Você tem que conseguir chegar, alcançar esse aluno de alguma forma. [...] Então de alguma forma você tem que identificar o que está acontecendo com aquele aluno e conseguir fazer com que aquele aluno melhore nas suas notas. Não só nas notas, nós não visamos só à escola. Nós queremos que além desse aluno melhore na escola, que ele melhore em casa, na sua educação, é tudo. [...] quando você tem um, você consegue. Você consegue conversar com aquele aluno, você consegue pegar cinco minutinhos e conversar, perguntar pra ele como foi a semana, perguntar pra ele como que foi o dia. [...] e se você está numa sala, você não consegue fazer isso. (ANTÔNIO, 2015).

Sobre a relação com os alunos, o professor André afirma que a faixa etária destes na franquia é um dos motivos para que haja uma diferença em comparação à relação que tem com seus outros alunos.

Eu costumo ter mais liberdade com meus alunos de cursinho do que com os alunos da “Aulas Particulares”. Como eu trabalho com cursinho pré-vestibular, os alunos já são mais velhos, é uma turma no noturno então tem também muitos adultos, então pela faixa etária ser mais próxima da minha, tenho mais liberdade do que com os alunos da “Aulas Particulares”. Na “Aulas Particulares” é mais uma relação profissional. É claro que você tem que ter um jeito de chegar no aluno, de fazer com que ele perca aquela timidez do início, que ele possa interagir, fazer perguntas. Mas não há uma relação de amizade assim, por exemplo, como eu tenho com meus alunos regulares. (ANDRÉ, 2015).

Segundo a professora Ana, a aproximação com os alunos que atende individualmente permite que ela observe mais de perto o desenvolvimento da aprendizagem de cada um. Segundo ela, “A principal diferença é o atendimento individual ao aluno e poder observar o raciocínio do aluno ao fazer o exercício. Mesmo quando a aula é em pequenos grupos, esse atendimento individualizado é feito.” (ANA, 2015). Porém, a professora aponta que a proximidade também pode ser um fator negativo nas aulas particulares.

A proximidade com o aluno é maior. Por isso, penso que a responsabilidade de uma postura séria é importante. Se houver muita brincadeira, bate-papo, a aula perde o foco e o aluno para de encarar aquele momento como algo produtivo. Lógico que há momentos de descontração, mas sempre com moderação. (ANA, 2015).

Apesar de discordarem em alguns pontos sobre a relação que desenvolvem com os estudantes, os professores concordam que os alunos se sentem mais à vontade para tirar dúvidas quando estão recebendo um atendimento individualizado. O professor Carlos diz que “[...] quanto a isso, sim! Afinal, o aluno que está em uma aula particular tem uma exclusividade. Mas isso depende da aproximação e interação que o professor opera com o aluno, nem sempre o aluno se sentirá seguro para interagir.” (CARLOS, 2015).

Na opinião do professor Antônio, também é possível perceber uma certa facilidade dos estudantes em tirar suas dúvidas com o professor. Segundo ele, o aluno

[...] não tem vergonha de perguntar, e outro coleguinha às vezes, não por maldade, mas por brincadeira de criança falar: “ai que burro, não sabe!”. Não, ele pergunta porque ele se sente à vontade, só está você e ele dentro de uma sala, não tem mais ninguém, não tem nenhum outro meio externo. [...] Então ele, com certeza, tem muito mais facilidade pra poder falar que está com dúvida ou não entendeu alguma coisa. (ANTÔNIO, 2015).

Segundo o professor André, os estudantes se sentem mais à vontade para fazer questionamentos durante as aulas graças ao trabalho individualizado realizado pelos professores “[...] quando você faz um trabalho individualizado você consegue se aproximar mais do aluno e quando ele se sente muito tímido no início, você vai trabalhando essa timidez dele, você vai quebrando o gelo, ele se sente à vontade para perguntar.” (ANDRÉ, 2015).

Além do tempo que o professor pode dedicar para cada estudante, a professora Ana aponta que os alunos das aulas particulares “se sentem mais seguros por não chamarem atenção dos colegas da sala.” (ANA, 2015).

Na pesquisa desenvolvida por Ortale (1995), identifiquei alguns apontamentos da autora sobre a relação entre o professor particular e seus alunos:

Outro fator de diferença entre aulas particulares e em grupos está na relação professor/aluno, que necessariamente é mais estreita, no sentido de que o professor direciona suas aulas aos interesses deste aluno, pois não precisa trabalhar com a heterogeneidade existente em grupos. Em aulas particulares, as adaptações da fala do professor em relação ao aluno são mais evidentes. (ORTALE, 1995, p. 6).

É possível perceber que a questão do atendimento individual é vista como um ponto positivo, pois a partir desse atendimento individual, ocorre uma aproximação entre o professor e o aluno que faz com que este se sinta mais à vontade para perguntar, e que o professor saiba reconhecer as dificuldades do estudante para desenvolver seu trabalho.

Sobre a participação dos pais na decisão de contratar um professor particular, busquei identificar quais as exigências feitas. O professor Antônio, apesar de não especificar as exigências, afirma que, a partir do comportamento dos alunos, é possível identificar que tipos de exigência os pais fazem em relação ao desempenho escolar dos filhos.

Geralmente você consegue saber pelo aluno se um pai exige muito, se um pai não exige nada. Porque você sabe, o aluno faz o que é mandado. São poucas as crianças que naturalmente querem realmente estudar, isso é fato. Mas eles fazem o que são mandados, então você sabe quando o pai às vezes, você vê o material do aluno, você vê, ele fala que ele tem horário pra fazer tarefa, essas coisas. Quando não, ele não tem muita regra. Então da pra saber porque o aluno comenta e você consegue perceber também. (ANTÔNIO, 2015).

Sobre os motivos que levam os pais a contratar um professor particular, o professor Carlos afirma que “[...] os pais levam os filhos por iniciativa própria, ao identificarem que os filhos estão tendo dificuldades na escola.” (CARLOS, 2015). O professor André afirma que os pais buscam os professores particulares quando os estudantes estão em época de provas e precisam de um reforço na aprendizagem

Os pais costumam chegar... A grande maioria dos pais que buscam na verdade um professor particular está em véspera de prova. Então o pai quer que o professor ajude o filho a recuperar aquela nota, porque vai ter uma prova naquela semana, no próximo dia. Então é mais pra isso. Poucos pais vêm com o intuito de fazer um acompanhamento escolar, que é o filho está tendo aquela aula no colégio e o pai quer que o filho estude fora aquela matéria para que ele não sinta dificuldade lá na frente. São bem poucos esses pais, a maioria realmente é para véspera de prova. (ANDRÉ, 2015)

Ao falar das exigências feitas pelos pais, a professora Ana explica que mesmo com as aulas particulares, há uma iniciativa da parte dela, de fazer com que os estudantes dediquem um tempo para os estudos quando estão em casa. Segundo ela, os pais

[...] querem que a aula seja proveitosa e que o eu me certifique de ter tirado as dúvidas do aluno, mas sempre explico que as aulas particulares são um apoio extra e que não tira dos ombros dos alunos a responsabilidade do momento de estudo em casa. (ANA, 2015).

O professor Antônio, além de apontar a iniciativa própria dos pais em procurar um professor particular, aponta uma participação da escola nessa decisão: “[...] eu acho que tanto pelo pai identificar quanto pela escola. Às vezes o aluno pode ser que peça, mas a maioria é o pai ou a escola.” (ANTÔNIO, 2015). O professor André identificou que a parceria que a franquia tem com as escolas, é uma forma de fazer com que os pais contratem o serviço oferecido pela empresa.

Eles têm muito contato com diversas escolas, justamente porque como eles fazem esse acompanhamento pedagógico eles ligam para os diretores, então eles têm essa devolutiva muito maior. Então acredito que as próprias escolas indicam mais a “Aulas Particulares” do que, vamos dizer, por fora. (ANDRÉ, 2015).

A professora Ana também apontou a participação das escolas na decisão da contratação do professor particular. Segundo ela, “[...] muitos pais nos procuram recomendados pelas escolas, quando os filhos já apresentam notas baixas. Outros pais, que já sabem que os filhos possuem dificuldades em certas disciplinas, procuram-nos desde o começo do ano.” (ANA, 2015).

O professor Antônio identifica que o aluno irá se desenvolver melhor adquirindo hábitos de estudos e ganhando mais autonomia. Essas seriam algumas das vantagens adquiridas pelos alunos ao procurar por um professor particular.

Eu acho que eles conseguem se desenvolver melhor, tanto aquele conteúdo quanto também o fato de eles conseguirem estudar mais sozinhos. Porque nós trabalhamos, não para que o aluno volte. Eu não quero que o aluno seja dependente de mim pra conseguir ir bem na prova. Eu quero que ele consiga se virar sozinho, que ele consiga fazer e estudar sozinho. Que ele consiga prestar atenção na aula e que cada vez menos ele venha só com dúvidas e não que eu precise explicar o conteúdo inteiro novamente. E quando o aluno começa a se desenvolver melhor nessa fase, aí entra uma diferença o que, que ele aprofunda mais. Porque quando o aluno vem e ele não sabe nada, você tem que explicar do zero. Então às vezes não dá tempo de você explicar tudo, mas quando o aluno já vem sabendo alguma coisa e ele vem só com algumas dúvidas, você consegue fazer com que ele aprofunde naquele assunto, com que ele saiba mais, com que ele saiba desenvolver exercícios mais complexos. Então eu acho que há vantagens sim. (ANTÔNIO, 2015).

Quanto às vantagens adquiridas pelos alunos ao contratar um professor particular, o professor Carlos aponta que

Quanto ao desempenho, esse aluno terá bons resultados. Ele está sendo treinado para dar as respostas certas. Você utilizou um termo nessa pergunta que muito me intriga: “vantagens”. O estudante que procura esse tipo de serviço educacional busca exclusivamente a “vantagem”. Não quer correr o risco de cair diante das grandes avaliações que lhes são impostas. (CARLOS, 2014).

O professor André aponta que a vantagem que os estudantes que têm aula com professor particular têm em relação com os que não fazem esse acompanhamento: é a possibilidade de tirar dúvidas das matérias estudadas em aula.

O colégio regular, ele atende uma padronização. Ele não pode, não tem como um professor no horário regular, de uma hora sanar as dúvidas de todos os alunos, dos 30 alunos na sala de aula e até mais. Então acho que o professor particular, ele vem justamente fazer esse tipo de diferencial: ajudar o aluno no que ele tem de específico, que ele não entende. É complicado um aluno saber todas as matérias: Química, Física, Matemática, Biologia, História. Alguma coisa ele vai ter dúvidas. Claro que a maioria das dúvidas ele até pode tirar em sala de aula, mas acho que o professor particular vem justamente para sanar aquelas dúvidas específicas. (ANDRÉ, 2015).

A professora Ana afirma que “[...] o atendimento individualizado é a chance de exercitar mais o conteúdo.” (ANA, 2015) São as vantagens que os estudantes adquirem com as aulas com um professor particular. Há uma diferença entre a relação que os professores entrevistados desenvolvem com os pais dos estudantes. Os professores Carlos, Antônio e André afirmaram que não têm muito contato com os pais dos alunos, e que esse contato é intermediado pela coordenação da instituição. Já a professora Ana que, além de proprietária do centro de ensino, atua como professora, afirmou que conversa diretamente com os pais “[...] para mantê-los a par do desenvolvimento do filho em sala de aula no colégio e nas aulas particulares. Informo se o aluno faz tarefas, se mantém o conteúdo em dia.” (ANA, 2015).

Na entrevista dada pelo professor Carlos, ele chama a atenção para um aspecto já abordado neste estudo. Segundo ele, a presença de instituições como essa franquia e outras forma

[...] uma rede de ensino que assemelha-se a um corporativismo empresarial. Dificilmente vemos alunos de escolas públicas nessas instituições (durante um ano em que trabalhei com aulas particulares, passou por mim apenas um único aluno da rede pública de ensino), e o que se vê é uma parceria entre escolas que indicam seus alunos. (CARLOS, 2015).

Compreendo que o professor particular faça parte desse mercado escolar. A organização desse serviço na forma de franquia possibilita uma nova organização desse trabalho. O professor particular não precisa contar com recursos próprios para promover seu trabalho. Ele é representado pela empresa pela qual presta o serviço. A parceria criada com as escolas fortalece esse mercado, já que essas parcerias apontam aos pais os caminhos que podem ser seguidos no enfrentamento das dificuldades de aprendizagem.

No caso do Centro de Ensinos, em que a professora Ana atua, também é possível identificarmos uma diferença em comparação ao atendimento realizado nas casas dos alunos. O fato das aulas serem realizadas em um ambiente específico para estudos faz com que os alunos compreendam que a partir do momento em que estão na instituição, sua atenção deve estar direcionada para as aulas. Além disso, Ana apontou que um local próprio para o atendimento aos alunos favorece o professor em questão de deslocamento, e também os alunos, que não terão dificuldades para encontrar professores quando necessitarem de reforço escolar.

O depoimento dado pelo professor Carlos sobre o atendimento a somente um aluno de escola pública é uma confirmação das discussões anteriores sobre a relação entre o acúmulo de capitais e a possibilidade de investimentos que os agentes podem realizar em suas trajetórias escolares. Em uma de suas respostas, o professor Carlos faz uma provocação sobre o direito à educação: “[...] quando você me submete a fazer uma comparação nessa pergunta entre aqueles que ‘podem contar com esse recurso e os que não podem’, eu logo me lembro do ‘Direito à educação’. Não temos todos o direito à educação?” (CARLOS, 2015).

O trabalho desenvolvido por Castro (2013) apresenta alguns apontamentos sobre a possibilidade da contratação dos professores particulares

Primeiro que o fenômeno das aulas particulares vem crescendo e seguindo a tendência mundial. Segundo, que a atividade se mantém mais presente em um grupo social específico, ou seja, entre aqueles com maiores recursos financeiros e que estão preocupados com uma formação ampla para os seus herdeiros. No entanto, um terceiro apontamento, é o de que a prática está também presente nas classes sociais que não têm tantos recursos financeiros. (CASTRO, 2013, p. 167).

Compreendo que o direito à educação não é negado. O que ocorre é que ele não se dá da mesma forma para todos os agentes. Algumas trajetórias escolares podem contar com recursos que contribuem para um bom desempenho escolar, enquanto que outras limitam-se ao ensino oferecido pela escola. Essas possibilidades criam as diferenças entre os agentes. São essas diferenças que podem definir os espaços sociais que cada um ocupará.

Diante das entrevistas realizadas com os professores, foi possível identificar visões diferentes sobre o trabalho do professor particular. Apesar de concordarem em aspectos como a melhora do desempenho escolar dos alunos, os professores apresentam ideias contrárias quanto à relação professor-aluno. Outro ponto em que há uma concordância entre os professores é sobre a percepção dos pais das dificuldades de aprendizagem de seus filhos e a iniciativa em contratar um professor particular.

Ao final deste capítulo, retomo as perguntas elaboradas em seu início, a partir das discussões propostas pelos tópicos. Observo que foi possível identificar alguns aspectos que orientaram a formulação das questões propostas inicialmente. Sobre o modo de organização do oferecimento do serviço do professor particular atualmente, foi possível observar, a partir da análise dos *sites*, uma tentativa dos professores de se adequar às tecnologias oferecendo seus serviços de forma *online*. Os pais e estudantes também contam com a possibilidade de

encontrar locais específicos para as aulas de reforço escolar, o que é entendido como um ponto positivo já que, muitas vezes, quando a aula é oferecida na casa do próprio estudante ou do professor, algumas distrações podem atrapalhar o processo de ensino-aprendizagem.

As vantagens apresentadas variam conforme a forma como o serviço é oferecido. Por exemplo: nos casos dos professores que atendem de forma *online*, a vantagem é a comodidade que o aluno e o professor podem ter por não precisar sair de suas casas para que o reforço escolar ocorra. Já nos casos das aulas particulares oferecidas por franquias, a vantagem seria justamente o fato de existir um local fora da escola que também é entendido como um espaço para estudar.

O que é comum nos dois casos é a valorização do atendimento individual aos alunos. A partir das análises e entrevistas, foi possível verificar que o fato do estudante ser atendido individualmente pelo professor é entendido como um benefício dessa prática, pois eles se sentem mais à vontade para tirar dúvidas e fazer perguntas e o professor pode concentrar suas atividades nas dificuldades específicas de cada aluno, enquanto que nas aulas em grupos há uma variação nas dificuldades que podem ser apresentadas e o professor precisa atender a uma grande quantidade de alunos.

Os estudantes buscam esse serviço como uma forma de superar as dificuldades encontradas durante a trajetória escolar. Os pais optam pela contratação do professor particular por acreditar que esse é um meio de garantir que seus filhos recebam ajuda de alguém qualificado quando eles não podem realizar o acompanhamento escolar de forma mais direta.

CAPÍTULO III

SUCESSO ESCOLAR E PROFESSORES PARTICULARES: UM ESTUDO DE CASO DE AGENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM CAMPO GRANDE/ MS

No capítulo anterior, apresentei a visão dos professores particulares sobre o trabalho que desenvolvem. Além disso, discuti a forma como uma franquía e um Centro de Ensino de Aulas Particulares oferecem esse serviço de forma mais institucionalizada. Identifiquei que os professores acreditam que as aulas particulares possibilitam uma maior aproximação aos alunos, o que faz com que os estudantes tenham mais segurança e se sintam mais à vontade para fazer perguntas e tirar dúvidas sobre o conteúdo.

Neste capítulo tenho como objetivo apresentar os dados levantados a partir de entrevistas realizadas com quatro famílias que tiveram experiências com a contratação de um professor particular durante a trajetória escolar de seus filhos. Buscarei identificar como esse professor é colocado como uma alternativa para o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem dos estudantes.

O capítulo está estruturado em três tópicos: no primeiro tópico, apresento a caracterização dos estudantes e suas famílias; no segundo tópico, apresento as impressões que uma família tem do trabalho do professor particular que possui vínculos com a franquía apresentada no capítulo anterior; e no terceiro tópico apresento casos de famílias que buscam pelo professor particular fora da franquía e do Centro de Aulas Particulares.

3.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Neste tópico, tenho como objetivo apresentar as famílias entrevistadas para a realização da pesquisa. Desde a formulação do projeto, até o momento da realização das

entrevistas, houve muitas mudanças, porém o objetivo principal, que era o de identificar e analisar as expectativas e os reais benefícios/vantagens da presença do professor particular no processo de escolarização dos agentes-estudantes de educação básica, manteve-se.

Inicialmente, a pesquisa seria realizada apenas com famílias que contratassem os serviços das instituições lócus. Não havia critérios de exclusão de participantes, porém era necessário que fossem estudantes da educação básica.

Com exceção da família que utiliza os serviços da franquia, duas foram encontradas por indicação de conhecidos e uma por indicação de uma família que já havia participado da pesquisa. A família que utiliza os serviços da franquia não foi indicada pelos administradores. Encontrei a mãe do estudante quando estava acertando os detalhes para o desenvolvimento da entrevista e fiz o convite para a participação. Em nenhum momento a instituição interferiu nessa etapa.

A primeira família entrevistada foi a de Isabel. Essa é a família que contratou os serviços do professor particular por intermédio da franquia. A entrevista foi realizada com Isabel, mãe de Rafael, estudante que possui diagnóstico de déficit de atenção. Isabel relatou que desenvolveu diversos tipos de estratégias para auxiliar o estudante em suas dificuldades escolares, e a franquia foi o local em que ela mais identificou resultados satisfatórios.

A segunda entrevista realizada foi com a família de Ângela, que encontrei por indicações de uma colega do grupo de estudos. Diante da dificuldade do filho para manter a concentração durante a realização das atividades escolares, Ângela contratou um professor particular e relatou que o trabalho desenvolvido pelo professor particular foi o principal responsável para impedir que o filho reprovasse na escola.

A terceira família entrevistada decidiu contratar o professor particular para auxiliar a filha que tinha dificuldades em acompanhar a turma. A mãe Laura informou que a partir do acompanhamento que realizava e da conversa com professores, identificou que a filha tinha uma grande defasagem de aprendizagem em comparação aos seus colegas de turma. O professor particular foi a alternativa encontrada para fazer com que a estudante conseguisse acompanhar a turma. Essa família utiliza os serviços do professor particular por meio do Centro de Aulas Particulares.

A quarta família entrevistada foi indicada por Ângela. A entrevista foi dada por Júlia, mãe da estudante que precisou dos serviços do professor particular quando estava cursando a segunda série e encontrou dificuldades para conseguir aprender a ler e escrever. Atualmente, a

estudante não tem mais aulas com um professor particular. Júlia informou que decidiu contratar um professor particular após a primeira reprovação da filha e da indicação de Ângela, que é sua cunhada e indicou que um professor particular poderia impedir que a estudante reprovasse novamente.

Quadro 6 - Caracterização das Famílias Entrevistadas

Famílias	Isabel – Mãe de estudante que possui diagnóstico de <i>déficit</i> de atenção. Desde a primeira série do ensino fundamental a mãe realiza investimentos em professores particulares e outros elementos do mercado escolar para auxiliar o filho.
	Ângela – Mãe de estudante que está cursando o segundo ano do ensino médio. O estudante conta com o auxílio de professores particulares desde o segundo ano do Ensino Fundamental. A decisão da contratação do professor particular surgiu a partir de uma conversa entre a mãe e a professora da escola em que o estudante estava matriculado. Por ser professora, Ângela buscou indicações com os colegas de trabalho para encontrar professores particulares para o filho. Durante a entrevista, ela relatou que sempre buscou por professores que tivessem dinâmicas diferentes do que as desenvolvidas durante as aulas na escola. O estudante ainda conta com os serviços de um professor particular quando necessário.
	Laura – Mãe de estudante que está no sexto ano do ensino fundamental. Laura relatou que mesmo sendo professora, considera importante a contratação de um professor particular, pois não tem domínio sobre alguns conteúdos estudados pela filha. A estudante começou a contar com o auxílio de professores particulares quando estava no segundo ano do ensino fundamental.
	Júlia – Mãe de estudante que teve aula com professor particular quando estava na segunda série do ensino fundamental. Atualmente a estudante está cursando o nono ano do ensino fundamental e não utiliza mais os serviços de um professor particular por considerar que os objetivos já foram atingidos.

Organização: OLIVEIRA, 2016.

Utilizei o mesmo roteiro de entrevista com as quatro famílias participantes. E um ponto em comum, além da contratação do professor particular, foi o investimento em outras estratégias para garantir que os estudantes alcançassem bons resultados escolares. Além disso,

todas as entrevistas foram dadas pelas mães dos estudantes. Nos depoimentos dados, foi possível perceber que, no caso das quatro famílias investigadas, as mães são as principais responsáveis pelas decisões acerca da trajetória escolar dos filhos. Podemos dizer que elas “[...] ainda são em geral as pessoas mais envolvidas no processo de acompanhamento escolar.” (FERRAZ, 2008, p. 51).

Há uma preocupação em continuar investindo na educação dos estudantes. Os planos de investimentos não são limitados à contratação do professor particular, mas também outros elementos oferecidos pelo mercado escolar, como cursos de língua estrangeira, por exemplo.

3.2 A franquia de professores particulares em Campo Grande/MS: a ótica de uma família

Neste tópico, apresento a visão de uma família sobre o trabalho desenvolvido pelo professor particular. Busco identificar as expectativas da família sobre o professor particular e em que momento esta identifica a necessidade da contratação desse profissional.

A entrevista que será analisada foi realizada com a mãe de um aluno da instituição “Aulas Particulares”. Esse aluno possui um diagnóstico de déficit de atenção e a mãe relatou que sempre procurou por métodos que o auxiliassem em sua trajetória escolar. A mãe será nomeada como Isabel e o estudante como Rafael.

Durante sua trajetória escolar, o estudante foi matriculado em diversas escolas. As mudanças eram motivadas pela busca por uma instituição que atendesse às necessidades do aluno. Além disso, foi dito que a preferência do estudante por determinada escola era levada em consideração na escolha. O diagnóstico de déficit de atenção foi descoberto pela família logo no início da trajetória escolar.

[...] ele estava no final do pré e comparado com as outras crianças tinha algo errado, pois ele já deveria conhecer as letras, ele conhecia algumas, mas não tinha desenvolvido. [...] A professora deu um relato, e eu levei para o neurologista, e eu fiz o eletroencefalograma, e deu que ele tinha uma irritabilidade, era uma coisa muito pequena. Ele receitou alguns remédios, só que eu achei que não resolveu o caso dele, levei na homeopatia para fazer floral natural, fazia testes. E a gente ia tentando ver se ele se acalmava. Cheguei a dar um medicamento que o deixou bem debilitado. Ele era muito inquieto e tinha dificuldades para se concentrar. E quando percebi que o remédio estava o deixando debilitado, junto com o médico decidimos parar o

medicamento. Por um tempo eu parei com os tratamentos, usava só métodos naturais, chás e sucos calmantes, mas eu vi que ainda não estava conseguindo com que ele ficasse centrado e atento à matéria igual aos outros. E eu comecei a fazer um trabalho individualizado com ele, contratei professores para fazer um trabalho diretamente com ele, e tinha a escola e a fonoaudióloga, durante três anos. (ISABEL, 2015).

Além da contratação de outros profissionais, a mãe relatou que, por ser professora, também desenvolveu um trabalho com o filho em sua residência.

[...] fazia quadro de pregas para trabalhar as letras, as sílabas, as palavras, pequenos textos, eu fixava na parede e quando ele tinha tarefa eu sentava e falava: “Vamos fazer!”. E quando acabava eu fazia um ditado, falava pra ele fazer umas frases. Comprei aqueles materiais pedagógicos e eu falava pra ele formar sílabas e palavras com as madeirinhas, entendeu? (ISABEL, 2015).

É possível identificar que logo no início da trajetória escolar, ao perceber as dificuldades, a família realizou diversos tipos de investimentos no mercado escolar. Além dos investimentos econômicos, percebo que a mãe utilizou seu capital cultural e escolar para auxiliar o filho.

[...] de acordo com pesquisas nessa área, a participação da família e o seu efeito nos estudos do filho estão intimamente relacionados ao *background* familiar, ou seja, ao seu capital econômico, cultural e social. Isso significa que quanto mais elevado o nível socioeconômico e cultural da família, maior é a chance de ela acompanhar a vida acadêmica dos filhos e, conseqüentemente, destes alcançarem sucesso na escola e na vida. (ALVES, 2011, p. 57).

A mãe do estudante relatou, em diversos momentos da entrevista, que ela é a principal responsável pela organização e busca de alternativas para combater as dificuldades de aprendizagem do filho. Essa atuação da mãe de forma direta na trajetória escolar do filho ocorre desde os primeiros anos da escolarização do aluno. Além dos próprios conhecimentos adquiridos a partir de sua formação, ela ainda conta com o auxílio da avó do estudante, que também é professora.

O estudante está cursando o 2º ano do ensino médio e foi nesse momento de sua escolarização que a mãe decidiu contratar os serviços da franquia. Ela já havia optado pela

contratação de professores que atendessem em sua residência, porém não considerou que o resultado obtido foi satisfatório.

Aí eu tentei junto com a minha mãe conversando, né? Falei: “Mãe, vamos ver se a gente consegue em casa, puxar esse profissional pra dentro de casa!”. Mas não consegue, porque toca o telefone, ele vê ali que está o computador, ele vê ali uma coisa dele, ele fica lá focado lá. Tanto que lá na Escola de Aulas Particulares é uma escrivaninha, duas cadeiras, a lousa e nada mais no ambiente a não ser um quadro com as crianças, querendo dizer que a sala é pra estudo, só. (ISABEL, 2015).

No trabalho desenvolvido por Castro (2013), há uma identificação das vantagens que podem ser percebidas quando o aluno começa a frequentar aulas particulares em locais que não sejam sua própria residência ou a escola em que estuda:

Um impacto interessante da frequência em centros de tutoria, e mesmo em aulas particulares em casa (residência do tutor ou do próprio aluno), é o fato confirmado das outras possibilidades encontradas nessa estrutura fora do espaço escolar. Esse pode ser visto como um lugar intermediário, que não tem a presença direta da família (com altas expectativas, tensões...), nem da escola (avaliadora, punitiva...). Um local onde os alunos podem expor as dificuldades sem medo, onde podem tentar várias vezes até acertar, sem medo de falhar, pois esse é o espaço onde pouco a pouco têm a possibilidade de aprender sem ser avaliado. (CASTRO, 2013, p. 39).

No caso de Rafael, conforme foi relatado por sua mãe, as aulas particulares desenvolvidas em sua própria residência não apresentaram um resultado satisfatório para a família do estudante pela dificuldade que o aluno tem em manter a concentração nos estudos. Porém, a instituição “Aulas Particulares” se apresenta como esse espaço em que o estudante consegue perceber a relação de ensino e aprendizagem, sem preocupar-se com fatores externos que podem influenciar no seu desenvolvimento.

Sobre a escola em que o estudante está matriculado atualmente, a mãe diz que, por ele ter um diagnóstico de déficit de atenção, a instituição desenvolve atividades extras, o que ajuda para que o estudante não fique desmotivado. Além das atividades extras, a própria escola oferece reforço escolar, porém a mãe acredita que esse reforço não corresponde às expectativas, já que

[...] ele mesmo fala que não aprende nada, o professor não vai lá e pergunta o que ele não está entendendo, não é assim, é igual no horário normal, então ele não quis mais, e eu não insisto pra ir. E lá na “Aulas Particulares” é ele e o professor, e não tem nada ao redor que disperse, então o pouco de resultado que tem é mais válido do que quando tá o grupo lá. (ISABEL, 2015).

Na pesquisa realizada por Alves (2011) sobre um programa de tutoria, foi possível identificar alguns pontos negativos nos reforços escolares oferecidos pelas próprias escolas. Segundo a autora, esses pontos negativos seriam

[...] aulas atribuídas a professores iniciantes, com contratos temporário de trabalho e necessidade de capacitações para o exercício reflexivo da função; emprego das mesmas metodologias e materiais utilizados nas aulas regulares; baixa ou nenhuma frequência dos estudantes nas aulas; desmotivação e pequena valorização das aulas de reforço por parte dos alunos. [...] Esses fatores colaboram para que o resultado da recuperação oferecida aos educandos seja muito pequeno, embora a iniciativa seja essencial para que aqueles com menor rendimento não se prejudiquem ainda mais ao longo do processo de escolarização. (ALVES, 2011, p. 64).

As expectativas do aluno em relação às aulas particulares correspondem ao que foi identificado por Castro (2013). Segundo a autora, as aulas particulares são entendidas pelos alunos como “[...] uma possibilidade de superação das dificuldades de aprendizagem ou, até mesmo, buscam um atendimento mais personalizado.” (CASTRO, 2013, p. 166). O aluno considera que quando o reforço escolar é dado pela própria escola, não há uma dedicação maior do professor para suas dificuldades individuais, enquanto que o professor particular da instituição “Aulas Particulares” dedica-se exclusivamente a ele.

A mãe relata que, além dos investimentos no mercado escolar, existe uma mobilização dos membros da família para auxiliar o estudante.

[...] minha mãe é formada em História, a minha menina está terminando o curso de Direito, é formada no curso de Inglês, às vezes dá uma mão pra ele [...] eu fico mesmo mais pra organização, porque eu mãe tenho que dar carinho, tenho que fazer os acertos. Então comigo ele não gosta de estudar não, ele gosta de estudar com a avó, eu vou ali, faço um chá, arrumo o ambiente e deixo eles trabalharem. Porque a hora que ele se irrita com ela, ele tem eu pra falar com ele. (ISABEL, 2015).

A partir do relato de Isabel, é possível perceber que por diversas vezes ela é procurada por seu filho para resolver problemas em sua trajetória escolar. Existe uma relação de confiança entre os dois em que o estudante sente-se seguro para buscar ajuda, pois compreende que sua mãe pode ajudá-lo. “[...] percebe-se, dessa forma, que a família tem o compromisso com a educação integral dos filhos, por isso atua tanto na educação informal como na formal.” (ALVES, 2011, p. 55).

Ao ser questionada sobre as expectativas do trabalho do professor particular, a mãe relata que, em relação ao seu filho, ela acredita que o aprendizado deve ocorrer aos poucos. Pelas dificuldades que ele apresenta em se concentrar nas atividades, ela opta pelo acompanhamento escolar.

[...] eu não levo na véspera só de prova, eu levo, assim, com antecedência, pra se trabalhar a matéria, porque aí o dia que chegar o dia da matéria, não ficar tudo para estudar na véspera. Porque já que tem a dificuldade, tem que ser trabalhado, assim, em partes. Então eu não deixo chegar assim na véspera de prova e falar: “Olha, amanhã é prova!” (ISABEL, 2015).

A mãe considera que a presença do professor particular seja válida na trajetória escolar de seu filho e relata que, apesar de no início o estudante não aceitar que essa estratégia fosse desenvolvida, atualmente o comportamento dele em relação aos professores particulares mudou.

Essa decisão já é comum acordo mãe e filho, porque ele chega em você e fala. Por isso que a mãe e o filho têm que ter esse diálogo. Você não pode querer se afastar de certas situações com seu filho, que nem antigamente, o que a mãe falava era lei, tinha que ser cumprido o que pai e mãe falou. Você tem que deixar eles argumentarem também: “Mãe, está acontecendo isso e isso”. Às vezes ele me liga e fala: “Mãe, eu saí mal na prova. Mãe providencia, liga na Escola de Aulas Particulares, pede reforço para mim”. (ISABEL, 2015).

Apesar de considerar que os gastos destinados à educação do filho sejam altos⁴³, a mãe acredita que eles valem à pena, já que será uma herança a ser deixada que para ela tem mais valor do que bens materiais.

Porque eu tenho comigo que é melhor eu deixar uma formação pro meu filho do que bens materiais. Porque bens materiais com o tempo acabam. E essa formação dele, por mais que eu lute, consiga que ele termine só o segundo grau, pra mim é válido, porque ele já vai ter um entendimento do que o cerca, diferente de muitos que não terminaram nem o fundamental, não terminaram o médio. (ISABEL, 2015).

As famílias promovem investimentos na educação de seus filhos por entender que o capital escolar junto com o capital cultural será um elemento essencial para sua diferenciação entre os agentes

[...] os membros de cada grupo social tenderão a investir uma parcela maior ou menor dos seus esforços – medidos em termos de tempo, dedicação e recursos financeiros – na carreira escolar dos seus filhos, conforme percebam serem maiores ou menores as probabilidades de êxito. [...] o grau de investimento na carreira escolar está relacionado ao retorno provável, intuitivamente estimado, que se pode obter com o título escolar, não apenas no mercado de trabalho, mas, também, nos diferentes mercados simbólicos. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 23).

A mãe afirma que os gastos destinados às aulas particulares são maiores do que os gastos com a escola, porém por considerar que esses investimentos dão resultado, a mãe pretende continuar com eles. A intenção é de aumentar o pacote de aulas que adquiriu na “Aulas Particulares”. A mãe identifica que esse auxílio do professor particular é algo que a escola sugere aos pais quando o aluno não consegue atingir as médias escolares.

A partir desse contato com a família e estudante sobre o serviço do professor particular oferecido a partir da franquia, foi possível compreender que, nesse caso específico, as expectativas da mãe em relação ao trabalho do professor particular são bem otimistas, pois mesmo com o investimento financeiro que já é realizado, ela pretende continuar com os gastos e até mesmo aumentar o valor.

⁴³ A entrevistada não quis divulgar a renda familiar, mas informou que gasta cerca de R\$ 2.000,00 com a escolarização do filho.

Em síntese, o fato de existir um local específico para o atendimento aos alunos é entendido como um ponto positivo, pois possibilita que ele compreenda que aquele espaço é direcionado aos estudos. Segundo a mãe, quando esse atendimento é realizado nas residências, a atenção dos alunos pode ser voltada a outros elementos.

A mãe relatou que a necessidade de investimentos na trajetória escolar de seu filho foi identificada desde muito cedo. Os investimentos foram variados e houve uma forte participação da mãe na tomada de decisão e busca por investimentos.

3.3 O que as famílias têm a dizer sobre o professor particular em Campo Grande/MS

No terceiro tópico deste capítulo apresento os dados coletados a partir de entrevistas com três famílias que optaram pela contratação do professor particular da forma mais tradicional como esse serviço é oferecido: nas casas dos próprios professores. A análise das entrevistas revelou que a posse dos capitais das famílias entrevistadas foi um elemento fundamental para a contratação do professor particular. No caso de Ângela e Laura, o capital cultural das mães foi um fator decisivo, visto que, por serem professoras, sempre tiveram proximidade com a rotina escolar dos filhos. E no caso de Júlia, o capital social foi um fator decisivo, já que a partir da indicação de sua cunhada, a presença do professor particular foi entendida como algo necessário para a estudante.

A diversidade das famílias investigadas permite identificar os diversos tipos de necessidades que o professor particular pode suprir ao desenvolver seu trabalho. A participação dos pais na vida escolar dos filhos varia de acordo com as necessidades de cada contexto familiar. A partir das necessidades dos estudantes, os pais desenvolvem diferentes tipos de comportamento diante da trajetória escolar dos filhos, porém a presença deles é identificada nas pesquisas como algo cada vez mais comum.

[...] independentemente do meio social, os pais atuais envolvem-se muito mais no monitoramento e acompanhamento da escolaridade de seus filhos. [...] Embora sua amplitude e suas modalidades variem segundo o meio sociocultural e a dinâmica do funcionamento familiar, em termos comportamentais, o monitoramento do estudo escolar dos filhos tende a tornar-se uma norma implícita para os pais de alunos. (CORIDIAN, 2003, p. 947).

No caso de Ângela, o acompanhamento escolar é realizado pela família desde os primeiros anos da escolaridade do estudante. A mãe relatou que se preocupava muito com o desempenho do filho na escola, já que notava que o estudante tinha muita dificuldade para seguir as rotinas escolares. Desde os primeiros anos da escolarização, a mãe preocupou-se em buscar reforço escolar a partir da contratação de um professor particular. Esse acompanhamento ainda é parte da rotina da mãe do estudante.

[...] do pré ao quinto ano, eu sempre olhei os cadernos, os bilhetes. Que ele tinha muita dificuldade de ficar quieto na sala de aula, então ele não prestava atenção, não conseguia aprender junto com os outros. E então isso me preocupava muito. Sempre fui atrás de professores para fazer reforço com ele, porque ele não conseguia acompanhar. Os professores passavam e ele não conseguia acompanhar. Então eu acompanhava dessa forma, por causa dessas dificuldades que ele tinha, então sempre, regularmente olhava os cadernos, os bilhetes, fazia o reforço em casa também. Dessa forma que eu acompanho mesmo, e tendo contato com o professor, perguntando. (ÂNGELA, 2015).

De acordo com o depoimento de Ângela, identifico algumas formas de acompanhamento escolar realizada pelos pais. Compreendo que é a partir desse acompanhamento que as estratégias são idealizadas, e os pais conseguem identificar as dificuldades encontradas pelos estudantes e que tipos de investimentos podem ser realizados.

Acompanhar pode significar certificar-se de que o filho realiza as tarefas escolares e, se necessário, ajudá-lo a organizar-se para isso. Também pode significar a cobrança por horários de estudo (independentemente das tarefas para casa), horários que aumentam no período de provas. Também pode incluir um estreito contato com a escola e não esperar as reuniões bimestrais para discutir os problemas, mas contatar a escola (professor, coordenador ou diretor) assim que necessário, até mesmo para solicitar sugestões aos educadores sobre como a família pode ajudar a escola na orientação do filho-aluno. (FERRAZ, 2008, p. 71).

Nos casos investigados na pesquisa, foi possível perceber que o diálogo com professores e coordenadores foi um fator que influenciou as mães a buscar pelo auxílio do professor particular. A partir da indicação desses profissionais, as famílias optaram pela contratação do professor particular. Esse diálogo resulta de uma ação de acompanhamento da vida escolar dos filhos.

Conforme apontado por outras pesquisas, os pais fazem uso do caderno dos estudantes para realizar o acompanhamento escolar. É comum também que os pais verifiquem os deveres de casa para identificar se o desenvolvimento escolar do aluno está ocorrendo de forma satisfatória. As tarefas de casa e os cadernos são entendidos também como uma forma de fazer com que os pais comuniquem-se com as escolas e professores. Assim, “[...] o dever de casa constitui um forte vínculo de interação entre família e escola.” (RESENDE, 2012).

Noto esse vínculo a partir do caso de Laura, em que o acompanhamento escolar, por parte da família, também é realizado a partir da observação do caderno e da realização das tarefas escolares. Laura relatou que a professora particular contratada também a auxilia nesse momento, já que às vezes é ela quem a lembra de verificar as tarefas da estudante.

Eu olho os cadernos [...] a criança tem que manter o caderno em dia. Tem nota. Eu acho importante. Tem gente que fala: "Ah, mas aí vai dar nota de caderno?". Eu acho porque se ele tem responsabilidade com o material dele, se ele está pondo a matéria em dia, às vezes ele não entende tudo, mas ele está se comprometendo a tentar. Alguns pedem pra por visto, ela me mostra e ela me fala. O que ela pode fazer sozinha, ela faz. O que eu sei, eu ajudo, o que eu não sei eu pago o reforço. É assim, e às vezes se eu esqueço a professora do reforço me avisa, ela fala: "olha tem tal coisa, olha ela esqueceu tal livro.". Eu procuro ajuda, porque o reforço não é caro, o reforço que eu pago não é caro, e ela me ajuda. (LAURA, 2015).

De acordo com Laura, é possível identificar de que forma o estudante se compromete com as atividades escolares a partir da observação dos cadernos. No caso de Júlia, foi informado que o acompanhamento escolar por parte da família deixou de ser realizado, pois a mãe compreende que agora a estudante no nono ano do Ensino Fundamental já possui autonomia para cuidar daquilo que faz parte dos compromissos escolares.

Então, até os 12 anos eu fui uma mãe assim que cobrei bastante, ajudava a pesquisar, ficava em cima, às vezes ela não conseguia fazer, eu tinha que sentar ao lado, eu tinha que eu ir ao livro e procurar, ou ir na internet e pesquisava e tirava cópia e dava, até os 12. Quando ela fez 13 eu falei: "Bom, agora está na hora de você ter a sua responsabilidade, a sua independência.". Então eu deixei, entendeu? Deixei com que ela tivesse essa iniciativa, ela tivesse essa responsabilidade. Fosse responsável, e graças a Deus deu certo, então hoje, desde os 13, ela está com 14 ela já faz isso sozinha, tem autonomia. (JÚLIA, 2015).

Das quatro famílias entrevistadas, Júlia foi a única mãe que afirmou não realizar mais um acompanhamento das atividades escolares da filha. Compreendo que os pais aproximam-se da vida escolar para tomar conta e acompanhar de perto as conquistas e dificuldades dos filhos. Com essa aproximação, os filhos sentem-se protegidos e amparados. Esses fatores podem contribuir para uma melhora do desempenho escolar dos estudantes. Laura afirmou que a participação dos pais tem uma influência direta no bom desempenho escolar dos filhos.

[...] A criança que não tem o acompanhamento do pai, ela fica... abandona a sua própria, suas próprias ações. [...] se o pai ou a mãe, ou quem está acompanhando a criança na vida escolar não acompanhar, vai deixar a criança sozinha, ele vai fazer o que ele quiser. Ou ele vai se sentir com medo de nota baixa e não vai contar, ali começa uma trajetória desastrosa. Quem é responsável pela criança tem que acompanhar. Olhar o caderno, perguntar, final de semana dar uma olhada na mochila, às vezes tem uma nota que eles escondem, e a gente não pode ser daquele tipo, que eu percebo: "Ai você tirou isso?!". A minha é muito ruim em Matemática, às vezes ela tira 3, 4. Ela fala: "Mãe, eu tirei 3.". Eu falo: "Na outra você vai se sair melhor.". Por quê? Porque você deixa a criança com medo de mostrar pra você as coisas dela. Então é importante o pai ser colega. Lógico, tem horas que você tem que chamar a atenção, mas ser parceiro do filho, para ele entender que se ele precisar, ele vai falar, senão o pai não vai saber. O pai e a mãe, ou melhor, os pais e responsáveis não vão saber. Eu acho de extrema importância para o sucesso, eu acredito que é muito raro uma criança ter sucesso lá na frente, ter sucesso profissional, uma carreira, alguma coisa assim, sem ter tido um acompanhamento. [...] O pai e a mãe não pode, mas paga o reforço, uma professora que acompanha né? Eu não acredito, acho muito difícil, pode acontecer, mas eu acho difícil. (LAURA, 2015).

Porém, no caso de Júlia, há uma preocupação de que esse acompanhamento seja realizado de outras formas. Ela afirmou que a falta de tempo é um dos principais elementos que fazem com que ela tenha um afastamento da vida escolar de sua filha.

Eu gostaria de ser mais participativa, como no momento eu estou cursando também uma graduação, eu estou deixando a desejar um pouco. Gostaria de estar mais assim, levando ela mais, passeando mais e levando ela pra museu, podendo ler de repente, ir em bibliotecas que a gente tem municipais, às vezes nas bibliotecas em lugares privados, mas no momento eu acho que eu deixo a desejar, fazer um momento com ela mais intensificado. Mas assim, por outro lado, a gente sabe que nossa vida é corrida no trabalho e no estudo, e eu tenho outro filho menor que também toma um pouco de tempo, a casa, o marido então, mas é creio que só de eu estar estudando e mostrando pra ela que a gente tem as nossas obrigações, que a gente tem os nossos deveres já é um incentivo, é um incentivo porque quando eu comecei a estudar, ela também começou a enxergar em mim esse lado, que a gente tem que ter responsabilidade com os estudos. (JÚLIA, 2015).

A partir do relato de Júlia, foi possível identificar a preocupação com o investimento no capital cultural da filha. A mãe entende que os elementos que estão fora do espaço escolar também contribuem para a aprendizagem da filha. Além disso, compreende que investir em seu próprio capital cultural e escolar também fará com que a filha desenvolva um novo olhar diante da sua própria escolarização.

Além dos investimentos no capital cultural, as famílias percebem uma necessidade de

[...] incrementar os estudos, ir além, investir em atividades complementares, através da compra de livros didáticos diferentes dos adotados pela escola, da aquisição de cadernos de uso exclusivamente doméstico e destinados à realização de exercícios elaborados pelos pais, além das viagens e passeios pedagógicos que ilustram e ajudam a fixar os conteúdos escolares. (FIALHO, 2012, p.110).

A vida escolar dos estudantes não está resumida apenas na frequência e desenvolvimento das tarefas escolares. Diversas atividades organizadas pelas famílias dos estudantes exercem influência direta no dia a dia dos estudantes. A participação ativa dos pais na vida escolar dos filhos pode ser considerada um diferencial das trajetórias escolares, visto que a aproximação com a escola possibilita que os pais saibam identificar em que aspectos o estudante encontra dificuldades, e saibam como auxiliá-lo.

No caso das famílias entrevistadas, os professores e as escolas em que os estudantes estavam matriculados foram elementos que contribuíram para essa identificação e para a decisão da contratação do professor particular. Ângela informou que a decisão da contratação de um professor particular surgiu após a percepção de que o estudante não estava conseguindo acompanhar a turma da escola.

Quando realmente ele não estava aprendendo, na sala de aula com os colegas... Quando ele não estava aprendendo, e eu vi isso através das notas baixas, que é a prova que eu tenho que ele não estava aprendendo. E eu fui atrás. [...] A professora da sala dele achou ótimo. Apoiou, falou que eu estava certa, que eu tinha que buscar mesmo se ele estava com dificuldade e que eu tinha que buscar. (ÂNGELA, 2015).

No caso de Laura, a identificação da necessidade da contratação de um professor escolar surgiu nos primeiros anos escolares. Laura informou que a própria escola, ao saber da intenção da mãe em contratar um reforço escolar, indicou uma professora particular. No caso de Júlia, foi a partir da conversa com a professora da filha. Também a ajudou a identificar a necessidade da contratação de um professor particular. Segundo Alves (2011), a ideia da contratação de um profissional que auxilie os estudantes nas tarefas escolares surge da concepção de que

[...] alunos com menor rendimento poderiam ser beneficiados pela presença e pela atuação de um tutor que, em um trabalho mais personalizado, no qual o ritmo de aprendizagem do educando é respeitado, auxiliaria na superação das desigualdades. (ALVES, 2011, p. 66).

Percebo que em geral as escolas e os professores demonstram total apoio às famílias que decidem contratar um professor particular. Não há, por parte das escolas, a preocupação em haver um conflito a partir da presença de uma nova figura que também será responsável pela escolarização dos estudantes. O professor particular é visto pelas instituições como um parceiro que irá auxiliá-los a garantir aos pais que os filhos tenham sucesso em sua trajetória escolar.

No caso das famílias entrevistadas, foi possível perceber que existe um diálogo entre a família e as instituições de ensino, que favorece a percepção das dificuldades escolares dos estudantes.

[...] novas perspectivas encaram o aluno como um elemento ativo do processo de ensino-aprendizagem. Tais princípios que se prolongaram no tempo, revestem-se, nos dias atuais, de uma forte preocupação com a coerência entre os processos educativos que se dão na família e aqueles que se realizam na escola. O que significa que a instituição escolar hodierna deve conceber seu trabalho educativo em conexão com as vivências trazidas de casa pelo educando. Hoje, mais do que nunca, o discurso da escola afirma a necessidade de se observar a família para bem se compreender a criança, assim como para obter uma continuidade entre as ações desses dois agentes educacionais. E o meio privilegiado para a realização desses ideais pedagógicos será – ao menos no plano do discurso – o permanente diálogo com os pais. (NOGUEIRA, 2006, p. 161).

A partir de uma ação da família, após o diálogo estabelecido com a escola, foi possível que os estudantes fizessem uso de um elemento que os beneficiou, mesmo que de início não fosse algo desejado por eles. É um ponto comum entre as famílias entrevistadas a afirmação de que os estudantes, após perceberem que os professores particulares trazem um benefício para seu aprendizado, acabam pedindo para que os pais paguem por mais aulas. A partir das entrevistas, foi possível identificar que no início pode haver uma resistência por parte dos estudantes para participar das aulas particulares, como no caso da filha de Júlia e do filho de Ângela.

Mesmo que os estudantes não concordem de início em frequentar aulas particulares, os pais optam pela contratação do professor e dessa forma é possível perceber como as ações da parentocracia muitas vezes se sobrepõem ao que é desejo do estudante. Porém, nos três casos, é possível observarmos que os estudantes acabam aceitando a decisão quando conseguem superar as dificuldades encontradas em sua trajetória escolar.

Ao contratarem o professor particular, mesmo contra a vontade dos filhos, os pais tomam para si a responsabilidade de garantir que os filhos tenham um bom desempenho escolar.

Os pais tornam-se, assim, os responsáveis pelos êxitos e fracassos (escolares, profissionais) dos filhos, tomando para si a tarefa de instalá-los da melhor forma possível na sociedade. Para isso, mobilizam um conjunto de estratégias visando elevar ao máximo a competitividade e as chances de sucesso do filho, sobretudo face ao sistema escolar – o qual, por sua vez, ganha importância crescente como instância de legitimação individual e de definição dos destinos ocupacionais. (NOGUEIRA, 2006, p. 161).

Os pais preocupam-se em desenvolver estratégias que beneficiem os filhos, que após algum tempo passam a ser incorporadas pelos estudantes como algo que faz parte da rotina escolar, como no caso de Júlia, que informou que sua filha não aceitava ir às aulas particulares no início, mas depois que viu resultados satisfatórios, a própria estudante passou a pedir para que a mãe contratasse a professora mais vezes, quando encontrava dificuldades para aprender algum conteúdo escolar.

No início ela não queria fazer, no início ela não queria, ficava brava, aí a professora teve que ser dura com ela. [...] e eu também tive que ser ríspida

com ela, depois deslanchou e ela foi embora. [...] depois que passou essa fase que ela não queria aceitar, daí ela pedia, sentia falta. (JÚLIA, 2015).

No caso de Ângela, também foi relatado que a mãe teve que tratar a presença do professor particular de forma impositiva. Nesse caso, a justificativa do estudante para não aceitar as aulas particulares foi o fato de que ele considerava que a escola já era suficiente para garantir que ele tivesse um bom aprendizado.

Ele não queria ir. Não, ele falou que não ia, que já estudava, que ele não ia. Aí eu forcei ele a ir. Falei que ele ia sim, que o estudo para ele era importante, e que ele tinha que aprender. E aí ele foi contrariado, várias vezes ele foi contrariado. Mas agora que ele está no oitavo ano, que esse ano ele já teve reforço de Matemática no oitavo ano, ele foi tranquilo. Não questionou, iniciativa própria. Pelo contrário, gostou muito. (ÂNGELA, 2015).

Das famílias entrevistadas, Laura foi a única mãe que não relatou uma reação negativa por parte da filha em relação às aulas particulares. Segundo ela, a partir do momento em que o reforço escolar foi necessário, a estudante aceitou que um professor particular fosse contratado. Laura justificou que sua filha gostou da ideia de ter um reforço escolar, pois ela entendeu que seria bom para ela mesma ter alguém que a auxiliasse.

Percebemos, com esse caso, que as ações da parentocracia não tiraram do estudante o poder de tomar decisões sobre sua trajetória escolar. O que notamos é uma aproximação entre pais e estudantes, que juntos tomam decisões e encontram o melhor caminho a ser seguido.

[...] emergem novos valores educacionais preconizando o respeito pela individualidade e pela autonomia juvenis, a liberalidade nas relações entre pais e filhos – que agora não devem pautar-se mais pelo autoritarismo, mas sim pela comunicação e pelo diálogo. Em suma, os pais tornam-se provedores de bem-estar psicológico para os filhos. Esse novo modelo de família alarga de forma intensa a responsabilidade parental em relação aos filhos. Estes últimos funcionam como um espelho em que os pais vêem refletidos os acertos e erros de suas concepções e práticas educativas – os quais costumam se fazer acompanhar de sentimentos de orgulho ou, ao contrário, de culpa. (NOGUEIRA, 2006, p. 160-161).

A presença do professor particular é entendida por Laura como um meio de melhorar a autoestima dos estudantes, uma forma de garantir, portanto, o “bem-estar psicológico” de sua filha. Segundo ela “[...] se a criança, ela tem essa dificuldade, aquilo ali mexe com a autoestima dela, sabe? E quando ela vai pro reforço, ela vê que alguém está ajudando, aquilo ali melhora a autoestima, então eles vão com gosto.” (LAURA, 2015).

Além disso, Laura aponta como benefício da contratação do professor particular o acompanhamento realizado pelo professor.

[...] os benefícios, é o acompanhamento que o professor faz. O trabalho que ela faz, de sempre verificar, na minha ausência alguma coisa que precisa ser entregue, algum trabalho. Ela sempre manda recado: "Olha tal trabalho tem que ser feito tal dia. Olha ela esqueceu o livro, ela estudou tal página e tal página e falta essa.". Então é um acompanhamento que ajuda o pai e a mãe, principalmente quem trabalha o dia inteiro. É uma sequência, né? Da escola e ela vai ajudar naquele trabalho que a mãe e o pai não estão conseguindo por falta de tempo. E esse benefício eu tive, que ela, da parte da professora, o que ela podia fazer, ela fez. (LAURA, 2015).

Apesar da intenção de que os pais respondessem quais eram os benefícios que os estudantes tinham a partir da presença do professor particular, foi identificado, na resposta de Laura, que além de auxiliar os estudantes, o professor particular, ao ser contratado, também é visto como alguém que ajudará os pais, já que na percepção de Laura, os pais têm a responsabilidade de realizar o acompanhamento escolar dos filhos. Sendo assim, é possível que ela identifique benefícios não somente para sua filha, mas também para ela mesma.

Uma das estratégias do mercado paraescolar é desenvolver produtos que, além de serem bons para os estudantes, atendam também à necessidade dos pais, pois a partir do depoimento de Laura, é possível percebermos que, apesar de serem produtos destinados aos estudantes, há um interesse, por parte dos pais, em adquirir meios que favoreçam sua participação na vida escolar de seus filhos. Assim, o mercado paraescolar faz com que os pais tornem-se “[...] ao mesmo tempo compradores e usuários.” (CORIDIAN, 2003, p.949) dos produtos paraescolares.

O professor particular é um produto do mercado paraescolar que atende pais e estudantes. Júlia identificou que o trabalho do professor particular serve para garantir que os filhos tenham um acompanhamento escolar que muitas vezes os pais, por falta de tempo, ou até de conhecimento do que os filhos estão estudando, não conseguem realizar.

[...] o professor particular faz aquele trabalho que a gente, mãe, não consegue fazer. Que nem, na época eu trabalhava o dia inteiro, outra: a gente não tem paciência pro filho, e outra: a gente não tem aquele conhecimento. [...] Então, como eu vou ensinar uma criança se eu não sei nem como está sendo trabalhado? Aí foi onde eu tive que optar pelo professor particular, porque eu mesmo não iria saber ensinar. (JÚLIA, 2015).

Ângela relatou que o benefício que o professor particular pode trazer ao aluno depende da forma como as aulas serão desenvolvidas. De acordo com ela, sempre que seu filho precisou de um professor particular, ela buscou por professores que despertassem no filho o gosto pelos estudos.

Que nem eu te falei: se você busca um professor, que ele tem uma dinâmica diferente, que mostra para o aluno que é gostoso estudar, faz toda a diferença, porque daí ele se sente mais motivado, e é isso, é escolher, procurar um profissional que realmente gosta do que faz para poder motivar o aluno, porque se não, não adianta nada você pagar e o aluno estar lá por obrigação, e não vê benefício nenhum. E ele gostando, ele vai se dedicar mais, né? e vai buscar depois sozinho a entender. (ÂNGELA, 2014).

Buscar por professores que tivessem práticas diferenciadas do que já era oferecido pela escola em que o estudante estava foi a alternativa encontrada por Ângela para fazer com que seu filho se interessasse pelas aulas particulares. De acordo com ela, a partir da introdução do professor particular, foi possível perceber uma melhora no desempenho escolar do filho.

[...] ele aprendeu, realmente eu vi que ele aprendeu, e com isso ele ficou melhor, eu senti que ele ficou mais confiante, não ficou de recuperação, não reprovou, então isso é muito importante. E agora no oitavo ano, ele é bem mais comprometido. Ele pega o caderno, ele faz as atividades em casa sem eu mandar, se ele não entende, ele vem e fala que ele não está entendendo. Se eu não entendo também, eu busco ajuda fora, mas é muito, tá bem menor agora. Percebi que tá bem menor, ele realmente... eu vejo que meu filho consegue aprender. E se ele não consegue aprender, porque ninguém também é 100%, ele busca... ele busca ajuda. Isso é legal, que ele sabe que ele pode buscar ajuda, ele não fica esperando nada cair do céu, e nem passar e ele ficar de braços cruzados. Ele corre atrás. (ÂNGELA, 2015).

A partir do trabalho com o professor particular, foi possível perceber que o estudante sentiu mais confiança em assumir dificuldades de aprendizagem e ter a iniciativa de buscar auxílio com os pais, ou com outros professores. Além disso, a partir das respostas dadas por Laura, foi possível perceber que o professor particular, além de ser um reforço escolar, tem a função de fazer com que os alunos desenvolvam um novo tipo de relação com seu processo de escolarização.

De acordo com Laura, a principal mudança observada a partir do professor particular no processo de escolarização de sua filha foi a forma como ela passou a organizar sua própria rotina escolar.

[...] Organização com material, com horário, ela já acorda, já olha no horário: "Ah hoje tem isso e tem aquilo.". Já vai separando o trabalho, a organização. Porque a professora ensinou ela a se organizar. Ela falou: "olha, tal dia você já separa, já vê antes.". É um trabalho que eu não tinha muito costume [...] É lógico que tem dificuldade, mas ela procura, ela não fica assim de mão abanando, ela sempre procura fazer alguma coisa, e o professor dá valor nisso. [...] ela pegou uma certa disciplina com a professora, que ela é muito disciplinada, com horário. [...] E agora nas férias eu acho que vou pagar um mês, pra ver se perde um pouco essa defasagem, eu acho que não vou viajar daí eu vou por lá nesse mês. (LAURA, 2015).

A intenção de Laura em contratar um professor particular no período das férias escolares demonstra que o trabalho dos professores particulares possui um

[...] caráter preventivo. Algumas famílias, antes mesmo do início do ano letivo, programam acompanhamento particular para todo o ano; algumas chegam a ter duas professoras particulares. O objetivo das aulas particulares e de todo o empenho parental não é só o de evitar possíveis "derrapagens" no percurso escolar, mas assegurar o gosto, a devoção autônoma aos estudos, ingrediente fundamental para a concretização exitosa dos projetos educacionais parentais. (FIALHO, 2012, p. 110).

Júlia apontou que com a presença do professor particular, sua filha passou a ter mais disciplina, e assim passou a estudar sozinha fora do horário escolar. Júlia relatou que antes do professor particular sua filha tinha outro tipo de comportamento em relação aos estudos, que para a estudante

Não tinha importância, ela levava muito na brincadeira, falta de atenção na sala. Um comportamento bem aleatório. Aí depois do professor não, a postura já foi mudando. [...] já começou a ter mais essa vontade, esse entusiasmo, essa autonomia mesmo. Tomou gosto pelo estudo, coisa que antes ela levava na brincadeira. (JÚLIA, 2015).

As mães relataram que além da aprendizagem de conteúdos escolares, os professores particulares ensinam aos estudantes novos comportamentos que devem assumir em sua trajetória escolar. Os professores particulares, a partir da aproximação e da possibilidade do atendimento individual, desenvolvem um outro tipo de trabalho que vai além do ensinamento de conteúdos que estão nos currículos escolares.

O atendimento individual que os professores particulares dão aos alunos também é entendido como um benefício pelas mães entrevistadas. De acordo com Ângela, o professor particular se diferencia do professor da sala de aula das escolas pois tem a possibilidade de esclarecer a dúvida de um único aluno, ao contrário do professor da escola que trabalha com vários ao mesmo tempo. Ângela acredita que às vezes os alunos ficam com dúvidas por vergonha de perguntar, e no caso das aulas particulares isso não ocorre. Laura também afirma que o professor particular, por atender somente a um aluno tem mais tempo para esclarecer as dúvidas dos estudantes.

De acordo com Júlia, apesar das expectativas de que o professor particular auxiliará os estudantes de forma rápida a superar as dificuldades encontradas, é importante considerar que o processo de aprendizagem pode ser demorado, e que é um processo. Júlia informou que quando contratou o professor particular para a filha, tinha a expectativa de que a estudante aprenderia de forma rápida. A dificuldade da estudante era para aprender a ler e a escrever. Após a contratação do professor particular, foi preciso mais tempo do que o esperado pela mãe para que a filha aprendesse o conteúdo, porém apesar de o professor particular não ter atendido as expectativas da mãe nesse sentido, foi considerado um bom investimento.

[...] a mãe não deve esperar muito pra procurar ajudar, e ela não deve poupar mesmo. Eu acho que o dinheiro que você pode gastar com a educação do seu filho, você tem que gastar. Não é perdido. Porque se eu tivesse colocado, se eu tivesse enxergado essa dificuldade que ela tinha, e essa dificuldade minha de ajudar e já desde o início colocado principalmente, procurado um método mais eficaz, pra alfabetização e o letramento, talvez ela não tinha reprovado. (JÚLIA, 2015).

É possível perceber que a trajetória escolar dos filhos é entendida como uma responsabilidade da qual os pais não podem afastar-se. A partir do relato de Júlia é possível identificar que a participação dos pais é compreendida como algo que pode ser decisivo para o sucesso escolar dos estudantes, já que antes de responsabilizar os estudantes pela iniciativa de buscar ajuda, ela aponta como dever da mãe tomar esse tipo de decisão.

Laura também informou que tinha a expectativa de que sua filha aprendesse rápido e que o professor particular contratado resolvesse os problemas de aprendizado da estudante no menor tempo possível. Alves (2011, p.70) identifica que “[...] mediante o atendimento individualizado, busca-se acelerar os processos de ensino e aprendizagem do aluno, ou seja, espera-se que ele aprenda mais rápido do que a média dos colegas de sua sala.”. Laura relatou que a contratação do professor particular tinha como objetivo acabar com as dificuldades em Matemática, porém durante o reforço a estudante pede para que o professor a ajude com as tarefas de outras matérias.

[...] a minha expectativa é que ela aprendesse tudo esse ano, que toda a defasagem dela fosse embora, mas não foi o que aconteceu. Porque quando ela chegava do reforço, ela mostrava as tarefas difíceis, que ela não sabe de outras matérias, por exemplo, Inglês, aí ela chegava lá em casa e falava: "Só fiz a tarefa.". [...] muitas coisas ela não consegue, ela não consegue interpretar, ela faz, mas tem dificuldade de interpretação. E como eu trabalho o dia todo, olha o que ela faz, ela leva as outras tarefas pra lá. Então eu falei pra ela: reforço tem que ser para o que você precisa, e isso dificultou muito. Dificultou muito o trabalho com a Matemática, a minha expectativa é que ela tivesse tido um trabalho melhor, que as notas dela ainda continuam baixas. (LAURA, 2015).

Ao observamos o relato de Laura, é possível questionar se o professor particular realmente apresenta benefícios para a escolarização, visto que a mãe afirmou que ele não cumpriu com as expectativas. Porém, em outro momento da entrevista, ela afirma que a filha não tem dificuldades com nenhuma outra matéria além de Matemática. Podemos fazer uma relação entre o bom desempenho que a estudante apresenta nas outras matérias com o auxílio que o professor particular contratado dá à estudante quando ela pede, mesmo durante as aulas de Matemática. A própria mãe reconhece que o reforço na área de Matemática não apresentou os resultados esperados pelo comportamento da filha em pedir ajuda em outras matérias.

Além dos investimentos com o professor particular, as três famílias relataram a busca por outras alternativas para fazer com que seus filhos superassem as dificuldades encontradas. Uma alternativa comum entre todas as famílias foi a matrícula no Kumon.

O Kumon é uma metodologia que visa incentivar na criança a autonomia nos estudos, buscando fortalecer o potencial de aprendizado de cada um. Por meio de um processo de aprendizagem planejado e individualizado, o aluno se torna confiante e capaz de enfrentar sozinho o desafio da conquista do conhecimento. (KUMON⁴⁴, 2015).

Laura relatou que a diferença entre o trabalho do professor particular e o trabalho desenvolvido no Kumon é justamente ter alguém que faça o acompanhamento, pois no Kumon os estudantes levam as tarefas para serem realizadas em casa, e muitas vezes os pais não têm tempo para realizar esse acompanhamento. Segundo ela, “[...] o trabalho do Kumon é em casa, não é lá. Lá eles só direcionam falando você vai fazer isso, e o trabalho é em casa. Alguém tem que ter tempo pra acompanhar.” (LAURA, 2015). Além disso, o Kumon seria um investimento mais caro do que a contratação de um professor particular. Das três mães entrevistadas, a única que não relatou interesse em colocar seu filho novamente no Kumon, foi Ângela, pois, segundo ela, seu filho não se adaptou ao método. Já Júlia e Laura disseram que pretendem voltar a colocar seus filhos em um reforço escolar desenvolvido pelo Kumon.

As mães afirmam que os investimentos na educação dos filhos não são altos, e gostariam de investir mais. Além disso, consideram que esses investimentos trarão um retorno para os estudantes e para as famílias futuramente. Há um entendimento de que o capital financeiro investido será transformado em capital cultural, para que depois haja uma reconversão para o capital econômico, só que com um maior valor.

Ao fim desse capítulo, a partir das entrevistas realizadas com quatro famílias que optaram pela contratação do professor particular, é possível identificar que esse profissional é compreendido como um benefício para pais e estudantes. As famílias entrevistadas consideram que a família deve se responsabilizar por ações que favoreçam que seus filhos tenham um bom desempenho escolar. Assim, o professor particular cumpre um papel que os pais, por falta de tempo ou conhecimento não conseguem desempenhar.

⁴⁴ Disponível em: <<http://www.kumon.com.br/sobre-o-kumon/>>. Acesso em: 17 dez. 2015.

Além disso, o atendimento individual aos alunos é considerado o principal benefício para os estudantes. Segundo as famílias entrevistadas, o fato de serem atendidos individualmente faz com que os estudantes sintam-se mais seguros para esclarecer dúvidas durante as aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fechar a pesquisa apresentada, é preciso esclarecer ao leitor que indico um término, mas ainda há de minha parte alguns questionamentos a serem respondidos. Mesmo com os esforços para finalizar a pesquisa e aproximar de todas as questões que me motivaram a realizá-la, considero que algumas dificuldades encontradas durante a etapa da coleta de dados não possibilitaram uma conclusão definitiva para o trabalho.

Apesar de dar ênfase ao estudo as ações da parentocracia, considero que uma outra possibilidade de aprofundamento de pesquisa pode se dar na formação e acompanhamento de um grupo de estudantes para identificar as impressões que eles têm diante do trabalho do professor particular, que pelo limites deste trabalho não foi possível.

Considero que, apesar de a parentocracia exercer grande influência na trajetória escolar dos estudantes, eles não são anulados de todo o processo de construção de uma trajetória escolar de sucesso. Assim, a falta das informações que poderiam ter sido coletadas com esse grupo deixa uma lacuna em minha pesquisa, que no momento não poderá ser respondida.

Além disso, durante a construção do projeto e no início da definição de como a pesquisa seria desenvolvida, tive grande interesse e curiosidade de desenvolvê-la em uma franquia que oferece os serviços do professor particular em Campo Grande/MS. Com as mudanças na administração da empresa, alguns ajustes tiveram que ser feitos, e o fato de somente uma professora do Centro de Ensino ter dado entrevista foi um obstáculo para esclarecer de forma mais ampla as curiosidades sobre as novas formas que o professor particular encontra para colocar-se no mercado escolar.

Outro fator que contribuiu para a impossibilidade de uma imersão maior na pesquisa foram as poucas produções acadêmicas sobre o tema investigado. Considero que a análise dos dados possibilitou a identificação de pontos importantes, porém em alguns momentos não foi possível uma análise mais profunda, visto que não encontrei produções que me permitissem explorar mais os dados levantados.

Também tive muita dificuldade em encontrar famílias que aceitassem participar da pesquisa. Considero que essa dificuldade tenha sido ocasionada pela falta de professores que fizessem a mediação para estabelecer um contato com as famílias. Apesar disso, considero que o grupo formado possibilitou que o objetivo principal da pesquisa fosse respondido. Assim, ao apresentar as limitações encontradas no desenvolvimento da pesquisa, esclareço que as “considerações finais” apresentadas não são suficientes para encerrar as discussões diante do tema proposto.

Compreendo que as ações desenvolvidas pelos pais durante a trajetória escolar dos filhos são as mais variadas possíveis. O interesse pelo estudo das estratégias idealizadas pelos pais para que os estudantes percorressem uma trajetória escolar de sucesso surgiu ainda na época em que desenvolvi meu projeto de TCC. Dentre as muitas estratégias encontradas nessa pesquisa que considero o início deste trabalho, identifiquei a contratação de professores particulares. Pesquisas indicam que

[...] nos últimos 25 anos, vem se desenvolvendo uma “escola fora da escola”, [...] a expansão atual de um conjunto de dispositivos de suporte à ação escolar (“soutien scolaire”) que têm por finalidade equipar o aluno para a corrida de obstáculos escolar. Trata-se de um arsenal constituído de materiais para-escolares e de dispositivos de terceirização da ajuda doméstica: aulas particulares, serviços a domicílio, consultórios de psicopedagogia, empresas especializadas no acompanhamento do dever de casa e, mais recentemente, o surgimento da figura do “coaching scolaire” que consiste numa espécie de treinador (“entraîneur”) para a vida escolar, isto é, um mediador entre o aluno e a escola e entre o aluno e os pais que auxilia na adoção de métodos de organização do trabalho, de uma relação sadia com os estudos. (NOGUEIRA, 2010, p. 224).

É importante lembrar que o conceito de estratégia utilizado nessa investigação é o de Bourdieu, que entende estratégia como uma ação que se desenvolve a partir das situações em que os agentes se encontram no momento, e que para se concretizarem dependem das condições culturais, sociais e econômicas de cada um.

Apesar de ter como foco na pesquisa a presença do professor particular durante o processo de escolarização dos agentes-estudantes, considero que uma trajetória escolar de sucesso não pode ser explicada a partir de um único elemento, mas sim a partir da observação de todos os caminhos que levam o estudante a alcançar o chamado sucesso escolar.

Durante a banca de defesa da dissertação apresentada neste trabalho, um dos pontos discutidos foi que assim como o professor das salas regulares não podem ser apontados como os responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem dos estudantes, os professores particulares também não podem ser entendidos como a única solução, visto que existem outros elementos que contribuem para que os estudantes aprendam os conteúdos escolares.

Ao trabalharmos com Bourdieu é fundamental considerar que

[...] Bourdieu afirma, de modo radical, o caráter socialmente condicionado das atitudes e comportamentos individuais. O indivíduo, em Bourdieu, é um ator socialmente configurado em seus mínimos detalhes. Os gostos mais íntimos, as preferências, as aptidões, as posturas corporais, a entonação de voz, as aspirações relativas ao futuro profissional, tudo seria socialmente constituído. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p.19).

Um desses elementos discutidos com a banca foi a participação dos colegas de turma dos estudantes. Apesar de identificarmos que exista uma concorrência entre os estudantes, não podemos esquecer que há uma interação diária entre esses agentes que podem ser fundamentais para o aprendizado.

Durante muito tempo, as trajetórias escolares de sucesso eram compreendidas como uma consequência do mérito individual dos estudantes. Com a maior participação dos pais e a ampliação do mercado escolar, a chamada meritocracia torna-se insuficiente e até mesmo injusta, visto que nem todos os estudantes possuem as mesmas condições econômicas, sociais e culturais.

Ao realizar a leitura das obras de Bourdieu e seus interlocutores, foi possível compreender que o discurso da meritocracia não é suficiente para explicar as trajetórias escolares de sucesso, visto que muitos elementos importantes para as análises dessas trajetórias não são considerados, e o que resta é uma visão superficial.

Ainda que a escola proclame, persistentemente, sua função de instrumento de mobilidade social, seus estudos vão revelar o caráter ilusório desta promessa, demonstrando que ela exerce um papel crucial na perpetuação das desigualdades frente à cultura. A ingenuidade face ao processo de democratização da educação fica conseqüentemente evidenciada assim como o fato da escola funcionar como uma máquina de seleção social. Ao ignorar que as aptidões dos alunos não se devem somente aos “dons naturais” e méritos pessoais (os quais permanecem hipotéticos), a escola transmite, por

meio dos dispositivos de julgamento que emprega, a cultura da elite reafirmando seus privilégios sociais. (VALLE, 2013, p. 419).

O discurso da meritocracia, portanto, tem a intenção de promover a ideia de que todos estão diante das mesmas oportunidades, e que o sucesso ou o fracasso escolar é uma consequência das ações individuais dos estudantes diante das decisões sobre sua vida escolar. Analisando as diferenças culturais, sociais e econômicas é possível perceber que a igualdade promovida pelo discurso da meritocracia não é algo real nos espaços escolares.

Se a participação da família na trajetória escolar dos agentes é a questão principal abordada por este trabalho, fica imprescindível uma reflexão sobre esse momento em que a família é colocada em evidência nos discursos políticos do país, a exemplo do que se presenciou na votação do impeachment da Presidente Dilma Rousseff. Nos discursos apresentados a instituição de âmbito privado, ganhou mais evidência do que os interesses do espaço público.

[...] A palavra ‘família’ também foi bastante proferida assim que teve início a votação (mais de 110 vezes). Os filhos foram utilizados como justificativa para o voto por 72 parlamentares, que também fizeram homenagens a pais, esposas e netos. O deputado Marcelo Álvaro Antônio (PR-MG) chegou a voltar ao microfone, quatro deputados após sua fala, para dizer que havia esquecido de “mandar um abraço” para o filho. (REIS, 2016)⁴⁵.

É possível notarmos que nos discursos em que as famílias dos próprios deputados são colocadas em evidência, não há uma discussão sobre a diversidade da formação da família, assim também não é possível uma compreensão dos interesses defendidos, visto que os diferentes grupos sociais estão em busca de diferentes objetivos que são definidos a partir de suas condições culturais, sociais e econômicas.

O que os indicadores demográficos revelam, na verdade, são mudanças na concepção geral do casal e da família e remetem às transformações contemporâneas referentes aos fundamentos do laço familiar. Na verdade, é importante percebermos que o período atual caracteriza-se não pela ausência, mas sim pela pluralidade de normas para construir a família, o que

⁴⁵ Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/04/deus-filhos-veja-os-termos-mais-citados-na-votacao-do-impeachment.html>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

não deixa de criar incertezas numa sociedade contemporânea caracterizada por um contexto de permanentes desafios. (COSTA, 2009, p. 362).

Essa pluralidade de normas apresentada pela autora, também significa uma pluralidade de interesses e possibilidades. Que condições permitem que os deputados utilizem um espaço de defesa do interesse público, para colocar em evidência uma questão tão particular quanto os interesses de suas próprias famílias?

Existe no discurso desses deputados, a ideia de que os interesses de suas famílias, sejam os mesmos interesses de todas as famílias, e portanto, ao defenderem suas famílias defenderiam todos os grupos familiares, como se todos estivessem nas mesmas condições, assim a meritocracia encontra uma forma de manter-se nos ideais políticos do Brasil.

A partir do processo de elaboração da pesquisa e das leituras realizadas, compreendo que: “[...] os resultados escolares de um aluno estariam se tornando cada vez mais dependentes dos recursos financeiros e da capacidade estratégica de seus pais, e cada vez menos de seu valor escolar.” (NOGUEIRA, 2010, p. 223).

Dessa forma, os pais desenvolvem estratégias, e nos casos estudados, a contratação do professor particular torna-se a alternativa encontrada para combater as dificuldades escolares. Assim, as ações da chamada parentocracia ganham cada vez mais espaço na vida escolar dos estudantes e é possível notar uma ampliação do mercado paraescolar que apesar de ser destinado aos estudantes, procura também se adequar às necessidades dos pais.

A organização das atividades que ocupam o tempo dos estudantes é realizada pelos pais. Há a intenção de que essas atividades exerçam algum tipo de influência na trajetória escolar dos estudantes, mesmo quando elas não ocorrem dentro das escolas. Os pais buscam no mercado escolar alternativas para garantir que os filhos tenham sucesso escolar. Esse movimento é denominado de cultivo orquestrado, e está diretamente relacionado ao conceito de parentocracia.

As atividades são organizadas a partir das condições culturais, sociais e econômicas de cada família. Assim, o mercado escolar se organiza e oferece aos diversos grupos sociais as mais variadas alternativas para combater as dificuldades encontradas pelos estudantes. Compreendo que o professor particular se configura como uma das alternativas mais antigas das quais os pais e estudantes podem fazer uso. A partir da análise de sites, foi possível perceber um movimento de institucionalização do trabalho dos professores particulares, bem

como uma tentativa de modernização do oferecimento de aulas particulares que, atualmente, podem ser realizadas de forma *online*.

Para compreender as novas formas de atuação do professor particular, contei com a participação de proprietários, gestores e professores de duas instituições que oferecem reforço e acompanhamento escolar na cidade de Campo Grande/MS. Uma das instituições que participou da pesquisa foi a franquia “Aulas Particulares”, que conta com um grande quadro de professores e uma equipe de gestores que cuida da parte administrativa e pedagógica da empresa.

A segunda instituição investigada foi o “Centro de Aulas Particulares”. Essa instituição é propriedade de uma professora que atuava somente dando aulas em escolas e oferecendo aulas particulares. Após algum tempo, optou por deixar de dar aulas em escolas, pois estava com dificuldade para conciliar os horários, visto que a demanda por aulas particulares estava aumentando, então optou por abrir um local específico para oferecer seus serviços.

Apesar de não ter a intenção de realizar uma comparação entre as instituições, foi possível perceber uma diferença entre o trabalho realizado nesses espaços. Foi possível constatar que os pais que fazem uso dos serviços oferecidos pela franquia não estabelecem um contato com os professores. A relação é intermediada pela coordenadora pedagógica que passa aos professores as exigências dos pais e as necessidades de cada aluno.

Os professores que trabalham na franquia não conseguem identificar, sozinhos, quais são as expectativas dos pais em relação ao trabalho que desenvolvem, porém afirmam que o contato com os alunos permite que eles saibam de que forma os pais participam da vida escolar dos filhos, e que tipo de objetivos os pais têm em relação à escolarização de seus filhos. Ao contrário dos professores da franquia, no caso do Centro de Aulas Particulares, em que a professora proprietária estabelece um contato direto com os pais, é possível que o professor identifique os objetivos que os pais esperam alcançar a partir da contratação do professor particular.

Considero que a presença de uma equipe pedagógica especializada seja um diferencial positivo para a franquia, pois há a possibilidade de definir com mais clareza as dificuldades e ações que devem ser desenvolvidas para auxiliar os alunos, porém a falta de contato entre pais e professores pode causar um efeito negativo, visto que não há um diálogo direto para identificar as reais intenções dos pais diante do trabalho desenvolvido pelos professores.

Esclareço que a atuação do professor particular não pode ser compreendida como a solução para todos os problemas enfrentados pelos estudantes. Conforme foi possível perceber durante o desenvolvimento da pesquisa, o professor particular desenvolve um trabalho que influencia no comportamento dos estudantes em diversos aspectos, porém é a partir da necessidade de cada estudante que o trabalho desenvolvido pelo professor particular é entendido como satisfatório ou não.

Além disso, é importante considerarmos que as famílias apresentadas nessa pesquisa contam com outros elementos do mercado escolar para oferecer aos filhos a possibilidade de um bom desempenho escolar. Assim, é importante ressaltar que, nesses casos, o professor particular faz parte de uma rede de investimentos realizados pelas famílias que buscam combater as dificuldades encontradas pelos estudantes.

Outro ponto que merece destaque sobre as entrevistas realizadas com as famílias, é o fato de que somente as mães dos estudantes participaram dessa etapa. Além disso, em seus relatos a participação dos pais na vida escolar dos filhos não foi enfatizada por nenhuma das mães, a ausência paterna é uma constante no grupo investigado. Fialho (2012, p. 37) indica que “[...] as mães gerenciam e são as primeiras responsáveis pela vida escolar dos filhos.”. Nos depoimentos coletados em nossa pesquisa, as mães se colocaram como responsáveis pelos diálogos com as escolas que resultou na contratação do professor particular.

Nenhuma das mães relatou que durante a própria trajetória escolar contou com a participação de professores particulares. Identificamos nessas famílias a inauguração de uma prática, como tentativa de fazer com que seus filhos não tenham “deslizes” em suas trajetórias escolares, como uma reprovação, por exemplo.

Ao olharem para o filho exitoso, os pais constataam o seu próprio êxito e confirmam sua competência como educadores bem-sucedidos. Sentimentos de orgulho e segurança preservam sua autoestima alicerçada no sucesso do filho que é o seu próprio sucesso. Ao contrário, se ao olharem para experiência escolar do filho, os pais detectam a prevalência de fatos que apontam para o insucesso, e o fracasso será vivido como algo de ordem pessoal. Foram os pais que, em algum momento, erraram, fizeram escolhas equivocadas e inadequadas. (FIALHO, 2012, p. 46).

A contratação do professor particular é uma tentativa de garantir que os filhos não fracassem na escola, mas também refletem na vontade dos pais que assim estariam presentes

nessa trajetória escolar de forma satisfatória. Se por algum motivo os pais não podem participar, há uma compensação a partir da contratação do professor particular.

A partir das entrevistas realizadas, foi possível compreender que nem sempre os objetivos dos pais, ao contratarem um professor particular, serão os mesmos. Assim, as dificuldades dos estudantes são os elementos que definem os rumos que o trabalho desenvolvido pelos professores deve tomar.

A contratação do professor particular é considerada uma forma de garantir que os estudantes tenham um acompanhamento escolar que muitas vezes os próprios pais não podem realizar. A presença do professor particular diminui as angústias dos pais em deixar que os filhos sejam os únicos responsáveis pelo cuidado com a rotina escolar.

Nas entrevistas realizadas, foi possível identificar algumas razões que impedem que as famílias participem mais efetivamente da vida escolar dos filhos. A falta de tempo foi apontada como um fator impeditivo. Além disso, as mães relataram que, em alguns momentos, por não entenderem o conteúdo estudado pelos filhos, não conseguem auxiliá-los. Portanto, a presença de um professor particular é uma garantia de que os filhos receberão a ajuda de um profissional qualificado que terá tempo para dedicar-se às dificuldades dos estudantes.

A participação dos pais na vida escolar dos estudantes se dá a partir de cada contexto sociocultural em que a família está inserida. Assim, diferentes grupos sociais estabelecem diferentes formas de participação dos pais nas trajetórias escolares percorridas pelos estudantes.

Dessa forma, é possível identificarmos que os pais preocupam-se em dar aos filhos elementos necessários para a superação das dificuldades escolares. A busca pelo professor particular pode surgir a partir de uma observação dos pais, mas também por indicação das escolas em que os filhos estão matriculados.

O diálogo com a escola também é um fator que contribui para que os pais consigam se aproximar e perceber as dificuldades dos filhos. A partir de conversas com professores, coordenadores e diretores, as famílias entrevistadas durante a pesquisa puderam desenvolver estratégias que visavam auxiliar os filhos nas atividades escolares.

A parceria entre professores particulares e a escola dos estudantes é compreendida como uma forma de dividir a responsabilidade que as duas instituições têm com o investimento realizado pelos pais. As escolas também desempenham um papel importante

durante o processo de decisão da contratação do professor particular, já que professores, diretores e coordenadores muitas vezes são responsáveis pela indicação de profissionais que oferecem o reforço escolar particular.

Foi possível perceber que não há um conflito entre escolas e professores particulares. Há, por parte das escolas, um incentivo para que os pais contratem professores particulares quando necessário. Compreendo que o trabalho do professor particular é visto como um complemento do que é oferecido pelas escolas. Por esse motivo, não há uma preocupação, por parte das escolas, quando os pais optam por incluir esse profissional na vida escolar dos filhos.

O atendimento individualizado é compreendido como a principal vantagem que os professores particulares podem oferecer aos estudantes. Durante esse tipo de atendimento, é apontado que há uma maior proximidade entre o estudante e o professor. Essa proximidade permite que os estudantes se sintam mais à vontade e mais seguros para realizar questionamentos sobre a matéria estudada.

Por parte das famílias entrevistadas, a contratação do professor particular é vista como um investimento satisfatório. Além disso, não consideram que seja um gasto alto e, além do professor particular, os pais se dispõem a fazer, sempre que possível, investimentos que complementem esse trabalho. Assim,

Os pais/mães que podem pagar professoras/es particulares de reforço escolar terceirizam o acompanhamento familiar, uma prática comum entre famílias usuárias de escolas privadas, mas também de escolas públicas, pois o mercado de reforço escolar atende todos os bolsos. (CARVALHO, 2006, p. 96).

Entre o grupo das famílias entrevistadas, há a concordância de que os investimentos realizados na educação dos filhos devem ser feitos, pois são entendidos como algo que dará um retorno no futuro, para os estudantes e seus familiares. É possível notar, em todas as famílias entrevistadas, o desejo em aumentar os investimentos na trajetória escolar dos filhos, buscando uma garantia de que eles terão uma longevidade escolar que garanta uma boa colocação no mercado de trabalho futuramente. Nota-se que

[...] os pais que projetam para seus filhos uma carreira dotada de formação acadêmica elevada e que abra oportunidades profissionais, naturalmente

esperam que seus filhos obtenham na escola as qualificações necessárias a tais aspirações. (FERRAZ, 2008, p. 56).

Quando os filhos encontram dificuldades que ameaçam os planos idealizados pelos pais, surge então a necessidade de realizar novos investimentos. Durante o desenvolvimento das entrevistas, foi possível constatar que a decisão da contratação do professor particular independe da vontade dos estudantes. Muitas vezes, eles são contrários a essa decisão, porém, ao perceberem uma melhora em seu desempenho escolar a partir da presença desse profissional, acabam tomando a iniciativa de pedir que os pais contratem os professores ao sentirem a necessidade.

Assim, a decisão dos pais que de primeiro momento pode se concretizar na vida escolar dos filhos de maneira impositiva, passa a ser entendida pelos estudantes como um benefício. Podemos notar que, a partir da ação dos pais, os estudantes passam a ter um novo comportamento em relação às práticas educativas a que são submetidos. Nos casos investigados, foi possível identificar que os professores particulares são vistos como um investimento que, além de proporcionar aos estudantes um reforço escolar, faz com que eles tenham uma maior autonomia para organizar e desenvolver as tarefas escolares.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ana Paula Salheb; ALMEIDA, Ana Maria F. O valor do diploma nas práticas de recrutamento de grandes empresas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 138, set./dez. 2009.
- ALVES, Telma Aparecida Luciano. **Efeito-escola, participação familiar e tutoria educacional na aprendizagem de alunos: um estudo de caso**. 2011. 274 f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente-SP. 2011.
- AMARAL, Daniela Patti do; OLIVEIRA, Fátima Bayma de. O ProUni e a conclusão do ensino superior: questões introdutórias sobre os egressos do programa na zona oeste do Rio de Janeiro. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 70, p. 21-42, Mar. 2011.
- ANTÓNIO, Ana Sofia; TEODORO, António. A nova classe média e o mandato atribuído à escola: um olhar sobre artigos de opinião publicados na imprensa portuguesa. **Educação, Sociedade & Culturas**, nº 33, 2011, p. 159-177.
- BALL, Stephen J. Mercados educacionais, escolha e classe social: o mercado como uma estratégia de classe. In: GENTILI, Pablo. **Pedagogia da exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- BARBOSA, Lívía. Meritocracia e sociedade brasileira. **Revista de Administração de Empresas**, v. 54, n.1, jan-fev. 2014.
- BARROSO, João; VISEU, Sofia. A emergência de um mercado educativo no planejamento da rede escolar: de uma regulação pela oferta a uma regulação pela procura. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 84, p. 897-921, set. 2003.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BONAMIO, Alicia; ALVES, Fátima; FRANCO, Creso; CAZELLI, Sibeles. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, set./dez. 2010.
- BOUDON, Raymond. et al. **Dicionário de Sociologia**. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007a.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007c.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, PIERRE. et al. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATTANI, Afrânio. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2007b.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2014.

BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATTANI, Afrânio. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2007b.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, São Paulo: Papirus. 1996.

BORBA, Fernanda Matos de. **Confessionalidade na escola**: a relação entre religião e educação no projeto educativo da rede Marista. 2014. 96 p. Dissertação (Mestrado). Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2014.

BRANDÃO, Zaia. Práticas cotidianas na escola e na família: hipóteses sobre a constituição de habitus escolares. In **33ª Reunião Anual da ANPED**, 2010, Caxambu, p.1-19.

BRANDÃO, Zaia; WALDHELM, Andrea Paula de Souza; FELIPE, Luiza Helena Lamego. Sites escolares: uma nova estratégia na construção da imagem de excelência das instituições de ensino? **Boletim Soced**, Rio de Janeiro, n. 5, 2008. Disponível em: <<http://migre.me/qAg1n>> Acesso em: 01/07/2015.

CANTUARIA, Adriana Lech. **Escola internacional, educação nacional**: a gênese do espaço de escolas internacionais de São Paulo. 2005. 173 f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2005.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família–escola. **Revista Lusófona de Educação**. v. 8, 2006.

CASTRO, Nadia Studzinski Estima de. **Investigação sobre as formas de preparação para o ingresso no ensino superior: uma educação na sombra ou um sombra na educação?**. 2013. 186 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, PUCRS. Porto Alegre. 2013.

CATTANI, Antonio David; KIELING, Francisco dos Santos. A escolarização das classes abastadas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, nº 18, jun./dez. 2007, p. 170-187.

CAVALCANTE, Roseli Schultz Chiovitti. Colaboração entre pais e escola: educação abrangente. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 2, n. 2, p. 153-160, 1998.

CORIDIAN, Charles. Os usuários de produtos paraescolares: pais ou filhos?. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 84, p. 945-953, setembro 2003.

COSTA, Livia Fialho da. Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos. In: NASCIMENTO, AD.; HETKOWSKI, TM., orgs. **Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas [online]**. Salvador: EDUFBA, 2009, 400 p. ISBN 978-85-232-0565-2. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 10 mai. 2016

CUNHA, Luis Antônio. **A simbólica violência da teoria**. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/608.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. São Paulo, PUC, 1979.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

FERRAZ, Wendel Renato. **Práticas educativas familiares em meios favorecidos e vida acadêmica: o caso de uma escola da rede particular de ensino**. 2008. 80f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2008.

FIALHO, Flávia Barros. **Mobilização parental e excelência escolar: um estudo das práticas educativas de famílias das classes médias**. 2012. 123 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2012 .

GARTNER, Antonio Clóvis. **Falas e atravessamentos no discurso dos pais sobre participação na vida escolar dos filhos**. 2008. 85f. Dissertação (Mestrado). Universidade Regional de Blumenau – FURB, Blumenau. 2008.

GOBBI, Roseane Vital. **Sucesso e Fracasso Escolar nas Famílias Populares: Um Estudo de Caso**. 2008. 138 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. 2008.

KULNIG, Rita de Cássia Mitleg. **Educação e desigualdade social: um estudo com jovens da elite**. 2010. 261f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

LAREAU, Annette. A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas. **Educação em Revista**, n. 46. p. 13-82. dez. 2007.

LOYOLA, Maria Andréa. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

MATTOS, Luiz Otavio Neves . A formação de professores e as sombras da profissão: o caso das explicadoras do Rio de Janeiro. In: **32ª. Reunião Anual da ANPEd**, 2009, Caxambu. 32ª. Reunião Anual da Anped - 2009, 2009.

MAURÍCIO, Lúcia Velloso. Participação dos pais na escola: a representação do professores. **Cadernos Cenpec | Nova série**, [S.l.], v. 4, n. 6, jun. 2009.

MENDES, Igor Adolfo Assaf. **Trajetórias educacionais, capital cultural e herança familiar**. 2012. 107f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2012.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 17. p. 240-264. jan./jun. 2007.

NEGRI, Stefania de Resende. **A “Responsabilidade Social” no mercado escolar: uma análise sociológica das demandas parentais em suas relações com a oferta educativa**. 2012. 305 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2012.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 7, p. 15-35, Abr de 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. **Anál. Social**, Lisboa , n. 176, out. 2005.

NOGUEIRA, Maria Alice. Classes Médias e escola: novas perspectivas de análise. **Currículo sem Fronteiras**, v.10, n.1, p.213-231, Jan-Jun 2010.

NOGUEIRA, Maria Alice. Estratégias de escolarização em famílias de empresários. In: ALMEIDA, Ana Maria F.; NOGUEIRA, Maria Alice. (Org.). **A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Educação e realidade**, v. 2, n. 31, p. 155-170, Jul./ Dez. 2006.

NOGUEIRA, Maria Alice. Um tema revisitado. As classes média e a educação escolar. In: DAYRELL, Juarez et al. (Org.). **Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2012, p. 110-131.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 15-35, Apr. 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. (Org.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NUNES, Gilda Aparecida Nascimento. **Escola de tempo integral: Os sentido e significados atribuídos pela criança**. 2013. 148f. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Educação, 2013.

OLIVEIRA, Cristiane Gomes. **“Diga-me com quem andas e eu te direi quem és”**: A escolha da escola como estratégia de distinção. 2005. 148f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2005.

ORTALE, Fernanda Landucci. **O caráter perguntador do professor de língua estrangeira e a construção de identidades sociais em contexto de interação didática características de aulas particulares**. 1995. 14 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1995.

PIÇON, Michel; PIÇON-CHARLOT, Monique. A infância dos chefes: a socialização dos herdeiros ricos na França. In: ALMEIDA, Ana Maria F.; NOGUEIRA, Maria Alice. (Org.). **A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 11-28.

PRADO, Ceres Leite. **“Intercâmbios culturais” como práticas educativas em famílias das camadas médias**. 2002. 343 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2002.

PORTES, Écio Antônio. O trabalho escolar em famílias de camadas populares. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. (Org.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

RESENDE, Tânia de Freitas. Entre escolas e famílias: revelações dos deveres de casa. **Paidéia**, v. 18, n. 40, p. 385-398, 2008.

RIBEIRO, Vanda Mendes. Que princípio de justiça para a educação básica?. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 44, n. 154, p. 1094-1109, out-dez. 2014.

RIEDNER, Daiani Damm Tonetto. **Estratégias de escolarização: ações combinadas entre famílias de grupos da elite e uma escola de prestígio**. Dissertação (Mestrado em Educação). Campo Grande, MS: UFMS, *Campus* de Campo Grande, 2013. 185 p.

ROBERTSON, Susan; VERGER, Antoni. A origem das parcerias público-privadas na governança global da educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 121, p. 1133-1156, out./dez, 2012.

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos. A precarização do trabalho docente no Ensino Superior: dos impasses às possibilidades de mudanças. **Educar em Revista**, v. 19, n. 56, p. 123-253, jan.-mar. 2012.

SARAIVA, Luís Fernando de Oliveira. et. al. A “nova classe média”: repercussões psicossociais em famílias brasileiras. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 52-61, Apr. 2015.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. In: _____ et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004, pp. 9-57.

SILVA, Max Ronaldo da. **A meritocracia como fator de estímulo no desempenho da educação brasileira: problematizações e novas possibilidades**. 2014. 108 f. Dissertação (Mestrado). Fac. de Educação – PUCRS, Porto Alegre, 2014.

SOUZA, Fernanda de Lima. **A escolha de um estabelecimento de ensino católico por algumas famílias moradoras do Méier: a pluralidade do ato de escolher.** 2012. 140f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2012.

SCHWEDER, Schirley Sandra. **Rendimento escolar das crianças das camadas populares: um estudo a partir dos modos de controle familiar.** 2009. 87 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Regional de Blumenau – FURB, Blumenau. 2009.

TATIT, Diana Ribeiro. **Aluno “difícil”:** por quê? Para quem? : um olhar para a educação contemporânea a partir da relação professor-aluno. 2013. 106 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

VALLE, Ione Ribeiro. A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.33, n.1, p. 117-134, jan./abr. 2007.

VALLE, Ione Ribeiro. O lugar da educação (escolar) na sociologia de Pierre Bourdieu. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 24, n. 84, p. 945-953, setembro 2003.

VIANA, Maria José Braga. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. (Org.). **Família e escola:** trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

WALDHELM, A. P. S. **Escolas de prestígio e o jogo concorrencial** – estudo exploratório a partir de websites escolares. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, Rio de Janeiro, 2009.

ZAGO, Nadir. A relação escola-família nos meios populares: apontamentos de um itinerário de pesquisa. In: DAYRELL, Juarez et al. (Org.). **Família, escola e juventude.** Olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2012, p. 110-131.

ZAGO, Nadir. Fracasso e sucesso escolar no contexto das relações Família e escola: questionamentos e tendências em Sociologia da educação. **Revista Luso-Brasileira de Sociologia da Educação**, Rio de Janeiro, n. 3, mar. 2011.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. (Org.). **Família e escola:** trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

ZAGO, Nadir. Quando os dados contrariam as previsões estatísticas: os casos de êxito escolar nas camadas socialmente desfavorecidas. **Paidéia, Ribeirão Preto**, v. 10, n.18, jan./jul. 2000.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA – GESTORES (Pedro)

Pesquisador: Sabemos que a “Aulas Particulares” é uma franquia espalhada por várias cidades do Brasil. Sendo assim, gostaríamos que você relatasse como foi a criação de uma unidade em Campo Grande.

Pesquisador: Como a equipe de gestores foi formada?

Pesquisador: Como ficou sabendo do trabalho aqui na “Aulas Particulares”?

Pesquisador: Mas você deu aula aqui também?

Pesquisador: Foi exigida alguma formação específica para exercer seu trabalho?

Pesquisador: Mas não é uma exigência da franquia?

Pesquisador: Quantos professores atuam na “Aulas Particulares”? Como é feita a escolha desses professores?

Pesquisador: De que forma a “Aulas Particulares” tornou-se conhecida no mercado escolar? Vocês criaram parcerias com outras instituições?

Pesquisador: Qual seria o diferencial da “Aulas Particulares”?

Pesquisador: Em geral, os pais procuram a “Aulas Particulares” por indicação das escolas ou vocês observam que os pais identificam os problemas de aprendizagem e tomam a iniciativa da busca por uma alternativa sem o aconselhamento da escola?

Pesquisador: Os alunos atendidos pela “Aulas Particulares” são em geral, de escolas particulares ou públicas?

Pesquisador: Que tipo de serviços escolares são oferecidos pela “Aulas Particulares”?

Pesquisador: Vocês possuem material próprio ou as aulas acontecem a partir do material que o aluno utiliza em sua escola de origem?

Pesquisador: Em média, quanto tempo um aluno fica na “Aulas Particulares”?

Pesquisador: Vocês observam que seus alunos continuam utilizando o serviço da “Aulas Particulares” mesmo quando seus objetivos já foram atingidos? Por exemplo, um aluno pode procurá-los quando precisa estudar para uma prova de recuperação para melhorar as notas de um bimestre. Após essa prova, o aluno continua com a “Aulas Particulares” ou volta a contar apenas com o ensino oferecido por sua escola?

Pesquisador: Qual é a relação dos gestores com os pais? Existe algum tipo de diálogo para saber se o serviço oferecido está satisfatório, ou o contato dos pais é mais com os professores?

Pesquisador: As perguntas acabaram. Se tiver mais alguma coisa que você queira acrescentar.

ROTEIRO DE ENTREVISTAS - GESTORES (Thaís)

Pesquisador: A primeira pergunta é sobre sua formação. Qual é a sua formação e há quanto tempo trabalha na área?

Pesquisador: Como que é feita essa avaliação?

Pesquisador: E essa avaliação é você que monta ou é da franquia?

Pesquisador: Quais são as expectativas dos pais em relação ao trabalho que será desenvolvido aqui?

Pesquisador: Qual é a proposta pedagógica da “Aulas Particulares” e que atendimentos são prestados aos estudantes?

Pesquisador: E quando chega de escolas desconhecidas?

Pesquisador: E as escolas são receptivas?

Pesquisador: Vocês observam que os estudantes continuam utilizando os serviços da “Aulas Particulares” mesmo quando os objetivos foram atingidos?

Pesquisador: Esses relatórios, os pais costumam dar algum tipo de devolutiva?

Pesquisador: Qual é a relação dos pais com vocês gestores? Eles costumam vir conversar...

Pesquisador: E que tipos de reclamações que os pais chegam aqui sobre os filhos?

Pesquisador: E que tipo de benefícios podem ser apontados a partir da contratação do professor particular?

Pesquisador: E qual a diferença que você observa entre os trabalhos dos professores aqui da “Aulas Particulares” e de escolas convencionais?

Pesquisador: Então acabaram as perguntas, se você quiser acrescentar mais alguma coisa.

ROTEIRO DE ENTREVISTA – PROFESSORES (Antônio)

Pesquisador: Então, a primeira pergunta é qual é sua formação acadêmica?

Pesquisador: Entendi. Há quanto tempo é formado, não é formado ainda, mas há quanto tempo você está no curso?

Pesquisador: 5º semestre. E há quanto tempo você atua como professor?

Pesquisador: Já trabalhou em quantas instituições?

Pesquisador: E como que começou?

Pesquisador: Entendi. Como surgiu o interesse para trabalhar na instituição de “Aulas Particulares”? Como você ficou sabendo desta instituição?

Pesquisador: Então você começou bem no começo da “Aulas Particulares”?

Pesquisador: Você passou por uma formação específica para atuar na “Aulas Particulares”? Como foi essa formação?

Pesquisador: De quanto tempo é a capacitação? Você falou?

Pesquisador: Antes de atuar na instituição de “Aulas Particulares”, você já havia trabalhado, você já falou. Quantos estudantes você atende na “Aulas Particulares”? Quanto tempo dura uma aula?

Pesquisador: Mas quantos alunos você atende, não individualmente, mas no total?

Pesquisador: Que diferenças você pode apontar entre o trabalho que desenvolve nesta instituição e o trabalho desenvolvido em uma sala de aula de escolas convencionais?

Pesquisador: Então você diria que é mais essa individualidade?

Pesquisador: As atividades são idealizadas por você? Como você planeja essas atividades?

Pesquisador: Você considera que os estudantes da “Aulas Particulares” se sentem mais a vontade para tirar dúvidas por estarem sendo atendidos individualmente?

Pesquisador: Como é sua relação com os estudantes, é que você não dá aula em escolas, mas a pergunta seria como é sua relação com os estudantes da “Aulas Particulares” comparada com sua relação com estudantes de turmas do ensino regular?

Pesquisador: Você conversa com os pais dos estudantes?

Pesquisador: Você sabe que tipo de exigências os pais fazem? Por exemplo, os alunos passam pra você?

Pesquisador: Em sua opinião os pais matriculam os estudantes na “Aulas Particulares” por uma recomendação da escola, por iniciativa própria para atender um pedido do próprio estudante?

Pesquisador: Você acredita que um estudante ao dispor do atendimento de um professor particular tenha que tipo de vantagens com vistas a melhor desempenho escolar, se comparado a um estudante que não possa contar com esse recurso?

Pesquisador: Tem mais alguma coisa que você queira falar sobre o trabalho do professor particular que não foi perguntado?

ROTEIRO DE ENTREVISTAS – PROFESSORES (Carlos)

Pesquisador: Qual é sua formação acadêmica?

Pesquisador: Há quanto tempo é formado nessa área?

Pesquisador: Há quanto tempo atua como professor?

Pesquisador: Já trabalhou em quantas instituições?

Pesquisador: Como surgiu o interesse para trabalhar na instituição de “Aulas Particulares”? Como você ficou sabendo desta instituição?

Pesquisador: Você passou por uma formação específica para atuar na instituição de “Aulas Particulares”? Como foi essa formação?

Pesquisador: Antes de atuar na instituição de “Aulas Particulares”, você já havia trabalhado como professor particular?

Pesquisador: Quantos estudantes você atendia na instituição de “Aulas Particulares”? Qual é o tempo de duração da aula?

Pesquisador: Que diferenças você pode apontar entre o trabalho que desenvolvia nesta instituição e o trabalho desenvolvido em uma sala de aula de escolas convencionais?

Pesquisador: As atividades eram idealizadas por você? Como você planejava essas atividades?

Pesquisador: Você considera que os estudantes da “Aulas Particulares” se sentiam mais à vontade para tirar dúvidas por estarem sendo atendidos individualmente?

Pesquisador: Como era sua relação com os estudantes da “Aulas Particulares” comparada com sua relação com estudantes de turmas do ensino regular?

Pesquisador: Você conversava com os pais dos estudantes?

Pesquisador: Que tipo de exigências os pais fazem?

Pesquisador: Em sua opinião os pais matriculam os estudantes na “Aulas Particulares” por uma recomendação da escola, por iniciativa própria ou para atender um pedido do próprio estudante?

Pesquisador: Você acredita que um estudante ao dispor do atendimento de um professor particular tenha que tipo de vantagens com vistas à melhor desempenho escolar, se comparado a um estudante que não possa contar com esse recurso?

ROTEIRO DE ENTREVISTAS – FAMÍLIAS (Isabel, Júlia, Laura e Ângela)

Pesquisador: Relate a trajetória escolar de seu (sua) filho (filha). Gostaríamos de ouvi-los sobre a escolha da primeira instituição de ensino e se seu (sua) filho (filha) continua nessa instituição, e o que os levou a permanecer ou sair dessa instituição.

Pesquisador: Qual o ano de escolaridade do seu (sua) filho (a)? Qual a escola que ele (ela) está estudando?

Pesquisador: O que vocês esperam da escola que seu (sua) filho (filha) está matriculado? Vocês consideravam que a escola tenha uma proposta diferente de outras escolas? Em quais aspectos?

Pesquisador: Seu (sua) filho (a) permanece quanto tempo na escola? Você considera importante a permanência dos estudantes na escola para intensificação dos estudos? Por quê?

Pesquisador: Como vocês realizam o acompanhamento escolar de seus filhos?

Pesquisador: Qual é a importância da participação de vocês na trajetória escolar de seu (sua) filho (filha)? Como vocês acham que essa participação afeta o desempenho escolar de seu (sua) filho (filha)?

Pesquisador: Você considera que os gastos destinados à educação de seu (sua) filho (a) sejam altos?

Pesquisador: Em que momento da escolarização de seu (sua) filho (a) vocês sentiram a necessidade de buscar um reforço escolar?

Pesquisador: Como foi tomada a decisão da contratação de um professor particular? A escola interferiu nessa decisão de alguma forma?

Pesquisador: Como seu (sua) filho (a) reagiu quando foi informado dessa decisão? Ele participou das discussões que levaram à tomada dessa decisão?

Pesquisador: Quem indicou o profissional contratado?

Pesquisador: Além do professor particular, vocês buscaram por outras estratégias que colaborassem para o bom desempenho escolar de seu (sua) filho (a)?

Pesquisador: Quais as expectativas e os reais benefícios/vantagens da introdução do professor particular no processo de escolarização de seus filhos?

Pesquisador: Que diferenças podem ser apontadas entre uma trajetória escolar que conte com a participação do professor particular e para uma que não tenha essa possibilidade?

Pesquisador: Que mudanças vocês notaram a partir da presença do professor particular na trajetória escolar de seu (sua) filho (a)?

Pesquisador: O que você gostaria de complementar e não foi perguntado sobre a escolarização do seu (sua) filho (a) em especial sobre a presença do professor particular?

ANEXOS

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

Dados do Projeto de Pesquisa

Título da Pesquisa: Estratégias de parentocracia na escolarização de agentes da Educação Básica: um estudo sobre a presença de professores particulares
 Pesquisador: Letícia Casagrande Oliveira
 Área Temática:
 Versão: 2
 CAAE: 42323614.2.0000.0021
 Submetido em: 04/04/2015
 Instituição Proponente: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS
 Situação: Em Apreciação Ética
 Localização atual do Projeto: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS
 Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Documentos Postados do Projeto

Tipo Documento	Situação	Arquivo	Postagem
Interface REBEC	A	PB_XML_INTERFACE_REBEC.xml	21/07/2015 16:18:46
Informações Básicas do Projeto	A	PB INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO 428230.pdf	04/04/2015 14:47:17
TCLE - Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	A	Termo de consentimento.docx	04/04/2015 14:46:34

Figura 1: Página do Comitê de Ética: submissão do projeto de pesquisa.

Tramitação:

CEP Trâmite	Situação	Data Trâmite	Parecer	Informações
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS	Submetido para avaliação do CEP	10/12/2014		
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS	Aceitação do PP	27/02/2015		
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS	Parecer liberado	01/04/2015		
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS	Submetido para avaliação do CEP	04/04/2015		
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS	Aceitação do PP	23/04/2015		

Localização atual do Projeto: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS

Figura 2: Documentos enviados e situação do projeto no Comitê de Ética e Pesquisa